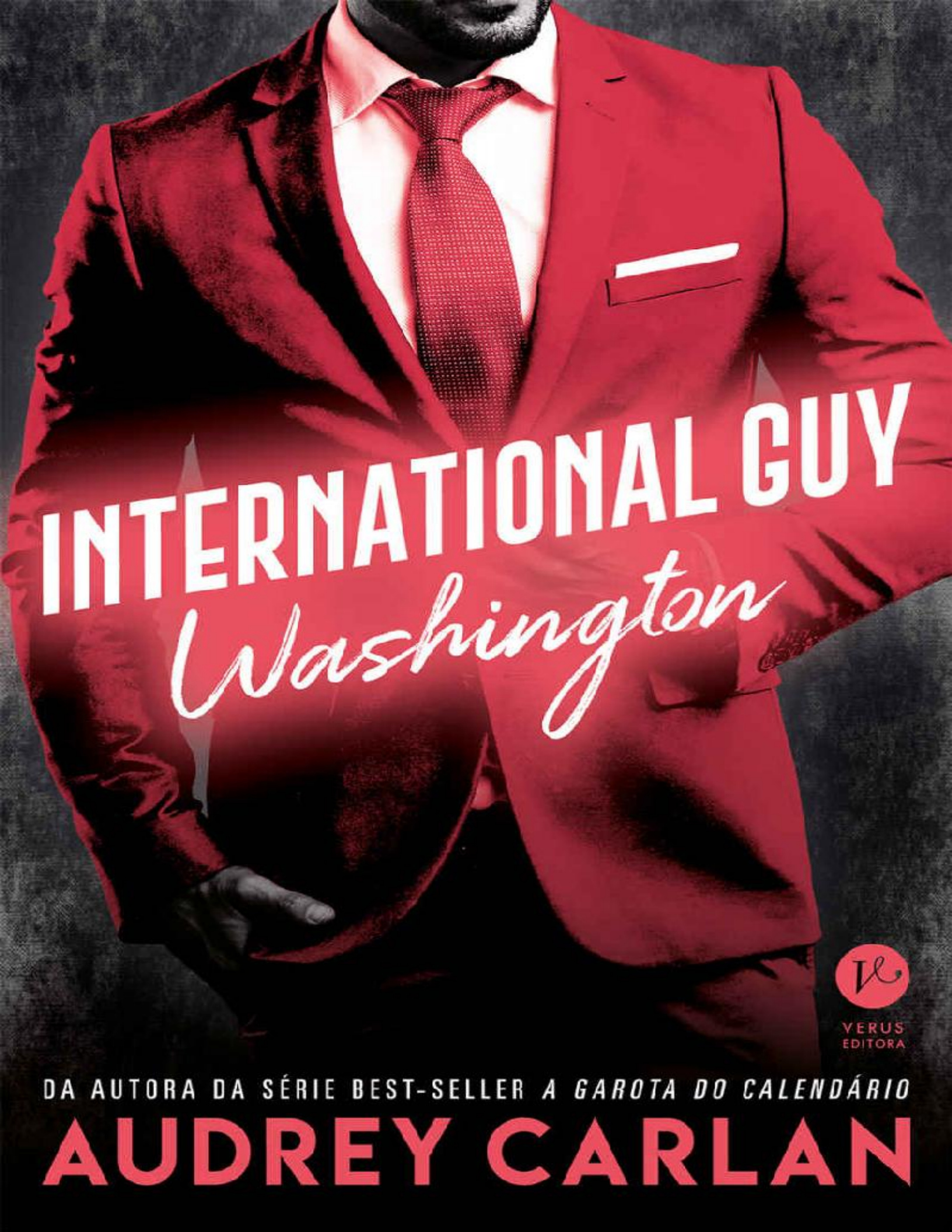




INTERNATIONAL GUY

Washington



VERUS
EDITORA

DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO

AUDREY CARLAN



Também de Audrey Carlan

Série A GAROTA DO CALENDÁRIO

Volumes de *Janeiro a Dezembro*

Série TRINITY

Corpo

Mente

Alma

Vida

Destino

AUDREY CARLAN

INTERNATIONAL GUY
Washington

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2019



VERUS
EDITORIA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Juliana Brandt

Foto da capa

Spectral-Design/Shutterstock
(homem)

Título original

International Guy

London, Berlin, Washington

ISBN: 978-85-7686-757-9

Copyright © Audrey Carlan, 2018

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2019

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278i

Carlan, Audrey

International guy: Washington [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. –
Campinas [SP]: Verus, 2019.
recurso digital (International Guy; 9)

Tradução de: International guy: Washington

Sequência de: International guy: Berlim

Continua com: International guy: Madri

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-757-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

19-54868

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

INTERNATIONAL GUY
Washington

Para Lauren Plude e sua cachorrinha resgatada, Sophia.
Lauren, você deu uma chance a mim e à série International Guy, e eu me
esforço para merecê-la.
Seu amor pela Sophia e suas histórias não têm igual.
Estou muito feliz por você ser a minha editora. Sinto que tirei a sorte grande!
Obrigada por ser quem você é.
E obrigada, Sophia, por ter servido de inspiração para este volume.
Muito amor e lambeijos.

SUMÁRIO

Nota da autora

Skyler

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Skyler

NOTA DA AUTORA

Nesta parte da história, eu me aprofundei em alguns tópicos bastante sérios, incluindo política, crueldade contra animais, abuso sexual, aborto, ética e resgate de animais. Basicamente, mergulhei de cabeça :) Com toda a honestidade, eu pesquisei muito para escrever este livro e fornecer ao leitor as informações mais precisas possível, sem deixar de lado certa liberdade criativa, uma vez que a história é fictícia.

A crueldade contra animais permitida nos testes de produtos para uso humano, incluindo a indústria da beleza — mas não limitada a ela —, é um problema no nosso país e no mundo. Na verdade, fiquei chocada com as coisas horríveis que encontrei durante a minha pesquisa. Alguns desses cenários e situações inspiraram a natureza realista do que está escrito aqui.

Se quiser saber mais sobre direitos dos animais e resgate, confira o Rescue Freedom Project: www.rescuefreedomproject.org.¹

Se você é vítima de abuso sexual ou quer saber como ajudar, acesse o site da RAINN: www.rainn.org. E, se precisar de ajuda neste momento, ligue para 1-800-656-HOPE.²

Espero que goste desta parte da história de *International Guy* e que a leitura seja um incentivo para você pesquisar e se mobilizar naquilo que lhe for importante.

Que situação faria você quebrar todas as regras para seguir sua bússola moral?

Viva a sua verdade,

Audrey

Notas

1 No Brasil há inúmeras ONGs e sociedades protetoras dos animais, como o Instituto Mapaa e a Uipa. Você pode procurar pela internet uma que atue na sua região. (N. do E.)

2 Um recurso de muita valia para vítimas de violência sexual no Brasil é o Mapa do Acolhimento (www.mapadoacolhimento.org), rede virtual de apoio que auxilia as vítimas a localizar serviços de atendimento especializado. E, para quem precisa de ajuda urgente, vale ligar para 188, o número do Centro de Valorização da Vida. (N. do E.)

SKYLER

Eu odeio correr. Eu odeio correr. Eu odeio correr.

A ladainha de sempre flui em minha mente enquanto Nate e Rachel correm ao meu lado, ambos me flanqueando a uma distância protetora.

— Mais uns dois quilômetros? — Nate diz, com um sorriso.

O suor escorre pelas laterais de seu rosto e pela barba curta, castanho-avermelhada, que ele deixou crescer recentemente.

Rachel aperta os lábios.

— Eu aguento — responde, dando uma explosão de energia, de modo que Nate e eu temos que acelerar o ritmo.

Posso ver meu prédio daqui.

— Vocês são malucos? — reclamo enquanto corro sem elegância nenhuma. Então paro bruscamente, me dobrando ao meio e descansando as mãos nos quadris trêmulos. — Sério, vocês dois estão tentando me matar. — Levanto a mão e imito um pato falando. — *Ah, vamos dar uma volta, Sky, correr um pouco. O clima está ótimo. Vai ser bom malhar ao ar livre. Áhã.*

Com extremo esforço, pressiono o peito com a mão, tentando controlar a respiração. O suor escorre pela minha coluna, e eu flexiono as costas e esfrego o local com a camiseta.

Nate leva as mãos à cintura.

— Um corpo em forma é um corpo saudável.

— E um corpo saudável é um corpo cansado! — replico, fazendo beicinho. — Tenho certeza que vocês estão tentando me matar. Matar de correr. Da próxima vez, melhor me perseguir com uma faca na mão. Pelo menos assim iam conseguir os seus dois quilômetros a mais.

Giro sobre meu par de Nike e começo a andar rápido para me afastar daqueles dois sarados e seus exercícios sem fim.

Rachel é incapaz de conter uma risadinha, o que me faz encará-la e lhe mostrar o dedo do meio enquanto vou num trote rápido em direção ao prédio onde moro quando estou em Boston.

— Foi você quem disse que queria estar em forma para a Trilogia Classe A!
— Rachel grita, rindo.

A qualquer momento, os dois vão estar a menos de três metros de mim.

— *Grrrr!*

Vejo o café Grounds, ao lado do edifício onde ficam minha cobertura e o escritório da International Guy. Na maioria das vezes, o dono está atrás do balcão, sempre com o mesmo barista. Já conheço os dois, tiramos selfies juntos e dei autógrafos, de modo que a novidade de ter uma celebridade morando ao lado perdeu a graça. Os dois ficam na deles quando me veem. Além disso, me permitiram abrir uma conta, o que funciona bem quando minha equipe de segurança está tentando me matar e eu não carrego dinheiro comigo.

Como estou olhando para trás, abro a porta do Grounds e trombo com um peito firme. Chá gelado cai sobre minha camiseta, leggings e moletom.

— Merda! — Dou um pulo para trás, sacudindo o gelo da camiseta. — Desculpe! Mil desculpas! — grito e me abaixo para recolher o gelo. — Vou comprar outro para você. Eu estava olhando para trás — murmuro enquanto pego os pedaços escorregadios de gelo.

— Skyler? — diz uma voz familiar.

Encaro o homem alto e vejo os olhos verdes de alguém que reconheço, mas não consigo identificar. Franzo a testa e me levanto. O gelo congela a palma das minhas mãos enquanto derrete.

— Desculpe... — Sacudo a cabeça e jogo o gelo em uma lata de lixo ali perto.

Logo atrás de mim, Nate e Rachel entram. Quando o homem estende a mão para pegar em mim, Nate o segura pelo antebraço e o puxa para trás, imobilizando-o pelas omoplatas em um movimento que deixaria Bruce Lee orgulhoso.

— Ahhhh! Me solte! — o homem grita, o corpo formando um arco no ar, obviamente dolorido.

Eu agito as mãos.

— Não, não, não, Nate! Eu trombei com ele. E ele é... Eu conheço. Por favor, largue o rapaz.

— Me solte! — Ele empurra Nate.

Meu guarda-costas acaba soltando o cara, mas se coloca à minha frente com os braços cruzados, totalmente ameaçador.

— A Skyler e eu somos velhos amigos — o sujeito avisa, girando o ombro e esfregando a mão e o braço machucados.

— É verdade, Sky? — Nate resmunga com a voz profunda. Ele parece meio animalesco e não tira os olhos do homem.

Mordo o lábio e observo o rosto do estranho. Olhos verdes simpáticos, nariz pontudo, maçãs do rosto altas, queixo barbeado. Cabelo curto, corte normal. Jeans e camisa polo. Um cara comum.

— Desculpe. Eu não lembro quando nos conhecemos — digo, franzindo a testa enquanto escavo em minha mente.

O homem estremece, e uma expressão magoada toma seu rosto.

— Nós fizemos um comercial juntos. — Ele franze as sobrancelhas. — “Humm, quando cai na barriguinha eu peço mais. É divertido, parece um bichinho. Cereais Minicaracol!” — cantarola.

— Ai, meu Deus! O comercial dos cereais Minicaracol! Isso foi há... uau, dezessete, dezoito anos? Eu tinha uns oito anos!

Ele sorri.

— E eu tinha dez.

Ele fala como se fosse uma bravata, como se o fato de ser dois anos mais velho que eu quando fizemos aquele comercial, dezessete anos atrás, fosse algo de que se orgulhar.

— Ah, sim — digo, anuindo. — Qual é o seu... Desculpe, não lembro o seu nome.

Seu sorriso desaparece e seu maxilar fica rígido.

— Bom, agora que você é famosa, deve ser difícil lembrar dos velhos amigos. É Ben. Benny Singleton.

Benny Singleton. Agora lembrei. Minha mãe me dizia para ficar longe dele, porque o garoto estava sempre tentando me beijar entre as cenas. Nenhuma

menina de oito anos quer que um menino a beije. Especialmente se ele for desengonçado e tiver cheiro de xarope de bordo.

— Ah, sim, lembrei — respondo, dando um tapinha na cabeça. — Atores, sabe como é. São tantos papéis que a gente esquece o nome real das pessoas.

Ele franze os lábios.

— Imagino.

— Puxa, me deixe pegar outra bebida para você — ofereço com um sorriso, apontando para o balcão movimentado.

Ele olha por cima do meu ombro.

— Desde que o seu namorado mantenha as patas longe de mim... Ele poderia ter me machucado de verdade. — Benny esfrega o braço e a mão.

Rio baixinho, o que o faz franzir a testa.

— Desculpe — digo, pousando a mão no seu braço de maneira amigável. Até que ele olha para minha mão com desejo e seu olhar verde escurece com o toque. Afasto a mão rapidamente. — Ele não é meu namorado.

Benny abre um sorriso largo, revelando alívio e talvez expectativa.

— Guarda-costas — Nate o corrige, rangendo os dentes enquanto nos segue até o balcão.

— Ah, que bom. — Ele sorri para mim e lambe os lábios, olhando para minha boca. — Muito bom.

Respiro fundo, vou até o balcão e cumprimento o barista:

— E aí, Freddy, tudo bem?

— Não posso reclamar. O céu está azul, o café está quente e os muffins acabaram de sair do forno. A menos que você prefira tomar chá — diz, olhando para minha blusa encharcada e sorrindo. — Mas acho que já bebeu o suficiente por hoje.

Eu me debruço no balcão alto.

— Trombei com um velho amigo e derramei a bebida dele por todo lado. Desculpe, ficou uma poça enorme ali — digo e olho por cima do ombro, mas vejo que Rachel está enxugando tudo com guardanapos. — Acho que a Rachel está limpando. Eu quero o de sempre, o preto sem graça do Nate, o americano da Rachel, com espaço para o chantili, e o que o meu amigo aqui tinha acabado de pedir. Ah, e dois muffins de mirtilo.

Os olhos de Benny se acendem quando digo a palavra “amigo”. *Afff*.
Preciso fazer um curso de como não encorajar atenção indesejada.

— Sky... — Nate alerta quando eu acrescento os muffins.

Eu me viro, e meu rabo de cavalo voa como um chicote atrás de mim.

— Estou com fome.

— Então coma alguma proteína — ele diz, impassível.

— Você vai me fazer uma bebida proteica quando voltarmos, né?

Ele estreita o olhar.

— Sim, mas era para tomar com ovos mexidos, não com muffin de mirtilo, cheio de carboidrato, gordura e açúcar.

Eu me volto para Freddy:

— Dois muffins de mirtilo e um de banana com nozes! — Nate geme atrás de mim. — Tem nozes. Nozes contam como proteína — retruco, dando a ele meu melhor sorriso falso.

— Sim, proteína cheia de gordura. Agora você vai ter que fazer seis agachamentos a mais. Talvez segurando halteres de cinco quilos.

Eu estreito os olhos, aperto os lábios e paro diante do rosto carrancudo de Nate.

— Você não ousaria.

Ele estreita os olhos.

— Pode apostar. Eu não tenho medo de você. Lembra quem demitiu o seu pessoal?

Ele me faz recordar a exigência de Parker quando nosso relacionamento ficou sério. Nada de transpirar com um homem com quem já transei. Já que Nate está comigo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, faz sentido que ele me treine.

— Eu te odeio — sibilo com raiva fingida.

— Você me ama. Mais que isso, você vai amar o seu bumbum durinho quando pisar no set do próximo filme — ele responde, com um sorriso sarcástico.

— Cala a boca! — digo e mostro a língua para ele. Percebo que Benny e Freddy nos observam. — Desculpem, rapazes. Põe na minha conta, Freddy?

— Claro, Sky.

O dono me entrega o chá e eu passo para Benny, esperando que ele pegue o copo e vá embora. Mas ele nem se move. Chupa pelo canudinho bem alto enquanto o restante das bebidas chega, com meu saquinho de muffins. Minha barriga ronca. Vou até uma mesa vazia e me sento. Benny me segue. Nate se senta com Rachel na mesa ao lado e entrega a ela seu americano.

— Leite, baby?

Ela assente. Nate destampa o copo dela e o leva até uma mesa onde há chantili, guardanapos e outras coisas para o café. Serve um pouquinho de leite, mexe e leva a bebida de volta para ela. Então se joga na cadeira.

— Aqueles dois estão juntos? — Benny pergunta, inclinando a cabeça na direção da mesa deles.

— Sim, eles são casados e formam a minha equipe de segurança. — Pego um muffin de mirtilo, tiro o papel da lateral e dou uma mordida gigantesca, olhando nos olhos de Nate. — Humm... que *delícia* — digo, com a boca cheia de carboidrato.

Ele sorri e sacode a cabeça.

Eu vou pagar por isso, mas é tão gostoso!

Estou mastigando quando sinto o ar se encher de eletricidade. Ergo os olhos. Meu coração começa a bater rápido, e sinto um frio na barriga. Parker, de terno cinza, camisa branca e gravata azul-marinho, está parado na entrada do café. Está delicioso. Mastigo o muffin enquanto seus olhos examinam o lugar e se fixam em mim. Quando me vê, ele abre aquele seu sorriso diabólico e se aproxima, cheio de ginga.

O salão inteiro desaparece, menos meu namorado. Sua calça se agarra às coxas musculosas e a camisa se estica sobre a ampla extensão de seu peito. Lambo os lábios e levanto a cabeça enquanto ele se aproxima.

— Se ele não é seu namorado, talvez eu e você possamos... — Benny começa.

Mas mal consigo me concentrar no que ele está dizendo, de tão decidida que estou a receber meu homem.

— Oi, baby... — Parker chega até nós, se inclina para mim, pega meu queixo e me beija profundamente, mordiscando meu lábio inferior antes de se afastar. — Humm, mirtilo e pêssego. Meu favorito. — E me dá uma piscadinha antes de notar o cara sentado comigo. — Oi. Você é...?

— Um amigo da Skyler. Benny.

Quero dizer ao Parker que Benny não é de fato meu amigo, mas vai haver tempo para isso depois.

— Meu bem, eu trombei com o Benny. Literalmente. Derramei o chá dele todo em cima de mim. — Parker passa o olhar pela minha blusa encharcada e volta para meu rosto enquanto continuo: — Aí nós lembramos que fizemos um comercial juntos quando crianças. Dá para acreditar?

Parker franze os lábios e ergue a sobrancelha.

— Mundo pequeno. De onde você é? Benny... é isso?

— S-Sim. Eu... não sou de Boston, na verdade. Passei um tempo em Nova York e agora estou aqui. Trabalho neste prédio — diz, apontando para a parede que divide o café do edifício onde eu moro e onde fica o escritório da IG.

Park inclina a cabeça.

— É mesmo? Eu também trabalho ali. Nunca te vi.

— Eu comecei há poucas semanas — Benny responde.

— Ah. — Parker observa o saco de muffins e estende a mão, com um sorriso.

— Sim, tem um de mirtilo para você. E um de banana com nozes para o Bo — digo, olhando para Nate e sorrindo antes de me concentrar em meu namorado. — O Royce diz que não come muffin nem nenhum tipo de carboidrato no café da manhã.

Nate bate palmas lentamente. Faço cara feia para ele, e Rachel e ele riem enquanto tomam seus cafés.

— Obrigado, baby. Vou te levar para casa.

Eu me levanto, percebendo que Parker está me dando um pretexto para sair dali. Assim que fico em pé, ele passa o braço em volta da minha cintura e desce a mão até minha bunda.

— Está ficando mais durinha — diz, apertando meu glúteo com firmeza. — Nate, você está fazendo a minha mulher malhar demais. Você sabe que eu gosto de curvas.

— Viu? — aponto para Nate, e ele balança a cabeça. — O meu namorado gosta da minha bunda do jeito que é.

— Vou te lembrar pela centésima vez: foi você quem quis que eu te treinasse! — Nate retruca, com certa exasperação na voz.

— Bom, estou vendo que você tem coisas para fazer. — Benny se levanta.
— Foi bom te encontrar, Skyler. Agora que estamos no mesmo lugar, espero te ver por aí.

— Ahã. Se cuida — digo, me aconchegando no peito de Parker quando Benny finalmente vai embora. Então solto: — Afff.

— Vou adivinhar: não era um amigo? — Parker beija minha testa.

— Não. Nós fizemos um comercial juntos há dezessete anos, e ele ficou agindo como se a gente se conhecesse desde sempre.

Quando as palavras saem de minha boca, sinto Parker tenso. Ele estreita o olhar e faz um movimento com o queixo para Nate.

Mas meu guarda-costas dá de ombros.

— Não senti nada estranho em relação ao sujeito, mas não custa dar uma checada. Vou colocar o nome dele na lista.

— Você acha que o Benny é o maluco que fica me mandando mensagens? — pergunto, atônita.

Parker pousa as mãos no meu rosto.

— Não sei, mas ele disse que morava em Nova York, e agora, de repente, está morando aqui. Agiu como se fosse um grande amigo seu...

— É verdade. Ele se comportou com familiaridade demais. Se bem que muitas vezes as pessoas fazem isso quando acham que conhecem alguém.

— Mal não vai fazer dar uma conferida — Nate repete.

Dou de ombros.

— Como vocês quiserem. Preciso terminar o meu muffin e o meu café e tomar um banho. Depois vocês dois vão me mostrar o que andam escondendo sobre a pessoa que está mandando as mensagens.

Parker passa o braço em volta da minha cintura e me acompanha para fora do café, em direção à entrada do nosso prédio.

— Não estamos escondendo nada de você — diz. — Só pensamos que...

— Você está me protegendo. Eu entendo, meu bem, não estou brava. Eu sei que você me ama e quer me manter segura.

Parker para na calçada e me faz girar para ficar de frente para ele. Seus olhos azuis parecem cinza à luz da manhã.

— Eu faria qualquer coisa para te proteger. Você é o meu mundo.

Fico na ponta dos pés e o beijo.

— Eu sei, mas me deixar no escuro não está dando certo. Já sabe se a Wendy pode se encontrar conosco?

Ele assente.

— Sim. Ela disse para irmos jantar com ela. Tudo bem para você? Eu tenho um almoço de negócios hoje com o Andre, meu headhunter, e uma candidata.

— Ah! Para o cargo de advogado?

— Sim. — Ele passa as mãos pelo paletó e pela gravata. — Estou bem? Parece que ela começou em Harvard e depois se transferiu para a Universidade de Georgetown com uma bolsa de estudos integral, e passou no exame da Ordem com uma pontuação excelente. Ela trabalhou no Capitólio nos últimos anos, mas de repente quer se mudar para Boston.

— Meu bem, você está ótimo. Tenho certeza de que ela vai babar.

Ele sorri e me acompanha para dentro do prédio. Passamos pela segurança e nos dirigimos ao elevador.

— Vocês me deixam no meu andar e vão tomar banho, que tal? Depois podemos falar sobre o assunto no meu escritório antes do almoço.

Nate e Rachel, que nos seguem o tempo todo, anuem, e eu confirmo com a cabeça quando o elevador começa a subir. Assim que apita no andar da 1G, Parker me dá um beijo rápido e se afasta para sair. Annie está parada diante da porta com uma pilha de correspondência.

— Bom dia a todos — ela diz com a voz doce e entra.

— Oi, Annie — cumprimento. — Desculpe, você pegou o elevador com o bando de fedidos! Nós acabamos de correr. Também estamos subindo.

Ela acena com a mão.

— Sem problemas. Eu só vou levar isto aqui para a sala de correspondência. — Indica a pilha que tem nos braços. — Está gostando de morar em Boston?

— Sim, muito! Estou aqui há pouco tempo, mas já sinto que é como voltar para casa, para o Parker.

Annie abre um sorriso largo enquanto o elevador sobe.

— Aposto que sim.

— Tem alguém especial na sua vida? — pergunto, cutucando seu ombro com o meu.

Suas bochechas ficam rosadas, e ela remexe nos envelopes.

— Talvez... É coisa nova, não quero criar expectativa.

— Ah, eu superentendo. Mas não tenha medo de se divertir. Viva um pouco! — digo, mexendo as sobrancelhas para cima e para baixo.

Ela ri e baixa a cabeça, e o cabelo loiro cai em volta do rosto, cobrindo sua risada.

O elevador apita no meu andar. Rachel e Nate saem, apesar de o apartamento deles ser no de baixo. Eles nunca descem no deles antes de entrar na minha cobertura e inspecionar tudo, para se assegurar de que está tudo certo.

Quando saio do elevador, subitamente tenho uma ideia e me volto para aquela mulher nervosa e meio tímida.

— Sabe, nós podíamos almoçar juntas um dia.

Os olhos azuis de Annie parecem se alargar.

— É mesmo?

— Claro. Você trabalha com o meu namorado. Acho que devemos ser amigas, né?

— Eu adoraria — ela diz e depois suspira. — Ah, meu Deus, a minha mãe vai ficar em choque.

Rio e sacudo a cabeça.

— Eu sou só uma mulher normal de vinte e poucos anos que não conhece muita gente na região. Seria legal se a gente pudesse ser amigas.

Seu sorriso tímido brilha.

— Eu também acho, Skyler. Eu também acho.

— Então está resolvido. Vamos marcar alguma coisa esta semana.

— Legal. Vou adorar. — Ela sorri e acena, e as portas do elevador se fecham.

Com o braço, indico meu apartamento, dizendo a Nate e Rachel:

— Tudo bem, façam o seu pior. Vou esperar aqui, entediada, enquanto vocês vasculham tudo.

1

Nate separa em cinco pilhas as cerca de sessenta cartas e e-mails impressos dos fãs de Skyler que achou mais suspeitos.

— Esses cinco indivíduos têm o histórico mais consistente de envio de correspondência. Acho que devemos começar com aqueles que escrevem para a Skyler há mais tempo.

Skyler e eu pegamos uma pilha cada um e nos dirigimos ao sofá. Por uns dez minutos ficamos sentados lado a lado analisando cada carta das nossas respectivas pilhas.

— Uau. Eu não fazia ideia de que as pessoas se envolviam desse jeito. Bom, no fundo eu sabia. Obviamente, tenho muitos fãs já faz tempo, mas isso aqui é chocante — ela diz, atônita. — Este aqui não só me escreve desde que eu era adolescente, dizendo que me ama, como me manda um cartão de aniversário todo ano, me parabeniza por determinados papéis que faço e até me mandou um cartão de condolências quando os meus pais morreram. — Ela sacode a cabeça. — Como uma pessoa pode se envolver tanto na minha vida se nem me conhece? Eu simplesmente não entendo. — Suspira.

Pouso a mão em sua coxa e esfrego suavemente.

— Meu pêssego, eles acham que te conhecem. Acreditam nisso piamente. Os papéis que você faz, as pessoas que você representa na telona, são amigas deles. São pessoas que eles admiram. Isso, mais o fato de você ser linda e doce como um quindim, te faz ter fãs incondicionais. Eu entendo, porque estou enfeitiçado — digo e me inclino em direção a ela.

Sky levanta o queixo para que eu possa alcançar seus lábios com mais facilidade, e eu lhe dou um beijo suave.

Ela deixa cair os ombros enquanto curva a coluna no encosto do sofá.

— Não acho que essa pessoa seja perigosa. Só gosta muito de mim.

Nate assente.

— Sim, eu concordo. Park?

Anuo com o queixo e analiso a próxima leva de cartas. Em instantes, algo me chama atenção. Uma pilha de envelopes brancos. Sem endereço para resposta e com a palavra “CONFIDENCIAL” na frente de cada um. A carta que recebi tinha a mesma palavra carimbada na frente. Pode ser coincidência. Muitas pessoas carimbam ou escrevem isso em algo que querem que só o destinatário leia. Pego a pilha e abro a primeira carta. É digitada, mas o carimbo postal tem dez anos. Sky teria cerca de quinze.

Passo os olhos pela carta:

Sky,

Sonhos agridoces é excelente. Eu vi o filme três vezes no cinema. Você fez a fugitiva perfeita. Às vezes tenho vontade de fugir como você fez naquele filme. Você foi tão corajosa. Se eu fugisse, com certeza me pegariam. E aí aquela demônia ia me bater até a minha pele ficar roxa, como da última vez que tentei ir embora. Enfim, teria sido muito legal assistir ao filme com você. Eu seguraria a sua mão nas partes assustadoras, assim você não estaria sozinha.

Enquanto estivermos assim, bem perto, não vai existir solidão, certo?

De quem mais te adora

— O tom desta carta fez o meu alarme disparar — digo, entregando o papel a Nate.

Ele mal a olha antes de entregá-la a Sky. Afinal já leu todas, visto que foi ele quem selecionou as que o incomodaram.

Pego a próxima carta digitada.

Sky,

Eu queria que você morasse aqui. Preciso muito de você agora. Está tudo uma merda. O ensino médio é horrível. As pessoas não entendem o que é ser diferente. Mas você entende. Eu soube disso quando te vi em

Diário de uma colegial, em que você interpretou uma garota maltratada e agredida. Eu sei o que é isso... Se você estivesse aqui, nós poderíamos sair, ver outros atores se atrapalhando nas falas dos filmes, tomar sorvete. Você iria se divertir, garanto. E assim todo mundo veria o que essa relação significa para a gente.
De quem mais te adora

Entrego essa carta a Skyler e leio as três seguintes, uma atrás da outra.

Sky,
Estou com saudade. Parece que faz uma eternidade que não te vejo na tela. Eu li que você se machucou no set, o que atrasou a produção. Você devia ter me ligado. Eu teria ficado do seu lado a cada segundo, segurando a sua mão, te fazendo rir, o que fosse necessário para você melhorar. Em vez disso, estou aqui nesta jaula com a demônia, atendendo cada capricho da rainha e fazendo aulas de administração. Ela é horrível! Eu queria estar com você, assim me sentiria melhor. Nós teríamos tudo de que precisamos. Pense nisso. Você sempre vai poder contar comigo.
De quem mais te adora

Sky,
Eu te vi hoje. Foi rápido, mas você olhou diretamente para mim e acenou. Eu queria correr até você, passar por todos os seguranças e dizer a eles que nós nos conhecemos, mas aquela bruxa idiota da sua agente entrou no caminho e te empurrou para dentro para fazer o *Today Show*. Eu gravei o programa e assisti cem vezes. Você é tão linda! Mas estou p da vida por não conseguirmos nos encontrar. Foi difícil sair de perto da demônia. Tive que mentir um monte, mas valeu a pena ver você acenando para mim. Eu sempre vou te amar.
De quem mais te adora

Sky,
Por que você está com esse canalha? Não acredito que você está namorando esse cara. Ele não está à sua altura. Por favor, termine esse namoro. Agora. Não estou feliz com essa situação. Nem um pouco.

Estou pensando em fazer alguma coisa em relação a isso. Johan... Que nome é esse? Ele está usando você, abra os olhos. Se livre dessa víbora. Ele me dá nojo.

DE QUEM MAIS TE ADORA

— Meu Deus! Nestas aqui, parece que o sujeito faz parte da sua vida. É bizarro. Ele mantém um relacionamento completamente unilateral com você. E nesta última, quando você obviamente começou a namorar o Johan, ele está furioso. Veja que ele usa letras maiúsculas, como se estivesse gritando que é ele quem mais te adora.

Sky morde o lábio e franze a testa.

— Mas ele nunca dá um endereço para resposta nem assina. É como se uma parte dele soubesse que isso é correspondência indesejada. Mesmo assim, ele fala de um jeito tão familiar... Como se eu devesse saber quem ele é.

Eu assinto e analiso a próxima carta.

Sky,

Estou de coração partido por você. Tentei ir ao funeral, de verdade, mas a demônia jamais permitiria. Sinto muito. Você precisava de mim, e eu não estava lá. Pior: aquele homem horrível estava te abraçando, quando eu é que deveria ter emprestado o meu ombro para você chorar. Eu, a pessoa que mais te adora. Eu daria tudo para estar do seu lado, Sky, você sabe disso. Você sabe quanto eu te amo e me preocupo com você. Eu sei que os seus pais eram boas pessoas, sorrindo em todas as fotos com você. Estavam sempre no set, como bons pais que eram. Por favor, saiba que eles vão estar sempre com você. Assim como eu. Eu sempre vou estar aqui. Sempre, menina linda. Vou arranjar um jeito de me aproximar, de estar do seu lado. Prometo.

De quem mais te adora

Meticulosamente, leio o restante das cartas. Parece que são pelo menos uma ou duas por ano. Sempre digitadas. Todas com “CONFIDENCIAL” carimbado na frente.

— Não tem endereço para resposta em nenhuma carta. Só o carimbo postal, sempre do lugar onde a Sky estivesse vivendo na época — murmuro e

passo a mão pelo cabelo.

Skyler alisa minhas costas e eu fecho os olhos, curtindo seu toque por um momento.

— Parece que o sujeito se mudava com ela. Aonde ela ia, ele ia — Nate acrescenta.

— Sim. E essa demônia que ele menciona? Começou quando ele era novo, então não pode ser uma namorada. Deve ser uma tutora, uma espécie de figura materna. Ele sempre faz referência ao fato de não poder fugir dela. Fala de apanhar. Como é que um adulto não fugiria? Eu entendo isso enquanto ele era mais novo, mas depois dos dezoito anos... — digo, sacudindo a cabeça.

Nate franze a testa.

— Outro mistério.

Ele me entrega mais uma pilha e eu leio as cartas. Há ameaças que talvez devessem ter sido relatadas às autoridades, mas nada que pareça concreto.

— Aposto que esse “De quem mais te adora” é o nosso suspeito — declaro, jogando na mesa a pilha de cartas que estava lendo.

— Por que essa pessoa já não foi encontrada? A Tracey cuida da minha segurança e da correspondência dos fãs. Obviamente ela deve ter achado essas cartas estranhas, ou não teria guardado todas elas durante tanto tempo.

Passo o braço ao redor dos ombros de Sky.

— Não sei, baby. Talvez ela estivesse ocupada e não achasse que eram uma grande ameaça. A maioria parece inocente. É quando você coloca tudo junto que o padrão de perturbação se torna visível. Provavelmente não vimos toneladas de cartas no meio dessas. Mesmo desse “De quem mais te adora”, existem intervalos de seis meses a um ano entre as cartas. Um cara que pensa que é seu namorado manteria mais contato. Você não acha?

Ela dá de ombros.

— Não sei. Acho que sim.

Ouçoo uma batida na porta antes que se abra e revele a cabeça de Annie.

— Estou interrompendo? — ela pergunta, sorrindo.

Faço um sinal negativo e me levanto, abotoando o paletó.

— Não. Nós já acabamos.

Ela entra com seus sapatos de couro preto de salto alto com tachinhas, saia lápis e blusa de seda azul que cobre os ombros estreitos. Se não fosse tão magra

e desengonçada, seria uma mulher bonita. Seus traços faciais pontiagudos a fazem parecer fria, menos quando está sorrindo.

— Ah, meu Deus! — Skyler aponta para os pés de Annie. — Eu tenho sapatos idênticos! Não são confortáveis? Custam uma nota, mas são maravilhosos. Dá até para correr com eles!

Annie olha para baixo e fica vermelha.

— Você tem sapatos iguais? — Sorri.

Skyler assente.

— Áhã. E você fica muito sexy com eles, garota. Não é, meu bem?

Volto a cabeça para Sky.

— O quê? — pergunto.

— A Annie não está sexy com esses saltos?

Olho para os sapatos e os avalio.

— Com certeza. Supersexy — digo, com um sorriso de lábios fechados.

Olho para baixo de novo. Se ela engordasse um pouco, suas pernas ficariam mais grossas e muito melhores. Porém guardo o comentário para mim. Skyler ficaria chateada, e eu não quero ferir os sentimentos da minha recepcionista.

Vejo o rosto de Annie vermelho como beterraba quando por fim olho para ela.

— Obrigada, Parker. Gentil da sua parte dizer isso — ela agradece, baixando os olhos e desviando o olhar.

Ótimo, agora eu a deixei constrangida...

Skyler se levanta e passa o braço em volta da cintura de Annie. Cutuca a jovem com o ombro, conspiradora.

— Vai rolar um encontro hoje à noite? Esses sapatos são para alguém especial? Hein? — E bate o ombro no dela de novo.

— Sky... — alerta — local de trabalho.

Ela ri.

— Não é o meu local de trabalho. Eu posso fazer a pergunta inapropriada que quiser. Além disso — ela abraça a moça de lado —, nós somos amigas, e amigas falam sobre homens. Certo, Annie? — Sorri e olha para minha funcionária, cujo rosto inteiro se ilumina com um enorme sorriso.

— Certo, Sky. Amigas. Amigas fazem isso.

Minha garota arqueia as sobrancelhas.

— Viu? E aí, vamos almoçar na sexta-feira? — pergunta para Annie.

Eu gemo. Claro que ela vai fazer amizade com a recepcionista, da mesma forma que fez com Wendy.

— Eu preciso checar a agenda do sr. Ellis...

— Com ele não. — Sky aponta para mim. — Eu vejo o Parker o tempo todo. Com você. Eu e você, almoço na sexta. Legal?

— Legal — Annie responde devagar, como se estivesse testando a palavra.

— Sim, seria *legal*, Skyler.

— Ótimo. Bom, agora o meu namorado tem que ir falar com um cara sobre uma advogada. — Ela tira o braço da cintura de Annie e vem até mim, envolvendo meu pescoço e me beijando com força. — Eu te amo, meu bem. Boa reunião.

Agarro as longas mechas em sua nuca e inclino sua cabeça, beijando-a muito mais fundo do que normalmente faria na frente dos outros no local de trabalho. Antes que eu possa me afastar, Nate já está pigarreando. Sorrio enquanto recuo.

— Eu também te amo.

Passo a mão pelo cabelo sedoso de Skyler, memorizando-o para poder revisitá-lo ao longo do dia. Quero um pouco mais, então mergulho na curva de seu pescoço e inalo seu perfume de pêssego com chantili, me preenchendo com a paz e a serenidade que passei a associar a esse aroma. Beijo seu pescoço suavemente.

Ela dá uma gemidinha. Nossa, como eu amo esse som. Sai direto de sua boca, preenche o ar e viaja como uma carícia até meu pau. A fera aprova mil vezes e está começando a dar bandeira, deixando minha calça meio apertada.

Cerro os dentes e empurro minha garota pelos quadris. Ela sorri e dá uma piscadinha. Sabe exatamente o que sua proximidade está fazendo comigo.

— Jantar hoje na casa da Wendy e do Mick. A Rach e o Nate também.

— Já está na minha agenda. Encontro você lá.

— Vocês... humm, vão ver a Wendy? — Annie pergunta com a voz trêmula, nervosa.

Faço Skyler girar e pego a mão dela, levando-a aos lábios para beijá-la.

— Sim, nós vamos jantar com ela — Sky diz, descontraída.

Annie franze a testa.

— Ah. Achei que fossem conversar sobre quando ela vai voltar. Vocês vão me avisar com antecedência, né? Bom, não que tenham que fazer isso, já que eu sou temporária, mas eu... eu adoro aqui, e gostaria de talvez me despedir ou...

Agito a mão.

— Annie, a Wendy está planejando voltar muito em breve. Mas nós estamos conversando sobre manter você como recepcionista. A Wendy é necessária na agência por uma série de habilidades, e estamos pensando em fazer dela a nossa diretora de informações e manter você como assistente. Você estaria interessada no emprego de forma permanente?

— Vocês querem que eu fique? De verdade? — Seus olhos são uma chama de fogo azul. Ela foca o olhar intenso no meu. — Eu nunca pensei. Não esperava...

Sorrio e falo baixinho:

— Você está fazendo um excelente trabalho aqui. A equipe está muito feliz com o seu desempenho, e nós estamos crescendo rápido. Eu vou falar com os meus sócios e preparar uma carta formal com uma oferta até o fim da semana, detalhando o processo que implica tornar você membro oficial da IG.

Ela lambe os lábios e seus olhos lacrimejam. Não é exatamente o que eu pensava que aconteceria, mas pelo menos ela parece feliz com a oportunidade de emprego... eu acho.

— Eu quero ficar aqui mais que tudo. Nós somos uma equipe. Parece tão certo... — sussurra, como se estivesse maravilhada.

Puxo o ar por entre os dentes.

— Bom, tudo bem... Marque na sua agenda uma reunião comigo e os rapazes na sexta-feira. Agora eu tenho que ir falar com o Andre e a possível nova advogada.

É como se ela fosse movida por minhas palavras.

— Sim, claro. Foi por isso que eu entrei, para lembrar você do compromisso, para que não se atrase para uma reunião tão importante. Boa sorte, Parker. Espero que ela seja a pessoa certa para a nossa equipe. — Ela abre um sorriso largo, e suas bochechas ficam rosadas.

Garota estranha. Inteligente, eficiente, aprende rápido, mas é estranha em termos de interação social. Espero que com o tempo ela supere isso.

— Eu te levo até o elevador — diz Sky, segurando minha mão.

Nate está a postos, pronto para nos acompanhar. Ela aponta para ele e sacode a cabeça.

— Você não vai a lugar nenhum, Tarzan. Vou só levar o meu namorado até o elevador e volto para ver mais cartas.

Annie aponta para a mesa.

— O que é tudo isso?

— Cartas de fãs malucos — Skyler responde.

A moça franze a testa.

— É muita coisa.

Minha namorada ri.

— Isso não é nada. Eu recebo milhares de cartas por ano.

— Milhares... — Annie repete, arregalando os olhos para as pilhas de papel.

— É... As pessoas são muito estranhas.

A assistente cruza os braços, observando a montanha de correspondência.

— Bom, se precisar de ajuda, conte comigo — oferece com doçura. — Parece muito trabalho.

Pego a mão de Sky e a puxo em direção à porta enquanto digo:

— Acho que nós temos tudo sob controle. Obrigado, Annie.



O restaurante elegante perto do centro de Boston fica em uma rua lateral cheia de casas de arenito vermelho. Quando entro, Andre acena. Está sentado em um pátio cercado por paredes de tijolos, vegetação exuberante e uma fonte. O lugar exala calma e relaxamento, mas todos estão vestidos profissionalmente. O restaurante é conhecido como o point dos executivos atarefados. É possível falar abertamente, porque as mesas são bem separadas e a água que jorra da fonte abafa o som. Os garçons são rápidos.

Quando me aproximo, Andre se levanta, assim como uma negra alta. Vejo apenas suas costas. Está usando um tubinho azul-marinho com uma prega na

parte de trás da saia justa, cinto dourado e Louboutins também dourados arrematando um par de longas pernas bem torneadas.

Desvio o olhar de suas pernas quando ela vira para mim. Seus olhos me impressionam. Um par muito familiar de olhos castanho-esverdeados, os mais bonitos que já vi. Os lábios cheios, com gloss cor de pêssego, se abrem em um sorriso largo, revelando dentes brancos e brilhantes. O cabelo cor de café é liso e chega à clavícula, em um corte reto que combina lindamente com seu rosto oval e suas maçãs altas. Seu tom de pele, marrom-claro, é suave e atraente. Com esses traços, ela bem que poderia ser filha de Vanessa Williams. É uma mulher impressionante, e por um momento fico passado. Sem palavras.

— Parker, sou eu... — ela diz, mas sua voz falha.

— Kendra Banks, eu... Uau! Não acredito que te encontrei de novo. Não acredito que é a mesma Kendra que fez faculdade comigo.

Ela pisca e baixa os olhos.

— É... Bom, eu não planejava voltar para Boston. *Nunca mais*. Mas os planos mudaram, e agora estou aqui.

Abro a boca, mas a fecho de novo. É quando Andre, meu headhunter, por fim interrompe a saudação desajeitada.

— Então vocês dois se conhecem. Ótimo!

Umedeço os lábios e me aproximo dessa mulher que jamais pensei que voltaria ao meu mundo. Seguro levemente seu braço e encosto a bochecha na dela. Inalo seu aroma cítrico enquanto fecho os olhos e deixo que as lembranças de anos passados subam à superfície.

— Estou feliz em te ver, Kendra — sussurro em seu ouvido e aperto seu braço.

Ela respira fundo e engole em seco.

— Você sempre se manteve neutro.

Recuo enquanto percorro seu antebraço até pegar sua mão. Da última vez que a segurei, eu estava lhe pedindo para não ir embora. Para não partir. Mas ela não me escutou.

— Alguém tem que fazer isso.

Ela aperta o maxilar.

— Imagino que outras pessoas não vão ficar tão contentes quanto você ao me ver de novo. Isso se os nossos caminhos se cruzarem.

Franzo a testa.

— O Andre não te contou?

Ele fica atento ao ouvir seu nome.

— Não contei o quê?

— O Royce e o Bo são meus sócios. Nós administramos a empresa juntos.

Ela volta a cabeça para mim.

— Então esta reunião é inútil. Eles nunca concordariam em trabalhar comigo.

— Sentem-se, vocês dois. As pessoas estão começando a olhar — Andre diz.

Nós nos sentamos e não dizemos nada até o garçom anotar nossos pedidos. Com o choque de estar vendo Kendra de novo, peço uma cerveja. Ela também deve estar abalada, porque pede uma taça de vinho branco. Andre prefere chá gelado.

— Por que a reunião seria inútil? — ele pergunta assim que o garçom sai.

Kendra coloca o guardanapo no colo, sentada ereta na cadeira.

— Eu tive um relacionamento com um membro da equipe da International Guy. Digamos que não acabou mal... mas bem também não.

Inclino a cabeça e me recosto na cadeira.

— Depende do ponto de vista — digo, sorrindo, e olho para ela, demonstrando que não há ressentimentos entre nós. — Você está mesmo considerando trabalhar na IG? Nós precisamos de um advogado imediatamente, uma pessoa da nossa confiança, que não nos ferre e que defenda os nossos interesses, especialmente em questões de direito empresarial. Você é a candidata perfeita. Tem as habilidades, a experiência e o interesse pessoal em nos manter felizes.

Seu olhar, que parece muito mais verde neste momento, pousa no meu.

— Acho que depende do ponto de vista — ela repete minhas palavras.

Sorrio.

— O Royce não está aqui.

— É, não está. — Ela desvia o olhar, e sua expressão demonstra arrependimento por um breve instante. Então volta os olhos em minha direção. — Você está pronto para encarar a ira dele se me contratar?

Rio alto.

— Ele confia em mim, sabe que eu colocaria os interesses da IG acima dos nossos. São só negócios, né? Além disso, vocês terminaram amigavelmente, certo?

Sua expressão denota surpresa.

— Foi isso que ele disse?

Assinto, franzindo a testa.

— Sim.

— Então, se você tem interesse em me fazer uma oferta, estou muito interessada em ouvir.

2

A porta da mansão se abre e vejo um borrão branco e dourado descendo os degraus antes de minha garota voar para os meus braços. Eu a pego pela cintura e a giro. Sua exuberância ao me ver derrete meu coração.

— Oi, meu amor! — Ela pousa a boca na minha em um beijo ardente. Aprofundo o beijo e deslizo a língua em sua boca. Ela dá uma gemidinha antes de se afastar e lambe os lábios. — Adivinhe! — diz, dando um tapinha no meu peito.

O entusiasmo apressa suas palavras.

— O quê, meu pêssego?

Skyler sorri.

— Não só a Trilogia Classe A vai filmar as cenas de bar no Lucky's como a maioria das filmagens vai ser em Boston! O que significa — ela dá pulinhos nos meus braços — que eu não vou ter que viajar muito nos próximos dois anos! A série tem três volumes, e eles estão estendendo a história ao máximo para ganhar mais dinheiro, fazendo o último livro sair em duas partes, como fizeram com a saga Crepúsculo!

Abro um sorriso largo e beijo forte seus lábios sedosos.

— Que maravilha, Sky.

— E adivinhe o que mais!

A dancinha continua. Passo o braço em volta dela e começamos a subir os degraus da mansão de Mick e Wendy. Wendy está esperando pacientemente no topo, encostada no batente da porta. Seu cabelo vermelho flamejante brilha, refletindo a luz do enorme lustre lá dentro. Ela agita os dedos para mim, sorrindo.

— O quê? — pergunto enquanto guio minha mulher pelos degraus de concreto.

— O Rick Pettington vai contracenar comigo!

Paro antes que meu pé toque o próximo degrau.

— O Rick Babaca?

Ela se volta, com um pé no degrau acima, e franze a testa.

— Achei que você gostasse dele. Até deu dicas para ele agir de um jeito sexy em uma cena. Imaginei que ficaria feliz — retruca, fazendo beicinho.

Levo a mão a sua nuca e a mergulho em seu cabelo.

— Sky, eu nunca vou ficar feliz vendo um homem fazer o papel do seu amante em um filme romântico. Não interessa quem seja, nem que fosse o meu melhor amigo. Ver outro cara beijando e tocando você é um fato da vida que eu tenho que engolir, mas não significa que tenho que ficar satisfeito.

Ela deixa cair os ombros e me abraça. Atrás dela, Wendy está escondendo a risada com a mão.

— Mas você sabe que o Rick me vê como uma irmã. Achei que você ficaria — ela dá de ombros — animado com a notícia.

— Baby, você ama o seu trabalho. Eu fico animado de te ver feliz. Ver você feliz é tudo que me interessa. Seus colegas podem ser legais e te tratar com respeito, o que eu espero que aconteça sempre, senão... — Deixo o resto no ar. Ela sabe o que significa, sem que eu precise dizer nem mais uma palavra. Puxo seu corpo contra o meu. Skyler está um degrau acima, e nivelamos nossos olhos. — Mas eu nunca vou gostar de te ver interpretando um relacionamento com outro homem — prossigo. — Eu te amo muito. Você é minha. Nunca vou te pedir para não aceitar um papel ou não fazer o seu trabalho. Faz parte de quem você é, uma parte linda. Eu tenho orgulho do seu trabalho e do seu talento e sempre vou te apoiar. Mas me pedir para gostar de ver um marmanjo beijando a minha mulher? — Sacudo a cabeça. — Baby, você tem que olhar pela minha perspectiva.

Ela me beija suavemente.

— Bom, pelo menos eu vou poder estar sempre aqui num futuro próximo!

— Essa parte eu adorei. — Desço as mãos até sua bunda e aperto, divertido, enquanto tomos seus lábios.

Ela ri e retribui o beijo.

— Pessoal... ainda estou esperando. Vocês vão entrar em algum momento?
— Wendy grita.

— Oops! — Sky ri. Minha garota está sempre rindo comigo, e eu faço de tudo para ouvir esse som. Ela já enfrenta rivalidade suficiente em seu mundo.

Giro Skyler e a empurro pela bunda para fazê-la subir. Quando chego ao topo, abro os braços para a minha segunda garota favorita. Wendy sorri e vem direto para mim, pousando o rosto em meu peito. Seu aroma de coco se mistura com o cheiro frutado de Sky, me enchendo de familiaridade e conforto.

— Como vai, abusada?

Ela mexe a cabeça, ainda em meu peito.

— Bem. Agora que estamos em casa e longe daquela vadia, está tudo bem. Estamos nos arranjos finais do casamento e — ela se inclina para trás e olha em meu rosto — tentando engravidar. Eu não tomo mais remédio, não tenho mais dor, só alguns ajustes aqui e ali, mas nada que eu não possa resolver com uma taça de vinho e uma boa noite de sono. Coisas que ando fazendo bastante.

Passo o braço pelo dela e a acompanho para dentro da casa. Dou um beijo em sua testa.

— Me mantenha informado — sussurro, sabendo que ela está compartilhando comigo algo privado.

— Pode deixar. Estou muito animada, e também nervosa. Espero que aconteça em breve. Nós queremos muito construir uma família. — Ela morde o lábio inferior.

Eu me detenho antes de entrarmos na sala de recepção. Franzo a testa e cochicho em seu ouvido:

— Pare de se preocupar. Vocês têm muito tempo. Um dia de cada vez. Quando você parar de se preocupar, vai acontecer.

Wendy anui.

— Bom conselho. Vou deixar rolar.

Aperto seu ombro e lhe dou um beijo no topo da cabeça enquanto entramos na sala formal, que transpira dinheiro e tradição, da arte à mobília antiga de mogno maciço e os tecidos vibrantes em tons de pedras preciosas com detalhes dourados por todo lado.

Mick já está me esperando com uma bebida na mão.

— Ellis, eu fiz um gim-tônica para você, mas tenho uma IPA gelada, se preferir. — Ele me estende um copo.

Solto Wendy enquanto pego a bebida. Ele olha para ela, depois para mim e de volta para ela.

— Tem alguma coisa que vocês dois queiram me dizer? — pergunta com um sorriso malicioso.

Ela sacode a cabeça.

— Não. O Park só estava me dizendo para deixar rolar e esperar a natureza fazer o trabalho dela.

Mick ergue uma sobrancelha.

— Estou vendo que você compartilhou...

Ela dá de ombros e aperta os lábios.

— Não muito. Além disso, preciso falar com alguém.

Mick estreita o olhar, passa o braço em volta da cintura dela e a puxa contra seu peito.

— Eu sou seu alguém. Fale comigo.

Ela revira os olhos e se afasta.

— Não sobre coisas que envolvem você, seu bobo.

Ele a puxa de volta para seu peito, segurando firme.

Rio baixinho enquanto Sky passa os braços em volta da minha cintura e apoia o queixo no meu peito.

— Especialmente quando me envolve — Mick diz e a beija com doçura.

Ela o encara.

— Você é insuportável às vezes.

— E você adora.

Wendy abre um sorriso enorme.

— Adoro mesmo.

Ela o beija com força antes de sair de seus braços e se dirigir a Nate e Rachel, sentados no sofá.

— Bom, vocês querem conversar antes ou depois do jantar?

— Acho melhor nos livramos das coisas de trabalho primeiro para depois aproveitar o jantar, não é?

Sky assente.

— Sim. O Park ou o Nate disseram por que nós queríamos falar com você?

Wendy franze o cenho.

— Não. Só disseram que você está com um problema de segurança e que iria precisar da minha ajuda com a tecnologia.

Skyler solta:

— Eu tenho um stalker.

Mick abraça Wendy ao mesmo tempo em que ela abre a boca e seus olhos azuis se tornam ardentes.

— Como é que é?

— Que tal nos sentarmos? — digo, apontando os sofás confortáveis.

— Que tal vocês me contarem o que está acontecendo e por que a palavra “stalker” acabou de sair da boca da minha melhor amiga? — Wendy pergunta, com a voz baixa e autoritária.

— Coração, vamos nos sentar. Vou fazer uma bebida mais forte para você.

— Vai mesmo. — Ela se acomoda no braço do sofá.

Skyler e eu nos sentamos de frente para Nate e Rach.

— Oi, gente.

— Oi — Rachel responde, ao mesmo tempo em que Nate faz um movimento com o queixo.

Mick atravessa a sala em direção ao bar e dispõe cinco copos. Pega um decantador de cristal em uma bandeja e serve dois dedos de um líquido âmbar em cada um. A seguir, leva a bandeja para a mesa de centro, deixa-a ali, pega um copo e o entrega a Wendy. Ela imediatamente vira os dois dedos do que suponho que seja uísque de uma só vez. Então pega outro.

— Desta vez eu vou degustar.

Sorrio, lembrando da primeira vez que ela fez isso em um hotel no Canadá, quando eu estava perdendo a cabeça por causa da Skyler. Afasto esses pensamentos tristes e pego um copo para entregar a Sky.

— Uísque? — pergunto a Mick.

Ele assente. Sky segura o dela e eu aceito um. Mick pega o último, depois de Rachel e Nate sacudirem a cabeça. Eles estão trabalhando, o que significa que não bebem. Nunca.

— Muito bem, alguém me conte o que está acontecendo — Wendy exige.

Começamos pelas mensagens de celular. Nate imprimiu todas, com a hora em que foram enviadas e o telefone do remetente. Uma pilha para as recebidas

por Skyler e outra para as recebidas por mim. A seguir, ele entrega a Wendy a cópia das cartas dos três indivíduos que separamos da correspondência dos fãs. Os três são anônimos. A única pista é que as cartas de dois deles têm o mesmo carimbo, o que significa que foram enviadas do mesmo local. Nova York e uma cidadezinha no Alabama.

Wendy analisa os papéis.

— As cartas são estranhas. Algumas, perturbadoras. Lamento, Sky.

Skyler pega minha mão e eu a aperto, mostrando que estou ao seu lado.

— As mensagens é que me preocupam. São confusas e passam de amistosas a possessivas e iradas. As do Parker, menos. As cartas parecem ter sido escritas por um homem obcecado pela Skyler, com interesse amoroso. Já as mensagens parecem ter sido escritas por uma mulher. Vejam as frases: “Achei que fôssemos amigas”, “Você se acha melhor que os outros”. Mas as duas últimas são mais desconcertantes. Quem mandou essas mensagens está te observando. Sabe quando você vai e vem. Observe a escolha de palavras: “Que bom que está em casa”, “A distância deixa o coração mais apaixonado”. — Balança a cabeça. — E a Skyler recebeu muito mais mensagens que o Parker, e com mais frequência. Para mim, isso é um comportamento ciumento. Você disse que recebeu um bilhete, Park?

Nate vasculha os papéis que tem nas mãos e entrega a Wendy a carta original, dentro de um saco plástico transparente.

Ela lê em voz alta:

— “Eu sou ela. Ela sou eu.”

Bebo um gole generoso de uísque, que desce suave e quente. Deve ser envelhecido por muitos anos. Como tudo o que Mick possui, provavelmente é de primeira qualidade.

Wendy bate o dedo nos lábios enquanto olha para a carta.

— É como se essa pessoa quisesse provar que a Skyler e ela são, de alguma maneira, as mesmas. Mas por que ela precisaria deixar isso claro para o Parker? Depois, a primeira mensagem que ele recebe pelo celular é uma comparação. Talvez a pessoa esteja atrás do Parker... Ela pode estar perseguindo o Parker e mexendo com a Skyler para chegar até ele.

— Ele recebeu o bilhete primeiro mesmo, depois a primeira mensagem. A da Skyler veio depois.

— Podem ser duas pessoas diferentes, talvez trabalhando juntas para assustar vocês — Wendy sugere.

Dou de ombros e passo a mão pelo cabelo.

— Pode ser. Mas o tom é semelhante, o texto é gramaticalmente correto, sem abreviações nem emojis. E a primeira que a Skyler recebeu fala sobre serem amigas. As cartas que ela recebeu dos fãs são bastante amigáveis. Todos eles acreditam que têm uma espécie de amizade ou relacionamento com a Sky.

Wendy morde o lábio e anui.

— Vou dar uma fuçada nesses números de celular para ver se consigo rastreá-los, descobrir quando foram comprados. Talvez eu consiga chegar ao local onde a pessoa comprou os aparelhos. Não é muito, mas é um começo.

— O que você acha de avisar as autoridades? — Nate pergunta.

— O que nós temos, realmente? — pergunto. — Não tem nada de ameaçador nas mensagens. Só porque nos deixa desconfortáveis não significa que a pessoa infringiu a lei. São algumas mensagens e um bilhete... Até a correspondência dos fãs continua por anos sem violar a segurança nem fazer mal à Sky — acrescento.

— É verdade. Não dá para fazer nada sem ameaça de violência física — Mick afirma.

— De qualquer forma, eu vou investigar. E, claro, se a pessoa tentar mexer com vocês, vai ter que enfrentar o He-Man — aponta com o polegar para Nate, depois para Rachel — e a She-Ra. Se fosse eu, não me aproximaria. Se bem que eu não sou idiota. Embora nada nessas mensagens ou no modo como o remetente evita ser identificado indique que a pessoa seja. Mantenham os olhos abertos e tenham cuidado. — Wendy termina seu segundo uísque.

— Bom, se já acabamos com a parte feia da noite, acho que é hora de irmos para a sala de jantar. O chef preparou um banquete para nós *seis* — Mick enfatiza o “seis” e olha para os guarda-costas de Sky.

Rachel ergue as sobrancelhas.

— Ah... eu pensei que nós só voltaríamos depois que vocês jantassem com os seus amigos — diz, olhando para Skyler e depois para mim.

Wendy se levanta, pega a mão dela e a puxa.

— Vocês são nossos amigos. Vamos lá. Eu não quero estragar o plano do nosso chef chique de servir o grupo inteiro. O chef Tony é italiano e gosta de

ter muitas bocas para alimentar e barrigas para encher. Mais uma razão pela qual precisamos ter uma casa cheia de filhos. Venha. — E passa o braço pelo de Rachel.

Nate e Sky seguem logo atrás. Estou na retaguarda quando Mick me detém com a mão no meu braço. Paro abruptamente e ele me solta, mas espera até que todos saiam da sala.

— Eu devo me preocupar com o envolvimento da Wendy nessa questão? — pergunta.

Respiro fundo e esfrego a nuca.

— Honestamente, Mick, eu não sei. Muitas coisas no mundo da Skyler me deixam desconfortável, mas fazem parte do pacote. O Nate e a Rachel estão com ela o tempo todo, quando eu não estou. Bom, e na maior parte do tempo eles estão conosco também. Ninguém vai saber que a Wendy está investigando, mas, se isso não te agrada... não sei o que você poderia fazer para impedir. A Wendy é a melhor para pesquisas detalhadas. Se tem alguém que pode encontrar alguma coisa nessas cartas ou mensagens, é ela. O Nate e eu estamos perdidos. Nós esgotamos todos os meios possíveis antes de recorrer a ela.

Eu o vejo retesar o maxilar enquanto anui rapidamente.

— Comunicação aberta o tempo todo, e não só entre você, a Wendy e o Nate, entendeu? Se a minha mulher está nessa, eu estou junto.

— Comunicação completa. Feito — prometo imediatamente. Eu exigiria o mesmo se a situação fosse inversa.

— Então estamos perfeitamente entendidos. Espero que você esteja com fome. O Tony preparou um jantar de família hoje.

Abro um sorriso largo.

— E existe outro tipo?

Um pequeno esboço de sorriso surge nos lábios de Mick.

— Acho que não.



— Estou atolado em papelada, meu irmão. É muita coisa. Não posso cuidar do dinheiro, gerenciar os nossos investimentos, discutir com o Bo e fingir que sou

advogado — Royce reclama ao telefone, sua voz com certo grau de nervosismo que não me lembro de ouvir normalmente.

Skyler joga seu suéter no encosto do sofá enquanto atravesso sua cobertura e entro no quarto. Vou até o closet para pendurar meu paletó, mas paro ao ver que todo o lado direito está cheio de ternos. Ternos masculinos. Camisas polo. Camisas sociais. Camisetas. Jeans. Calças. E, sobre uma superfície plana, gravatas caras, de uma grande variedade de designs coloridos e modernos, arrumadas sobre um suporte de madeira feito a mão. Pisco e foco de novo na ligação, mas reparo que os outros três quartos do armário estão lotados com as roupas de Skyler, muitas ainda com etiqueta.

— Cara, eu entendo, eu entendo. E estou cuidando disso. Hoje eu tive uma reunião com o Andre e uma pessoa que seria perfeita para a agência...

— Ótimo! Contrate o cara logo — ele diz, com a voz cansada e determinada.

— É uma mulher, na verdade, e...

— Não interessa. A pessoa é qualificada?

— Muito — suspiro.

— Bem preparada? Boas referências? — acrescenta.

— Todas e mais algumas. Mas...

Ele interrompe de novo:

— Ela é experiente?

Aperto os dentes.

— Sim. Trabalhou no Capitólio, é especialista em direito empresarial, mas também se aventura em legislativo, o que seria ideal para o caso que vamos começar a atender na semana que vem, da Pure Beauty Farmacêutica.

— Contrate a mulher — ele afirma.

— Royce, acho que você não está entendendo...

— Eu entendo que você encontrou uma pessoa qualificada, estudada e experiente. Ela é horrorosa ou algo assim? Você transou com ela?

— Não! E não! Ela é linda. Tem classe.

— Maravilha. Então o único problema vai ser o Bo querendo pegar a mulher.

Na verdade, Bo é minha menor preocupação no que diz respeito a Kendra Banks.

— Tem algumas coisas que você não sabe. Além disso, eu tive uma conversa com a Annie hoje sobre efetivá-la. Ela ficou feliz. Bom, pelo menos pareceu. Não consigo interpretar muito bem aquela moça.

Ele começa a rir.

— Provavelmente porque, das últimas vezes que você esteve no escritório, a Skyler também estava. A sua namorada é a distração perfeita.

Sorrio. Ele não deixa de ter razão.

— Enfim, ela está interessada no emprego. Não conversei com a Wendy sobre a nossa ideia de ela ser diretora de informações porque pensei que você e o Bo gostariam de participar. E também no caso da Annie e da nova advogada.

— Foda-se isso. O Bo não está nem aí, você sabe. Quanto à Wendy, ele vai querer estar presente só porque adora provocá-la. Com a Annie não vai se importar. E da contratação de uma advogada ele não vai querer participar. Se você está dizendo que a mulher é qualificada, vamos nessa. Nós conhecemos depois. Você sentiu afinidade com ela?

Respondo enquanto vou tocando as etiquetas de todas as roupas penduradas no armário de Sky.

— Sim, muito. É que...

— Você já viu a surpresa! — Skyler grita na entrada do closet. — Ah, eu ia te vender e tudo o mais — diz, fazendo beicinho.

— Parece que você tem outro assunto para cuidar. Mande um beijo para a Sky. Park, eu confio em você. Salve a minha pele, eu não tenho tempo para perder. Nós precisamos de ajuda agora. Quanto antes, melhor. É tudo que tenho a dizer. Boa noite. Fique na paz — é a última coisa que fala antes de desligar.

Inclino a cabeça para trás e esfrego as têmporas com o polegar e o indicador.

Um par de braços desliza pelo meu peito e enlaça meu pescoço.

— Meu bem, achei que você ia gostar da surpresa. Assim você pode ficar aqui sempre que quiser, sem ter que atravessar a cidade para pegar suas roupas.

Solto um longo suspiro e puxo minha garota em meus braços.

— Que surpresa boa, meu amor. Adorei. Como você descobriu o meu tamanho?

Ela sorri e recua um pouco.

— A Wendy pesquisou todas as suas compras do ano passado. Eu descobri os seus estilos preferidos e liguei para a minha personal shopper. Ela escolheu tudo e mandou para cá. Tudo deve servir perfeitamente. Se não servir, ela troca.

— Incrível, meu pêssego. Vou fazer a transferência para a sua conta.

Ela franze a testa.

— Não, meu bem. É presente. Eu quero que você se sinta em casa aqui. Isso é só um passo, não acha?

Eu sei que, se forçar a barra com o lance do dinheiro, ela vai ficar magoada. E, honestamente, estou cansado. Moído. Então acaricio seu pescoço.

— Obrigado, baby. Adorei. Foi muito legal da sua parte. Agora eu só preciso da minha camiseta do Sox e pronto.

Ela balança as sobrancelhas, deixa meus braços e se dirige a umas gavetas. Abre a de cima.

— Roupa íntima. — A segunda. — Meias. — A terceira. — Pijamas. E na última gaveta... tudo do Sox! — exclama, abrindo um sorriso largo.

— Você acabou de provar o que eu já sabia — digo, com pura admiração e amor.

Ela volta para meus braços segurando uma camiseta do Red Sox.

— O quê?

— Que você é a mulher perfeita, e toda minha.

3

— Caralho!

— Ah, meu bem... — Sky diz, com um suspiro ofegante.

— Goza — rosno, com arremetidas longas e duras.

Aperto os dentes. O desejo desce pela minha coluna. Chupo um mamilo cor-de-rosa. Skyler arqueia o corpo, se oferecendo em puro instinto. Depois de passar a língua ao redor da pontinha escorregadia e dura, mordo a carne sensível. É o que basta para fazer minha garota gritar e seu corpo se enrijecer sob o meu.

— Isso! — Deslizo as mãos por suas costas, passo-as por baixo dos braços e a seguro pelos ombros enquanto suas coxas apertam minhas costelas.

— Parker, eu vou gozar! — grita de novo. Seu corpo me aperta em três pontos. Pernas, braços, boceta. É o paraíso.

— Vai mesmo. — Dou impulso me segurando nos ombros dela, metendo fundo e me esfregando em sua pelve até ela gemer. O som vai direto para o meu pau, e eu gozo de pura felicidade. Minha mente fica nublada e eu grunho.

— Isso!

Quando os tremores diminuem, escondo a cabeça em seu pescoço, sentindo-a enquanto o restinho do meu tesão reveste sua carne.

— Humm — ela murmura e suspira quando beijo cada centímetro de pele que minha boca alcança.

— Eu te amo, meu pêssego.

Ela passa os dedos pelo meu cabelo, me apertando contra si, coração com coração.

— Eu te amo, meu bem. — Dá um suspiro profundo. — Mas, agora que você teve uma boa noite de sono e uma bela rodada de sexo matinal, vai me dizer o que você tem?

Franzo a testa escondida em seu pescoço. A seguir, levanto a parte superior do corpo para poder olhar em seus lindos olhos castanhos.

— Você acha que tem alguma coisa errada depois de eu dormir o sono dos justos com você nos meus braços e acordar com a sua boca no meu pau? Depois de eu retribuir o favor chupando você todinha? De sentir o gosto do seu orgasmo, de sentir outro ainda mais gostoso, e depois de eu gozar? Baby... você está olhando para o homem mais feliz do mundo.

Skyler ri e eu observo sua risada espalhar uma beleza inacreditável em suas feições. Meu Deus, sou um homem de sorte. E pensar que quase a perdi com aquela merda toda em Montreal... Caralho!

Minha garota passa os dedos pelo meu cabelo e me observa.

— Meu bem, você estava estressado não só por causa do problema do stalker. O que está acontecendo? Tem alguma coisa a ver com a reunião que você teve ontem com a advogada?

Porra, ela é boa nisso.

Suspiro, saio de dentro dela e deito de costas. Ela se aconchega ao meu lado e espera pacientemente até eu estar pronto para lhe contar o que se passa pela minha mente.

— Eu descobri que já conhecia a advogada.

Sky passa a mão em meu peito e abdome nus.

— Conhecia intimamente?

— Não sexualmente. Ela namorou o Royce em Harvard. Eu achava que eles iam casar. Ficaram juntos por dois anos. Ele era louco por ela. Mas aí, quando nos formamos, eles terminaram e ela foi fazer direito em Washington. Ele não falou muito sobre o rompimento, só que ela queria focar na carreira e ele na International Guy. Por que eles não podiam fazer as duas coisas juntos, eu não sei.

— Humm... Então você está preocupado em contratar essa moça?

— Sim. Eu não sabia se era uma boa ideia, mas falei com o Roy ontem à noite, e ele está cuidando de toda a parte legal da empresa. É muita coisa, fora o trabalho normal dele, e nós precisamos de uma pessoa em tempo integral.

Skyler dá de ombros.

— Arranje outra pessoa.

Mais uma vez, solto um longo suspiro.

— O problema é que não temos muito tempo. O próximo caso vai precisar de um advogado corporativo. Tem muito dinheiro envolvido. Demais. Sem falar que é uma indústria farmacêutica que quer que a gente mexa em acordos legislativos. A Kendra tem experiência nisso. Muita, na verdade. Ela seria valiosa nesse projeto. Além disso, o Roy me mandou contratá-la.

Sky levanta a cabeça para nivelar seu olhar com o meu.

— Mandou? Bom, então sem problemas. Me parece que as coisas terminaram bem.

Sacudo a cabeça e passo a mão por seu cabelo bagunçado.

— Não exatamente. Eu não tive a chance de contar quem é a candidata antes de ele me mandar contratá-la. E, mesmo que eu queira muito contratar a Kendra, sinto que estou fazendo isso pelo motivo errado.

Ela estreita o olhar.

— Ela tem todas as habilidades e qualificações de que você precisa e pode cuidar desse caso grande imediatamente?

— Sim.

— Então qual seria o outro motivo?

Sorrio.

— Ah, não. Você está metendo o nariz onde não devia, né? — ela diz, franzindo a testa.

Puxo minha namorada para o meu peito para sentir seu calor na minha pele e abraçá-la do jeito que eu quero.

— Na época da faculdade, nada separava aqueles dois. Ela era a tal.

— A tal? — Sky apoia as mãos no meu peito e o queixo em cima delas.

— A tal, a mulher certa. A única para ele.

Sky aperta os lábios.

— E o que aconteceu? Por que ela não fez direito em Harvard para poder ficar com o Roy?

Sacudo a cabeça.

— Pois é, eu não sei. O Roy não quis falar muito sobre isso. Acho que o Bo sabe, porque, quando tudo aconteceu, os dois ficaram mal. Eu estava lidando

com os meus problemas com a Kayla e o maldito do Greg. Não estava em condições de me preocupar com o rompimento entre o Roy e a Kendra, já que estava encarando o meu próprio e a traição da minha noiva com o meu melhor amigo. Na época, a gente mal teve tempo de se recompor antes de montar a empresa depois da formatura. Nós três simplesmente deixamos toda a merda pessoal de lado para focar no negócio e tentar fazer dar certo. Felizmente deu, mas... — Deixo as palavras morrerem.

— Você se sente mal por não ter explorado mais o assunto? — Sky pergunta.

— Sim, baby. Eu me sinto um péssimo amigo. E, quando vi a Kendra, percebi como sentia falta dela. Ela era uma amiga de verdade, tipo a irmã que eu nunca tive. Eu amava a Kendra, confiava nela para cuidar do meu amigo. Alguma coisa aconteceu, e do nada ela foi embora. E foi logo depois da merda com a Kayla. Tipo, duas semanas depois. Eu ainda estava enchendo a cara para afogar as mágoas. O Bo e o Roy estavam cuidando de mim. De repente, o Bo estava cuidando de nós dois.

— E o Roy nunca te contou o que aconteceu?

Relembro uma noite, nós três bebendo uísque e jogando sinuca no Lucky's. Meu pai ainda não era dono do bar, mas éramos clientes assíduos.

— Lembro de ter perguntado, e ele disse que os dois queriam coisas diferentes. Quando tentei forçar a barra, ele disse que ela tinha terminado tudo e que ia embora.

— Coitado do Roy.

— É. Eu sabia que ele já tinha comprado o anel de noivado e estava esperando o momento certo. Ele disse que ia pedi-la em casamento na noite da formatura, que seria a melhor noite da vida dele. Ela terminou tudo uma semana antes e se mudou para Washington. Até onde eu sei, ficou por lá desde então.

A expressão de Skyler é tão triste que levanto a cabeça e beijo seu beicinho.

— Que merda. Ela era o amor da vida dele e simplesmente caiu fora. Acho que não vou gostar dela. — Minha garota, leal até a medula.

— Tenho certeza que você vai gostar sim, apesar da atitude dela ter mudado um pouco agora. É como se ela tivesse uma armadura, como se estivesse escondendo o seu verdadeiro eu atrás de um muro. Ela continua linda,

talvez mais ainda com quase trinta anos do que quando tinha vinte e dois. O Roy vai ficar louco quando a vir. E, depois da merda que deu com a Rochelle Renner em San Francisco, ele admitiu que estava pronto para sossegar. Até comentou que você e eu temos sorte de ter nos encontrado. Ele quer isso também, e eu não sei, mas ver a Kendra de novo... Talvez a razão de ele não ter encontrado ninguém é porque devia estar com ela.

Skyler ergue as sobrancelhas e abre a boca em um sorriso enorme.

— Você está dando uma de Mago do Amor com o Royce! Estou nessa.

Tento negar, mas ela pressiona meus lábios com dois dedos.

— Meu bem, eu vou entrar nessa. Se ela é a mulher certa para ele, o amor que ele perdeu, nós temos que juntar os dois! — Ela se senta em cima de mim e encosta seu centro na fera.

A fera se anima, pronta para a segunda rodada. Sky deve ter sentido a rigidez entre suas coxas, porque levanta uma sobrancelha e esfrega os quadris de um lado para o outro, provocante.

— Vai me deixar entrar nessa? — pergunta, sorrindo. Ela leva dois dedos à boca, lambe-os sedutoramente e depois os esfrega na pequena linha de pelos entre suas pernas.

— Caralho... — Vejo os dois dedos girando em torno de seu feixe de nervos e desejo que fosse minha língua.

— Vai me deixar entrar? — Ela suspira e mexe os quadris em círculo com os dedos, gemendo.

— *Você* vai me deixar entrar? — digo, agarrando seus quadris, louco de vontade de levá-la e colocá-la sobre meu pau, duro como pedra.

Ela sorri com lascívia, linda. Leva a outra mão a meus lábios, e eu chupo dois dedos, passando a língua entre eles do jeito que quero fazer entre suas pernas. Ela retira os dedos e os leva ao mamilo, girando-os sobre a ponta rosada antes de beliscá-la até ficar vermelha.

— Caramba! — Aperto os dentes. — Me deixe entrar.

Tento levantar seus quadris de novo, mas ela me aperta com as coxas. Eu poderia dominá-la se quisesse, mas esse jogo é um tesão, e quero ver aonde vai chegar.

— Se você me deixar participar, pode fazer o que quiser comigo — provoca, as mãos ainda ocupadas entre suas coxas e o seio.

Caralho, não sei o que quero fazer primeiro: chupar essa tetinha já pronta, deixar a outra escura igual, enfiar três dedos no calor úmido dela ou comê-la e ficar olhando enquanto ela cavalga meu pau.

São tantas opções...

— Humm... fechado. — Eu já pretendia ceder, porque, para conseguir juntar Kendra e Royce, ou pelo menos ver se os dois ainda são compatíveis, vou precisar de toda a ajuda que puder arranjar.

Ela abre um sorriso enorme. Eu retribuo.

— Agora me dê essa mão. — Pego o pulso que está trabalhando sobre seu sexo e levo seus dedos à boca. Quando seu gosto doce e salgado toca minha língua, fico faminto. Limpo seus dedos com a língua, pego-a pela cintura e faço força com as pernas no colchão para arrastar nós dois até a cabeceira da cama, com ela no colo. Levanto-a e enfio meu pau furioso dentro dela.

— Ah! — ela grita.

Cubro sua boca com a minha até nos tornarmos um emaranhado de corpos se agitando, gemidos guturais e gritos animais. Levamos um ao outro ao êxtase. Nosso orgasmo corre pelo nosso corpo como trens de carga.

Nós nos recostamos na cabeceira, mesclados e suados, Sky ainda em meu colo, a fera firmemente presa dentro dela e seu rosto em meu pescoço. Acaricio suas costas, curtindo o peso do seu corpo. A cada respiração, seus seios fazem cócegas no meu peito.

— Você está bem? — pergunto, sorrindo e curtindo o ritmo sincronizado do nosso coração.

— Ótima — ela suspira em meu pescoço, soltando sua respiração quente sobre a minha pele. — Adoro negociar com você.

Sorrio e abraço seu corpo.

— Especialmente quando envolve compensações nuas.

Ela assente e bate de leve no meu peito.

— Exato. Assim todo mundo sai ganhando.

— É, baby, todo mundo sai ganhando.

— Você fez o quê?! — Bo está diante da minha mesa com a mão no quadril, de jeans, jaqueta de couro e o capacete da moto debaixo do braço.

— Eu contratei Kendra Banks como nossa nova advogada.

Ele faz uma expressão de desgosto.

— Eu ouvi o que você disse. Só não estou acreditando nos meus ouvidos. Me diga que na verdade você contratou uma advogada que, por acaso, tem exatamente o mesmo nome da ex do Roy de oito anos atrás.

Sacudo a cabeça e deixo a pasta de documentos que acabei de assinar na bandeja para Annie.

— Você ouviu bem. Eu tive uma reunião com o Andre. A Kendra era a melhor candidata para a vaga.

— Aquela vadia não mora em Washington? — ele rosna.

Vadia? Uau. Eu não esperava esse nível de raiva vindo de Bo.

— Ela voltou para Boston. Não perguntei por que, só confirmei se ela ficaria por aqui, porque não queremos contratar alguém para, depois que nos acostumarmos com a pessoa, ela cair fora.

Ele começa a andar de um lado para o outro.

— Não acredito nisso. E o Roy aprovou essa merda?

— Ele me disse para contratar o melhor candidato. O Andre fez uma pesquisa extensa. Ela é a única que tem experiência não só com direito empresarial, mas também com legislativo. O que significa que é perfeita para o caso da Pure Beauty Farmacêutica. Que, devo recordar, é um caso de meio milhão de dólares para a agência!

Bo aperta os dentes e o maxilar.

— Não dou a mínima para quanto estão pagando. Essa vadia não pode trabalhar aqui!

— Tarde demais. Eu já contratei. Ela vai estar aqui dentro de uma hora.

Seus olhos castanhos praticamente saltam das órbitas.

— Você foi longe demais com isso, Park. Longe pra caralho. Lembra como foi quando ela largou o Roy?

Sacudo a cabeça e me levanto. O medo pressiona minhas têmporas.

— Não. Eu estava passando pelo problema com a Kayla. O Roy não me contou nada. Ele fez parecer que tudo acabou de forma amigável.

Bo agita a mão no ar.

— Quem é que termina um relacionamento de dois anos, com anel de diamante comprado, só com palavras de despedida? Você está de brincadeira. Não pode ser tão burro assim.

Exalo longamente e esfrego a nuca.

— O Roy estava surtando com as questões legais da agência. Eu tentei avisar quem era a candidata, e ele nem se interessou. Me mandou contratar. Você também disse que não se importava. Então eu a contratei, porra! — A irritação, com uma pontinha de arrependimento, domina minha psique.

Bo sacode a cabeça, vai até a porta e leva a mão à maçaneta. Quando se volta, me perfura com um olhar mortal.

— Você vai se arrepender.

Quando abre a porta, Kendra e Annie estão paradas diante dele, bloqueando o caminho.

— Caralho! — ruge e olha Kendra de cima a baixo, não uma vez, mas duas. Do impecável terninho branco com viés vermelho feito sob medida até os sapatos de salto, vermelhos e sensuais. Ela parece uma profissional feroz, cara e implacável. — Você não podia ser gorda e tão feia quanto a sua alma? — ele pergunta.

Kendra aperta os lábios.

— O prazer é meu, Bogart. Vejo que o seu temperamento não mudou.

Ele aponta o dedo diante do rosto dela.

— Estou de olho em você. Não sei o que está acontecendo, por que você decidiu voltar agora, quando está tudo indo bem. Mas eu te conheço, mulher. Eu te conheço.

— Isso é tranquilizador. Me considero advertida por essa ameaça velada — ela retruca. A seguir, volta o olhar para mim. — Bom dia, Parker.

— *Bom dia, Parker.* Inacreditável! — Bo resmunga, então passa por Kendra e Annie e sai porta afora.

— Pode ir, Annie, obrigado. Kendra, por favor, entre — convido.

Ela entra em minha sala, fecha a porta e se senta à minha mesa.

— As coisas não saíram como eu planejava. Desculpe — digo, com certa frustração.

Ela sacode a cabeça.

— Não precisa se desculpar. Eu já esperava essa reação de um ou de ambos os seus sócios. Eu sabia que o Bo ia ficar contrariado com a minha presença, mas não achei que ficaria tão furioso. Vou ter que trabalhar isso.

— Dê tempo ao tempo. Ele não é muito diferente de quando te conheceu na faculdade. Só mais esperto, mais rodado... Beeem rodado. — Sorrio e por fim sou agraciado com um dos grandes sorrisos brancos de Kendra. — Ele é protetor.

— Eu que o diga.

— É assim com todos nós. Incluindo a Wendy.

— Wendy?

— A nossa assistente.

Ela franze a testa.

— Pensei que a assistente fosse a Annie.

— Sim, tecnicamente. A Wendy está afastada, volta esta semana. Ela vai ajudar a manter o Bo e o Royce sob controle.

— Ela está de licença?

— Sim.

— Maternidade?

Sinto um aperto no coração. Odeio falar sobre o que aconteceu, mas, se Kendra vai ser nossa advogada, tem que saber tudo sobre a empresa.

— Não. Ela está afastada há dois meses, se recuperando de um tiro que levou em um dos nossos casos.

Uma sobrancelha escura se ergue na fronte de Kendra.

— Tiro?

Passo a língua nos lábios e me recosto na cadeira.

— Sim. Foi complicado. Nós tivemos um caso em Montreal...

— Isso aconteceu em um caso internacional? Parker, existem tantos desdobramentos legais que podem voltar para te assombrar se essa funcionária processar a International Guy... O que é direito dela, a propósito.

Aceno com a mão.

— Deve ser mesmo. Mas não precisamos nos preocupar com a Wendy. Ela é IG de coração e se tornou membro da equipe e da família. Tem tanto interesse na IG quanto nós três. Além disso, o noivo dela é rico. Do nível da Oprah Winfrey. Ela não precisa processar a agência.

Kendra aperta os lábios e pega um bloco de anotações.

— Vou confiar na sua palavra por enquanto, até conhecê-la e avaliá-la. Acho que você precisa me fornecer os arquivos dos casos dos últimos seis meses. Talvez eu precise analisar tudo seriamente para garantir que os bens da empresa não correm risco.

Abro um sorriso largo.

— A boa notícia é que o Royce cuida de todas essas coisas, de modo que ele pode te fornecer os arquivos e as informações sobre o que fez até agora.

Ela fecha os olhos ao ouvir o nome de Royce. Noto seu corpo ficar tenso, mas ela tenta não deixar transparecer. Abre os olhos e um sorriso conciliador.

— Ótimo.

— Independente do que aconteceu entre você e o Roy no passado, Kendra, ele é profissional. Além disso, foi há muitos anos. Muita água já passou debaixo da ponte, certo?

Ela lambe os lábios e anui, mas não responde. Para mim, isso é revelador. Basicamente me diz que ela não está tão confiante como eu com a reação de Roy ao fato de tê-la trabalhando aqui.

Antes que eu possa entrar no tema do trabalho propriamente dito, minha porta se abre e Roy entra sorrindo, animado.

— Desculpem o atraso. Fiquei preso no telefone com uma cliente e... — Quando vê Kendra, suas palavras morrem, assim como seus movimentos. Seu rosto fica pálido enquanto ela se levanta.

— Olá, Royce. Há quanto tempo. — Ela estende a mão para ele.

Roy pisca olhando para a mão dela, depois para mim e de volta para ela.

— O que você está fazendo aqui?

Ela deixa cair a mão e endireita a coluna, parecendo alguns centímetros mais alta.

— Eu sou a nova advogada de vocês.

Roy arregala os olhos cor de carvão e aperta os lábios a ponto de ficarem brancos.

— Isso deve ser piada. — Ele se volta para mim. — Park, irmão, você contratou a minha ex para trabalhar com a gente?

Eu me levanto, abotoo o paletó e engulo em seco, tentando aliviar o desconforto instantâneo que reveste minha garganta.

— Você me disse para contratar. Não quis me ouvir quando eu tentei explicar quem ela era. E você está com muito trabalho...

Ele levanta a mão.

— Você contratou a mulher que eu pedi em casamento, que recusou o pedido, tirou as coisas dela do apartamento que dividíamos e me deixou sem mais nem menos para se mudar para Washington?

— Caralho — sussurro, me dando conta dos desdobramentos da decisão que tomei. Merda. — Acho que cometi um erro.

— Você *acha*, porra? — Royce grunhe.

É quando Kendra, a advogada esperta, fala:

— Seja como for, nós temos um contrato blindado, que você assinou, me dando seis meses de estabilidade, desde que eu não desrespeite nenhuma cláusula. Se vocês rescindirem, vão ter que me pagar seis meses de salário integral em dobro, pelo meu inconveniente. Como o salário de seis meses equivale a cem mil dólares, vocês vão me dever duzentos mil, sem receber absolutamente nenhum serviço.

— Porra, você é boa — sussurro, chocado com a letalidade dessa mulher.

— A melhor. Razão pela qual, devo recordar, você me contratou e eu fui tão altamente recomendada pelo Andre. Você não vai encontrar uma pessoa mais qualificada para esse cargo, nem mais comprometida.

— Não me interessa. Duzentos mil, que seja — Royce declara.

Eu me aproximo dele e pouso a mão em seu ombro.

— Roy, desculpe. Eu não sabia da gravidade do que aconteceu entre vocês. Eu não teria... — Não consigo continuar, porque meu coração está martelando no peito e minha garganta parece estar sendo espremida por um torno.

— Royce, fala sério. Você ainda está tão ligado a mim, oito anos depois, que não suporta a possibilidade de trabalhar comigo? É trabalho, negócios. Não há nada em que nós dois sejamos melhores que nos negócios — ela tenta.

Ele se aproxima, levando o rosto a menos de cinco centímetros do dela.

— Eu posso pensar em pelo menos uma coisa em que nós éramos ainda melhores juntos — rosna.

Vejo o peito de Kendra subir e descer, mas eles ficam ali, em um impasse.

— Talvez possamos encontrar uma solução... — começo, tentando minimizar minha pisada na bola.

Royce sorri, com os olhos ainda nos de Kendra.

— Não vai ser necessário. Se ela consegue ser profissional, eu também consigo. Nós vamos te dar seis meses. Mas uma pisada bola, Kendra, e você está fora.

Ela dá um sorriso levemente sarcástico.

— Estou ansiosa pelo dia em que você encontrar uma única pisada na bola da minha parte. O meu trabalho é excepcional, você vai ver.

— Espero estar errado.

— Eu também — ela diz, com a voz trêmula.

Kendra dá as costas para ele. O que ela disse quase parece ter duplo sentido. Sobre o que ela poderia estar errada também?

Ela pega seu bloco de anotações e se afasta de Royce.

— Parker, imagino que você tenha uma sala para mim.

Assinto.

— Ótimo. A melhor hora para começar é agora. Royce, o Parker me disse que você tem os arquivos dos últimos seis meses. Eu gostaria de analisá-los, me inteirar nos próximos dias para discutirmos qualquer problema que eu possa encontrar ou providências que tenhamos que tomar.

— Tudo bem. Vou mandar a Annie te entregar tudo — ele diz com a voz profunda, retumbante e baixa, como uma tempestade se formando.

Ela assente com secura.

— Além disso, quero revisar as fichas dos funcionários, para me assegurar de que todos os documentos exigidos estão disponíveis e em ordem.

— Sem problemas. Eu tenho tudo aqui — digo.

Tiro minhas chaves do bolso, destranco a gaveta de baixo à direita, pego as pastas — minha, de Bo, Royce, Wendy e Annie — e entrego a ela.

— São confidenciais.

— A minha sala tem armários com chave? — Kendra pergunta.

— Sim. As chaves estão na gaveta da mesa.

— Vou começar agora.

— Mais para o fim da semana, nós precisamos falar sobre o caso da Pure Beauty Farmacêutica.

Ela franze o cenho.

— Vocês estão trabalhando com eles? — pergunta com certa tensão na voz. Pode ser por causa do confronto com Royce e Bo ou por outra coisa. Vou ter que arranjar tempo para conversar com ela quando as coisas se acalmarem um pouco.

— Sim, é o nosso próximo cliente. Nós vamos para Washington na próxima semana. E, quando digo nós, quero dizer você, eu e o Royce. Precisamos revisar o contrato, alterar o que não nos favoreça, assinar e despachar. Eu estava esperando o novo advogado para fazer isso.

Ela fecha os olhos por um momento, como se estivesse se estabilizando, antes de reabri-los.

— Então é melhor eu começar a trabalhar.

— A Annie vai te mostrar a sua sala.

— Obrigada, Parker. — Ela se volta para a porta, mas, quando vai sair, para. Vejo seus ombros subirem e logo descenderem antes de ela girar. — Royce, lamento que isso tenha sido um choque para você. Não era a minha intenção. Estou realmente entusiasmada para trabalhar com você. Nós sempre funcionamos bem juntos. Pelo menos nos estudos e... de outras maneiras. — Um lampejo de dor passa pelo seu rosto antes que ela disfarce.

Roy lambe os lábios e cruza os braços maciços.

— Antigamente nós de fato funcionávamos bem juntos, mas muita coisa mudou.

— Compreendo. Estou esperando os arquivos.

— Você vai receber em breve — ele promete.

Ela anui e sai pela porta.

4

No instante em que a porta se fecha, Royce vem para cima de mim.

— Isso foi golpe baixo, meu irmão. Um golpe baixo e implacável. Não consigo nem imaginar por que você acreditaria que não haveria problema em contratar essa mulher como nossa advogada. — A voz dele sai cheia de mágoa e choque.

Suas palavras me acertam como um soco bem dado no meio do estômago, onde vive minha autodepreciação.

— Roy, eu tentei te contar, cara. E várias vezes você me disse para contratar a pessoa mais qualificada...

Ele aperta os dentes e torce os lábios.

— Eu não pensei que a candidata ideal seria a mulher que acabou comigo e me deixou recolhendo os cacos em uma cama vazia, na casa onde tínhamos sido felizes juntos. Eu queria me casar com ela, Park, dar o meu sobrenome a ela. Ter filhos com ela. Nós falávamos sobre isso o tempo todo...

Passo a mão pelo cabelo.

— Caralho, o que aconteceu? Naquela época você fez parecer que o término tinha sido consensual. Como eu ia saber que não foi assim?

Roy estreita os olhos escuros.

— Não consigo falar disso. Nem agora nem nunca. Só saiba que eu não estou feliz com a situação. A última coisa de que preciso é ver a mulher que me largou andando por este escritório toda saltitante, me tentando, pisando em mim de novo.

— Roy...

Ele sacode a cabeça, ajeita o paletó e o abotoa sobre o corpo maciço. Como se estivesse ajeitando seu eu emocional e físico ao mesmo tempo.

— Eu posso ser profissional pelos próximos seis meses. Mas depois acabou. Eu quero a Kendra fora daqui, está me escutando? F-O-R-A. — As palavras de Royce são uma promessa, não uma ameaça.

Fecho os olhos e sinto o ar da sala pesar com sua inquietação.

— Como você quiser. — Não há muito mais que eu possa fazer para salvar a situação.

— Isso é o que eu quero.

— Então assim será.

— Nunca mais, irmão — Royce avisa.

Franzo a testa e olho para ele, que crava os olhos escuros nos meus.

— Nunca mais se intrometa em uma situação que diga respeito a mim e uma mulher, entendeu? Se você fizer isso, nós vamos ter problemas. Problemas muito maiores do que ter a minha ex trabalhando na nossa maldita empresa.

Merda. A Operação Royce Mago do Amor está fora de questão. A Sky vai ficar chateada. Mas vai superar. Ela é assim.

— Entendido.

Royce retesa o maxilar e olha pela janela, bem no momento em que minha porta se abre e uma ruiva familiar entra.

— E aí! Ei, quem é a rainha do gelo negra toda sexy e durona, mas totalmente fria quando cutucada?

Royce fecha os olhos e suspira.

— É a Kendra Banks, nossa nova advogada.

Wendy abre um sorriso largo.

— Legal. Isso significa que você se livrou de toda a parte legal da empresa, hein? — E cutuca Royce, que dá um sorriso desanimado.

Ela estreita os olhos.

— Não está contente por ter uma advogada fodona aliviando a sua carga de trabalho? Ah, não... O que é? — Ela franze os lindos lábios vermelhos. — Vou adivinhar. O Bo já está dando em cima dela. Bom, dá para entender. Ela parece filha da Vanessa Williams com a Angelina Jolie. Não que isso possa acontecer, sendo ambas mulheres e tal, mas ela é linda demais.

Royce vai até Wendy, pousa a mão em sua nuca, beija o topo de sua cabeça e vai saindo.

— Que bom que você está de volta, Wendy. Eu tenho coisas a fazer — diz, evasivo, e nos deixa ali.

— Não era para eu vir hoje falar com vocês três? — ela pergunta, estendendo a mão em direção à porta pela qual Royce acabou de passar.

Suspiro e esfrego a testa.

— Eu pisei na bola. De novo.

Wendy fecha a porta antes de pegar minha mão e me levar para o sofá. Faz com que eu me sente e depois pousa a bunda na mesa de vidro à frente.

— Me conta tudo, chefe. Eu preciso de informações, porque o que aconteceu agora há pouco não foi legal. O Royce não disse nada nem me olhou nos olhos. Evitou falar sobre a nova advogada, o que significa que tem algum problema com ela. E você... Parece que alguém acabou de bater no seu Tesla. Me conta tudo.

Então eu conto. Dou todos os detalhes, ponho tudo para fora, como uma menininha chorona, deixando todas as minhas preocupações em suas mãos capazes. Quando termino, estou exausto, como se minha mente tivesse sido atropelada por um ônibus e precisasse dormir por uma semana.

Wendy aperta os lábios, mas logo eles se transformam em um grande sorriso.

— Você percebe que agiu certo?

Franzo a testa.

— Como assim?

Ela sorri.

— Se o Royce já tivesse esquecido a advogada, não se importaria por ela trabalhar aqui. Poderia ter ficado meio incomodado, mas não teria aquela reação perturbada. Se tudo entre eles fosse passado mesmo, não seria problema, certo?

Sua lógica tem mérito.

— Continue.

Ela inclina a cabeça e seus olhos azuis brilham. Oh-oh, isso significa que está prestes a sugerir alguma travessura.

— Wendy... — tento alertá-la, pensando no ultimato de Royce.

— Não tem como não avançar com o plano de juntar os dois. Mas primeiro eles precisam trabalhar juntos por um tempo, fazer os hormônios reagirem, entende? Ficar perto um do outro, como nos velhos tempos. O caso de Washington vai ajudar, com certeza. Trabalhar lado a lado em um caso, o tempo todo um vendo a cara do outro...

— Ou pode piorar a situação e machucá-lo ainda mais. E aí quem vai acabar machucado sou eu, por perder o meu melhor amigo ou por levar um soco do Royce por tê-lo colocado nessa situação.

Wendy franze a testa.

— Quando foi a última vez que vocês saíram no tapa?

— Nunca. Nós somos muito amigos. Se acontecer atrito físico, a amizade morre. É o nosso código. Podemos socar qualquer um que ameace os nossos amigos, mas nunca um ao outro, a menos que seja em um ringue, lutando por diversão.

— Ah, eu pensei que os homens brigassem quando não conseguem expressar suas emoções. Interessante. As garotas se atacam verbalmente e acabam logo com o problema. É quase catártico, acho. Não que eu saiba de fato, já que as minhas primeiras amigas de verdade são a Skyler, a Rachel, a sua mãe e a mãe e as irmãs do Roy, mas eu vejo muito *Gilmore Girls* e *Desperate Housewives*.

Pego a mão de Wendy e a aperto.

— Abusada, estou feliz por você ter voltado.

— Eu também. Bom, eu gosto da parte de transar muito para engravidar, mas preciso de um tempo — ela diz e solta um suspiro cansado. — O Mick assumiu o dever de me engravidar como se fosse um trabalho. — Dá um sorriso malicioso. — Não que eu esteja reclamando, mas você sabe... a mulher tem que fazer o homem suar um pouco. E ter espaço ajuda.

Pisco sem dizer nada.

Ela franze a testa e deixa cair os ombros.

— Falei demais de novo?

Faço que sim com a cabeça.

— Droga. Preciso melhorar isso. Eu nunca sei direito quando é conversa de menina e quando é conversa de menino.

— Pergunte para a Sky.

Ela fica toda animada.

— Boa ideia.

— A melhor que eu já tive, aparentemente.

Wendy sorri.

— Além da nova questão da advogada com o Royce...

— E o Bo.

Ela fica em choque, ergue as sobrancelhas e seus olhos azuis brilham.

— Ele também está a fim dela?

— Não. Ele despreza a Kendra. Tenho a impressão de que ele sabe mais sobre o passado dela com o Roy e não está feliz por vê-la aqui. O que significa que nós temos um Bo mal-humorado e um Royce carrancudo. Não é uma boa combinação.

— Ah, entendi o dilema. Vou cuidar deles.

— Agradeço muito.

— Imagine! Agora, o que vocês três queriam falar comigo, afinal?

— Bom, acho que, já que não vou conseguir fazer os dois falarem comigo tão cedo, eu mesmo vou fazer as honras.

— Honras?

Eu me levanto e vou até minha mesa para pegar o documento que Bo, Royce e eu já assinamos.

— Uma oferta para você se tornar oficialmente a nova diretora de informações da International Guy. Acompanha um aumento salarial, um novo cargo, mais responsabilidade e acesso ilimitado a praticamente tudo aqui.

Ela ri.

— Como se eu já não tivesse acesso ilimitado. Hacker, lembra? — E aponta para seu peito.

Sorrio e lhe entrego a carta e o contrato. Wendy examina rapidamente o contrato e lê a carta com atenção.

— É um contrato de três anos, com renovação automática, a menos que ambas ou uma das partes queira rescindi-lo. Vocês estão se comprometendo comigo por três anos... — ela diz, com a voz rouca e ofegante.

— Sim. E queremos que você se comprometa conosco também.

— Posso levar para casa e conversar com o Mick antes de assinar?

— Claro. Você vai estar comprometendo três anos da sua vida com a IG. Eu ficaria desapontado se não falasse com o seu noivo sobre isso.

Ela funga e aninha os documentos contra o peito como se fossem algo querido, e não pedaços de papel.

— Eu quero que você saiba que isso significa muito para mim, Parker. — Ela respira fundo e ergue os olhos azuis marejados para mim. — Estou lisonjeada.

Sorrio e pouso a mão em seu ombro.

— É uma honra para nós três ter você como parte da equipe, e queremos formalizar tudo oficialmente. Leve o contrato para casa. Nós três já assinamos. Depois de analisar e, esperamos, assinar, você vai se mudar para a sua nova sala.

Ela arregala os olhos.

— Eu vou ter uma sala só minha?

— Sim, ao lado da recepção. Assim você vai poder ficar de olho na Annie e em nós.

— Maravilha!

— Que bom que gostou. Por enquanto, você poderia ir falar com a Annie. Ela tem muita coisa para assumir. Tem se saído bem, mas não é você. Tem muita coisa que nós não passamos para ela sabendo que você voltaria.

— Sem dúvida. — Wendy me dá uma piscadinha.

— Além disso, talvez você possa sondar o Bo e o Royce, tentar ver como está a cabeça deles em relação à Kendra.

— Você quer que eu entre nessa.

— Sim. Obviamente.

— Nada mudou, mesmo depois de dois meses. — Ela sacode a cabeça, como se estivesse curtindo sua piadinha.

— Exceto o fato de você ser promovida, de contratarmos uma nova assistente e uma advogada, de que você vai se casar, de a Skyler estar trabalhando em Boston no futuro próximo, de ela ter um fã maluco/stalker mandando mensagens estranhas para nós. E de o meu irmão ser bissexual. É, nada de mais.

Três dias depois, dizer que a tensão na sala é tão densa que dá para cortar com uma faca é minimizar o óbvio.

Os olhos e a linguagem corporal de Kendra são ferozes, uma força que não deve ser desprezada. Ela está sentada estoicamente, olhando para a frente, para mim, ignorando os outros dois homens sentados à sua esquerda.

Bo está na cadeira do meio e sorri com desdém para Kendra toda vez que olha para ela. Royce ignora tudo, focando toda a sua atenção em seu celular. Ele pode estar checando a pontuação dos jogos da noite passada ou o mercado de ações, ou talvez até jogando sudoku.

Meu Deus, que merda. *Onde está a Wendy, afinal?*

Por falar em minha salvadora, ela entra na sala com um tablet na mão.

— Desculpem pelo atraso. Eu andei pesquisando sobre essa empresa e achei que vocês iam gostar de saber dos projetos atuais e interesses legislativos dela.

Um peso do tamanho de Massachusetts sai do meu peito ao ver nossa própria srta. Moneypenny. Ofereço a Wendy um sorriso grato quando ela entra e se apoia na prateleira que há na parede de janelas atrás de mim.

— Kendra, vamos começar com você. Nos atualize sobre a Pure Beauty Farmacêutica. Nós vamos para lá na segunda-feira, e eu quero estar o mais informado possível — digo, me dirigindo a nossa nova contratada.

Vestindo blusa de seda laranja, saia justa de tweed bege e blazer creme com mangas três quartos, Kendra procura algo nos documentos a sua frente. Então levanta e entrega a cada um de nós, inclusive a Wendy, uma cópia de alguma coisa.

A mulher está sempre preparada.

Bo rosna para ela, mas pega o documento, mantendo seu comportamento adolescente. Kendra não parece se deixar afetar. Ela pega a arrogância dele e a joga de lado, como se fosse um pano velho e puído.

— Este é o contrato atualizado assinado pela CEO da Pure Beauty Farmacêutica.

— Atualizado? — Royce pergunta, analisando o documento.

— Sim. Achei o primeiro inaceitável — ela afirma, olhando fixamente para ele.

— Eu mesmo elaborei aquele contrato — ele retruca, com certa grosseria e uma hipersensibilidade que ninguém em um raio de um metro e meio deixaria passar despercebida.

Ela abre um sorriso falso e diz:

— Obrigada por adiantar as coisas. Só que no contrato antigo faltavam alguns itens necessários e uma cláusula muito importante.

Ele franze a testa, olhando para o novo contrato.

— E qual seria?

— Uma cláusula para o caso de desistência.

— E por que nós iríamos querer desistir?

— Bom, segundo a minha experiência, se o consultor assume um caso e encontra uma questão moral, ou um possível risco para a sua reputação na continuação do trabalho, certamente vai desejar que o contrato ofereça uma saída legal sem prejuízo para o seu patrimônio. Ou, em caso de rescisão, uma garantia de não estar violando o contrato. Basicamente, é uma medida de proteção.

Analiso o documento e noto toda a verbosidade legal que ela acrescentou.

— Foi um ótimo acréscimo. Mas, com a sua experiência no Capitólio, você tem alguma preocupação com o fato de nós trabalharmos nesse caso?

Kendra aperta os lábios.

— Com base em razões profissionais, não.

— Isso significa que você tem algum problema pessoal com a Pure Beauty Farmacêutica? — rebato.

— Além dos negócios escusos envolvendo dinheiro e medicamentos que geralmente rodeiam grandes indústrias farmacêuticas, sim, eu tenho razões pessoais. Muitas dessas entidades preferem fazer as coisas de modo a reduzir todos os custos possíveis e assumem riscos com seus produtos. Riscos que, como mulher, eu não gostaria de correr fazendo um tratamento de beleza. Produtos de baixa qualidade, datas de validade ignoradas e muito mais. No entanto, basicamente, segundo este contrato, a IG deve abordar senadores em nome do cliente para obter ajuda no apoio a uma legislação. Eu não sei que legislação é essa, o que de cara me deixa desconfortável. Vou querer uma cópia disso no instante em que chegarmos ao escritório deles.

— Ótimo plano. Alguém mais? — pergunto.

Wendy se aproxima de mim enquanto digita algo em seu tablet.

— Sim, eu tenho algumas preocupações. Quando pesquisei sobre essa empresa, o nome dela apareceu algumas vezes em blogs e sites de ativistas dos direitos animais, alegando que eles testam os produtos em animais.

Sua careta corre ao redor da sala como uma ola na arquibancada de um jogo. Aparentemente, esse grupo não gosta da ideia de animais inocentes serem usados para qualquer tipo de teste.

— Alguma coisa concreta sobre essas alegações? — pergunto, sentindo um formigamento desconfortável na nuca.

Ela sacode a cabeça.

— Não, só conjecturas até agora. Nada provado. Mas vou continuar investigando. Pelo que eu vi, não tem muita coisa na mídia sobre essa empresa, o que é estranho para alguém que está tentando conseguir a aprovação de um projeto de lei. Geralmente dinheiro grande vem com grandes nomes. É como se eles estivessem se mantendo fora do radar da imprensa e da política até agora. Ainda estou tentando ligar os pontos sobre os produtos que eles realmente fabricam, e não está sendo fácil.

Royce se endireita, com uma expressão séria no rosto.

— Você acha que é uma empresa nova?

— E capaz de pagar uma consultoria de quinhentos mil dólares? — também direciono a pergunta a Wendy.

Ela sacode a cabeça.

— Não. No site deles diz que estão no mercado há trinta anos.

— Todo mundo pode mentir — Bo acrescenta e olha para Kendra. — Eu mesmo conheço muitos mentirosos.

Ela retesa o maxilar e endireita a coluna, como um soldado se preparando para a batalha.

Eu o ignoro, mas pretendo falar com ele sobre sua atitude em relação a Kendra quando estivermos sozinhos.

— Já recebemos algum dinheiro? — pergunto a Royce.

— Sim, vinte por cento adiantados, como acontece com todos os clientes — ele confirma.

— Considerando que nós recebemos cem mil adiantados, sugiro continuar pesquisando e nos encontrar com eles na segunda. O Roy, a Kendra, eu e o Bo

vamos assumir o comando.

— Acho que a minha inclusão não vai ser necessária, agora que você tem a Kendra. Além disso, estou negociando com outra cliente. Seria bom ter tempo para isso. Sem mencionar que ainda precisamos nos preparar para Madri — Royce anuncia.

— O que tem em Madri? — pergunto, abrindo minha agenda no notebook.

— Pop star — ele diz, tamborilando no topo de seu celular com o indicador.

— Pop star. Uma artista? — pergunto.

Os olhos de Bo se iluminam como uma fogueira na praia. Sorrio, notando seu entusiasmo, satisfeito por ver o desdém desaparecer por um momento, por mais breve que seja. O que vier é lucro. Ele está um saco nos últimos três dias, desde que Kendra chegou. Talvez o caso da pop star o tire dessa.

— Juliet Jimenez, espanhola de Madri. Uma coisinha. É conhecida como JJ. Voz de anjo, aparência de criança, mesmo na casa dos vinte. Vamos desenvolver seu poder de sedução e ensinar a menina a ser confiante, atrevida e a ter presença de palco.

Juro que, toda vez que pegamos um caso novo, fico surpreso com o que nos pedem para fazer. Parece que a reputação de nada ortodoxos nos precede, porque cada caso é diferente. É sempre alguma coisa exótica.

— Interessante — comento enquanto bocejo, mostrando que não estou exatamente pulando de alegria com a ideia de viajar até Madri.

— *Muito* interessante. Estou nessa. — Bo sorri.

— Ótimo. Especialmente se eu puder não estar — digo, na esperança de que a equipe aceite.

Royce franze a testa.

— Hum, acho que não, mas vamos discutir isso quando estiver mais perto. A cliente pediu especificamente você, Park. Parece que soube do trabalho que você fez em Milão e quer resultados semelhantes. Isso significa que requisitou você e o Bo. Eu estou fora.

Inspiro longa e lentamente. Parece que nunca vou ter sossego para ficar em Boston por alguns meses seguidos e ter uma vida normal.

Uma vida normal.

Nem sei se eu sei como é isso. Entre minha namorada famosa, nosso problema com o stalker/fã maluco, minha equipe em pé de guerra e as viagens ao redor do mundo, não sei se eu preferiria ficar no escritório e no fim de semana fazer um churrasco ao ar livre com a minha garota, jogando bola para um cachorrinho espevitado.

A imagem fica impressa em minha mente: Sky de shorts, um filhote de golden retriever mordendo seus calcanhares, esperando que ela jogue a bola enquanto eu ponho uns bifos na grelha na nossa varanda. Nada além de árvores e campos verdes durante dias, o pôr do sol no horizonte cobrindo de brilho o corpo da minha garota.

— Park... — A voz de Royce corta meu devaneio como faca quente na manteiga.

Franzo a testa e a imagem desaparece. A fuça de Royce está na minha cara.

— Onde você estava, irmão? Eu perguntei se terminamos aqui. Tenho coisas para fazer.

— Ah, sim. Bom, acho que estamos todos indo na direção certa.

Bo olha para Kendra.

— Pelo menos alguns de nós. Até mais, Sininho, Roy... — Ele sai e, de fora, acena com a mão sobre a cabeça. — Park, fique na paz. — Não se despede de Kendra, pois isso seria lhe dar atenção e reconhecer sua presença. Ele tem se saído muito bem ao evitá-la a semana toda.

Roy também se despede e sai da minha sala.

Kendra se levanta e alisa a saia.

— Bom, se a semana acabou, também vou me despedir. Preciso fazer as malas e me preparar para a viagem.

Eu a detenho segurando seu pulso. Wendy nota meu movimento e sai apressada.

— Tchau, gente. Nos falamos na semana que vem — diz e fecha a porta ao sair.

— Ele vai mudar de ideia — tranquilizo-a.

Ela inclina a cabeça para o lado. Vejo dor em seus olhos esverdeados.

— Quem? O Royce ou o Bo? Nenhum dos dois quer saber de mim.

— Vai levar um tempo, mas eles são gente boa. Eu conheço os dois desde sempre. Eles vão mudar de ideia.

Mas é uma promessa vazia. Não sei se eles vão superar os problemas que têm com ela. Só posso torcer para que sejam os homens que eu conheço. Justos, que não julgam.

Ela assente, endireita os ombros e leva uma mecha de cabelo para trás da orelha.

— Tudo bem. Já encarei coisas piores. Isso também vai passar.

Estreito o olhar e aperto sua mão.

— Algo me diz que você já viveu coisas muito piores. Se compartilhar, pode ajudar a curar algumas mágoas causadas pela sua partida.

— Parker, não faça isso — ela diz, contraindo os lábios e apertando o bloco de anotações contra o peito.

Ficamos nos olhando por longos segundos. Nenhum dos dois fala nem quer recuar. Por fim, ofereço uma saída:

— Tudo bem. Mas saiba que, se quiser conversar, estou aqui. Na IG nós somos um time, mesmo que agora não seja assim. Por baixo de tudo isso, existe muita camaradagem e respeito. Eles vão mudar de ideia, você vai ver.

Ela me presenteia com um sorriso gentil.

— Espero que você esteja certo, Parker. De verdade.

— Vamos encerrar a semana, então? A minha namorada vai pedir comida chinesa e pretende fazer uma maratona de Netflix, seja lá o que isso signifique. E eu vou ter que engolir, porque quando quero ver o jogo ela não reclama.

Kendra ri.

— Você tem alguém especial te esperando em casa? — pergunto, pressionando um pouco.

— Só a minha família. Fiquei longe por muito tempo, tenho que compensar. Além disso, eu sou necessária aqui — ela diz, sai pela porta e vai para sua sala.

— Sim, você é, Kendra.

Olho para a porta de Royce e penso nele me dizendo que queria sossegar.

— Talvez mais do que você imagina — sussurro para mim mesmo enquanto vou para o elevador.

Aperto o botão da cobertura e coloco o polegar sobre o leitor. Ele apita, a luz fica verde e o elevador começa a subir.

As portas duplas se abrem para a entrada do apartamento de Skyler.

— Querida, cheguei!

5

A Pure Beauty Farmacêutica está localizada a oeste da Casa Branca e do centro de Washington, em um pequeno bairro chamado Foggy Bottom. Do nosso hotel, no centro, pegamos o metrô, porque Kendra disse que era mais rápido que andar de carro no trânsito local. Como ela morou aqui, confiei em sua experiência.

O motorista que nos esperava na saída da estação George Washington University nos leva pelo quilômetro final até a fábrica da Pure Beauty, que também é onde seus principais escritórios se localizam.

Agora estamos em uma sala de espera cercada de vidro, com uma excelente vista do rio Potomac. Fico de pé olhando para o rio, até que uma mulher de cabelo muito preto e terninho muito caro se aproxima. Sua pele é impecável, cor de pérola brilhante. Os olhos são de um verde-escuro que combina com a blusa de seda sob o blazer preto Armani. Os saltos de couro de cobra verde-musgo dão um toque estiloso ao visual, mas, no conjunto, ela me lembra uma guerreira. Como se estivesse vestindo sua armadura, pronta para a batalha. Talvez esteja mesmo, uma vez que convocaram nossa equipe.

Ela toma minha mão em um aperto surpreendentemente firme.

— Olá, sou Vivica Preston, CEO da Pure Beauty. — A seguir, estende a mão para Kendra.

— Parker Ellis, CEO da International Guy, e nossa advogada, Kendra Banks.

Vivica ergue a sobrancelha com desconfiança e sorri.

— Acho que temos alguns conhecidos em comum, Kendra. É um prazer tê-la de volta a Washington, e tão cedo.

Kendra não retribui o gesto.

— Sim... Eu esperava dar um tempo da Cidade do Chocolate, mas o governo parece estar me chamando.

— Humm. Certo. Por favor, venham comigo. Estão todos esperando.

— Todos? — pergunto.

— Sim.

Ela não oferece mais explicações. Gira sobre os saltos agulha e nos guia por um longo corredor.

Quando chegamos ao que suponho que seja uma sala de reuniões, ela abre uma das portas duplas e a segura para que entremos. Sentados à mesa estão cinco homens de terno e gravata. Três parecem muito jovens, e dois são de meia-idade.

— Pessoal, este é Parker Ellis, CEO da empresa que eu contratei para nos ajudar a conquistar as senadoras Birchill e Portorino. E, com ele, alguém que vocês talvez já conheçam, Kendra Banks. Advogada corporativa, representando a International Guy. Ela trocou recentemente as relações governamentais pelo setor privado, e parece que o setor privado a trouxe de volta para casa.

Risadas retumbantes correm entre os homens enquanto cada um deles se levanta para apertar nossa mão. Vivica apresenta três deles como funcionários da Pure Beauty Farmacêutica. Surpreendentemente, os dois mais velhos são nomes que eu reconheço: um é o sr. Damren, ex-senador democrata por Delaware, e o outro é o sr. Kemper, atual senador republicano pela Louisiana.

— Por favor, sentem-se, sr. Ellis, srta. Banks. — Vivica aponta duas cadeiras de couro vazias à mesa.

Assim que nos acomodamos, um ao lado do outro, olho ao redor e noto que Kendra está sentada em sua pose de guerreira — como gosto de pensar. Costas eretas, ombros tão rígidos que daria para equilibrar uma pilha de livros em cada um, joelhos unidos, canelas e pés debaixo da cadeira. Está com as mãos cruzadas sobre a mesa, e seu olhar é frio e está firme em Vivica.

Vejo nossa cliente se dirigir à frente da sala e pegar um controle remoto. Uma tela cobre a parede diante de nós.

— Agora que estamos todos aqui, podemos começar. — Ela aperta um botão e a imagem de uma mulher sem graça, vestindo um terninho marrom barato, ganha vida na tela. — Esta é a senadora Birchill. É uma das

parlamentares que nós precisamos influenciar para votarem a nosso favor no projeto que atualmente está em processo de revisão no comitê.

— Na verdade, eu tenho novidades em relação a isso. A comissão se reuniu ontem. Todos concordaram em pôr o projeto de lei em votação na próxima semana — o senador Kemper anuncia, com uma soberba que não me impressiona.

Vivica sorri.

— Você acha que a comissão toda vai votar a favor do projeto de lei?

Ele ri, e suas bochechas balançam com a barriga redonda.

— Aquelas pessoas lá nem sabem o que acontece. Só veem o número de empregos que a nova lei vai gerar para a indústria e o dinheiro que vão ganhar.

O senador Damren sorri.

— Quando você promete duas novas fábricas e cinquenta mil novos empregos, o que vai gerar muito mais dinheiro em impostos, é uma venda fácil. Infelizmente, convencer Birchill e Portorino a votarem a favor do projeto na próxima semana vai ser muito mais difícil. Os nossos lobistas têm trabalhado na Câmara e no Senado há meses e são capazes de afirmar que essas duas senadoras vão ser o fator decisivo. Se elas concordarem, vários outros que estão em cima do muro vão se alinhar com essa posição.

— Por falar no projeto de lei, eu gostaria de ver uma cópia dele — Kendra interrompe.

Vivica acena para um dos membros da equipe, que pega duas cópias e as entrega a Kendra e a mim.

Eu me inclino para a frente.

— O que eu quero saber é o que há nesse projeto de lei que faz essas duas senadoras se recusarem a votar a favor da Pure Beauty Farmacêutica. Logicamente, se a lei que vocês estão tentando aprovar vai permitir construir duas novas fábricas e gerar tantos novos empregos para o país, e em consequência para os contribuintes, imagino que seja benéfica para todos os envolvidos.

Vivica cruza os braços em uma postura defensiva.

— Nada que garanta uma revogação, eu lhe asseguro.

Sorrio para ela.

— Então me diga.

Ela retesa o maxilar.

— Primeiro, elas têm a impressão de que a lei vai permitir a nós e a outras empresas testar nossos produtos em animais.

— E isso é verdade?

Um cara que muito provavelmente acabou de sair da faculdade, mas com uma intensidade na expressão que não posso ignorar, entra na conversa. Deve vir de gerações de políticos.

— A lei não vai *proibir* testes em animais.

Dou de ombros.

— Então por que vocês simplesmente não corrigem a redação do projeto de lei, deixando claro que testes em animais serão estritamente proibidos? Fim do problema.

Os olhos do senador Kemper brilham de fúria. Aparentemente, toquei em um ponto sensível do bulldogue.

— Você está nos sugerindo escrever uma legislação que liste todas as coisas que uma empresa *não pode* fazer para realizar o seu trabalho? O projeto teria mil páginas. É um absurdo!

— Não vemos isso como uma maneira prática de alcançar nossos objetivos, sr. Ellis, mas agradeço pela contribuição — Vivica acrescenta. — Além disso, testes em animais são parte do nosso negócio. Não podemos vender nossos medicamentos, sejam prescritos ou de venda livre, nem nossos tratamentos de beleza sem testá-los antes em seres vivos. Nossa prioridade é a segurança da humanidade. Até mesmo a sua pasta de dentes é testada em porquinhos-da-índia antes da distribuição para garantir a segurança humana.

Sinto um gosto amargo tomar minha língua, e meu café da manhã começa a girar no estômago. Preciso mudar de tática, então tento conseguir o que mais preciso deles:

— Desculpem, eu posso estar fora de sintonia, mas qual é o objetivo do projeto de lei?

— Gerar empregos e impostos... — o senador Damren responde.

Agito as mãos.

— Perdoem a minha ignorância mais uma vez. A Pure Beauty contratou a minha equipe para convencer algumas senadoras a votar a favor de algo que

vocês querem que seja aprovado. Eu preciso saber por que vocês querem isso, para traçar o melhor plano de ataque possível.

Vivica franze os lábios e se apoia na mesa. Seu olhar verde queima o meu.

— A lei vai dar à Pure Beauty... na verdade, a *todas* as empresas farmacêuticas, a capacidade de distribuir nossos produtos mais rapidamente e com menos obstáculos do FDA, o órgão regulador americano. Por exemplo, os agentes que investigam riscos à saúde podem segurar o lançamento ou a distribuição de um produto por causa de um detalhe simples, como uma porta de segurança que foi deixada aberta porque um funcionário saiu para fumar um cigarro e esqueceu de fechar direito.

Levanto as sobrancelhas. Parece um absurdo impedir que algo avance devido a um erro humano tão simples.

Ela prossegue:

— A agência também pode optar por não aprovar um novo medicamento porque o número de testes realizados não atingiu a marca por um décimo de ponto. Um pontinho minúsculo no processo todo. Estamos buscando mais espaço de manobra nas práticas recomendadas para que possamos lançar mais produtos e contratar mais funcionários. Esse é um problema de um bilhão de dólares que precisamos consertar, e essas duas pessoas estão nos impedindo de expandir nossos negócios, de fornecer o que os consumidores necessitam e de criar mais empregos em uma economia em crise.

Uau. Duas pessoas podem impactar o destino de uma empresa inteira, duas fábricas, cinquenta mil novos empregos, um monte de dinheiro em novos impostos para os governos local, estadual e federal e um bilhão de dólares para o consumidor. Incrível. Entendo por que a maioria do Senado é a favor.

— E qual é o problema específico para essas duas senadoras? — pergunto, inclinando a cabeça, pensativo.

Vivica sorri e aponta para a tela.

— Senadora Birchill, republicana, do Colorado. Grande defensora da Agência de Proteção Ambiental. Acredita que os locais que escolhemos para as novas fábricas não são “ecologicamente corretos”, segundo suas palavras. Ela não gosta da ideia de que nós vamos precisar remover algumas árvores e vegetação para construir uma fábrica de quase trezentos mil metros quadrados

em Jackson, Wyoming, à margem da Floresta Nacional de Bridger-Teton e de Yellowstone.

Um dos jovens funcionários complementa:

— É o local perfeito. Acessível, perto da costa Oeste e do extremo norte do país. A segunda fábrica vai ser construída no norte do Texas e vai atender ao sul e ao leste do país.

— Então ela é do tipo natureba? — arrisco.

Vivica sorri. Uau, ela é muito mais atraente quando dá um sorriso genuíno.

— Podemos dizer que sim. O trabalho de vocês vai ser fazê-la enxergar os aspectos positivos das novas fábricas e desviar o pensamento dela dos pontos ambientais negativos.

Dou de ombros e esfrego o queixo. Não parece muito difícil. Vou analisar os projetos de construção, as informações de localização, ver quanto dano vai ser causado e quanto poderia ser. Muitas vezes é uma questão de comparar seis com meia dúzia para fazer alguém ver que os aspectos positivos superam os negativos.

— E a senadora Portorino? — pergunto, tamborilando nas folhas de papel brancas e brilhantes diante de mim.

— Ela ama cães. Tem cachorros em vez de filhos — outro funcionário de Vivica responde. — E quer a garantia de que não vamos fazer testes em animais nas nossas novas instalações. Mas não podemos prometer isso.

Quando pensei que meu estômago havia se acalmado, uma sensação desagradável, um nó, se forma em minhas entranhas. Pensando em Spartacus, o gato amarelo do escritório de Alexis, em Montreal, e em como eu gostava daquele felino sonolento, não consigo imaginar alguém testando nada no pobrezinho, a menos que seja uma cadeira de escritório feita especialmente para gatos de escritório. Pensar em Spartacus me faz lembrar do meu desejo recente de ter um animal de estimação. Sky adoraria, e, com o filme dela sendo rodado em Boston, um bichinho pode muito bem ser uma possibilidade. Fico imaginando se ela ia querer um gato ou um cachorro. Provavelmente um gato, já que mora na cobertura de um edifício no centro de Boston. Vou ter que conversar sobre isso com ela mais tarde.

Vivica toca um botão no controle remoto e aparece a foto de uma mulher de terninho e tênis, com três guias nas mãos ligadas a três cachorrinhos de raças

diferentes andando a sua frente em uma rua movimentada da cidade.

— Ama cães — sussurro na direção de Kendra enquanto avalio a mulher.

Pequena, pele cor de oliva, cabelos escuros. Nada mal. Quarenta e tantos anos. Brincos de argola dourados nas orelhas, corpo violão, cabelo preso em um rabo de cavalo grosso e apertado na nuca. Se fosse adivinhar, eu diria que ela é descendente de italianos e se casou com um também, visto que seu sobrenome é Portorino.

— Vamos começar fazendo uma análise profunda dessas duas mulheres. Elas moram em Washington atualmente? Eu gostaria de ir ao gabinete delas, ver se consigo falar com ambas.

Vivica sorri, mas o senador Kemper ri.

Ele fala primeiro.

— Você acha que vai simplesmente entrar nos gabinetes de Washington e ser atendido na hora? Filho, você tem muito a aprender sobre política e sobre esta cidade.

Kendra se levanta abruptamente e pousa a mão em meu ombro.

— Não se preocupe. Eu vou atualizar o sr. Ellis sobre tudo a respeito de Washington. — O restante de sua fala é direcionado a Vivica. — Nós vamos analisar o projeto de lei, avaliar os dados disponíveis e pesquisar sobre os nossos alvos. Assim que tivermos o plano elaborado, entraremos em contato, sra. Preston.

A mulher assente em resposta.

— Ótimo. Minha equipe compilou mais algumas informações preliminares sobre as senadoras Birchill e Portorino. Coisas que sabemos sobre elas, outras que podemos fazê-las recordar que temos contra elas se decidirem não se deixar influenciar pelos métodos de vocês.

Ela pega duas pilhas de papel com sua equipe e entrega uma para mim e outra para Kendra. Agarro a papelada e a coloco debaixo do braço.

— Nós entraremos em contato — digo, me levantando e seguindo Kendra para fora da sala de reuniões.

Ela não profere uma palavra, nem eu, até estarmos na estação de metrô, sentados no trem, observando a paisagem.

— O que foi que eu acabei de presenciar? — pergunto a Kendra, me sentindo como se tivesse apanhado sem saber por quê.

— Um golpe político — ela responde, sem rodeios, irritada.

— O quê?

— Eles querem nos fazer arruinar a reputação de Birchill e Portorino.

Estreito o olhar.

— Como nós arruinaríamos a reputação delas tentando convencê-las a votar a favor de um projeto de lei que a cliente quer que seja aprovado?

Seus lábios se curvam, formando uma careta de contrariedade.

— Birchill é a principal protetora ambiental do Senado. Ela é conhecida por isso. E não recua, jamais. É por isso que está na posição em que está no Colorado. O estado inteiro é verde.

— Certo, mas como é que isso pode significar arruinar a reputação dela?

— Se a minha suspeita for real, além da perspectiva de que essas fábricas sejam enormes e acabem com boa parte das árvores, da vida animal e dos recursos naturais da região, se ela apoiar o projeto de lei, vai dar a outras indústrias o poder de afetar o meio ambiente também. Qualquer empresa que afirme que pode criar milhares de novos empregos e gerar milhões em impostos vai usar essa lei como carta branca para destruir a terra e poluir o ar, além de inundar o mercado de produtos possivelmente perigosos.

Uma coceira me queima debaixo dos braços, me fazendo sentir suado e desconfortável.

— E Portorino?

— Ela é uma defensora veemente dos direitos dos animais. Também é a mais forte defensora no Senado da Humane Society em Washington. A sede deles é aqui, e ela está sempre na empresa, bem como em jantares, eventos de caridade etc. Ela é incondicionalmente contrária a qualquer tipo de testes em animais. Convencê-la a votar a favor desse projeto de lei vai arruinar a reputação dela de defensora dos inocentes. Seria melhor ela renunciar que votar a favor desse projeto. Não há nada que possamos fazer para que ela veja isso de outra forma.

— Entendi. Eu quero que a Wendy investigue as duas, e quero descobrir mais com a nossa análise. Amanhã vamos passar o dia analisando os documentos que eles nos deram e tudo que a Wendy encontrar. Depois vamos falar com cada uma delas. Você tem ideia de como fazer isso? Isto aqui é

terreno seu. — Sorrio educadamente. Quero que ela saiba que eu confio totalmente em seu julgamento e sua experiência.

— Eu vou sondar por aí amanhã, falar com alguns contatos. Tenho certeza que conseguimos descobrir onde elas costumam almoçar ou jantar. Talvez possamos encurralá-las na rua, entrando ou saindo de casa.

Olho pela janela quando passamos por Georgetown. Washington é coberta de árvores e belas paisagens depois de cada bairro. Gostei até da voz feminina do metrô. Parece quase britânica, o que me fez lembrar de Geneva James, em Londres. Fico imaginando se vamos vê-la em breve, já que seu filme vai ser produzido em Boston.

— É um bom plano — digo. Sorrio e continuo vendo o mundo passar.

A conversa morre. Ficamos ambos perdidos em pensamentos, uma vez que o plano do dia seguinte está traçado. Mas tenho uma sensação desconfortável retorcendo minhas entranhas. Pensar que essa empresa é tão indiferente à realização de testes em animais me faz querer saber mais sobre o que fazem, quando, onde e com que frequência. Também não gosto da ideia de uma fábrica gigante ser construída ao lado de uma floresta nacional. Não pode ser bom para o meio ambiente, independentemente dos empregos ou do dinheiro que gere para a economia ou para o governo.

Neste momento, tudo que posso fazer é tentar descobrir mais sobre a Pure Beauty Farmacêutica, o projeto de lei e as duas senadoras que eles querem que influenciemos a seu favor.

Conhecimento é poder.



No dia seguinte, Kendra e eu estamos sentados na suíte que acabamos tendo que dividir. Alguma coisa saiu errado com a nossa reserva. O hotel pisou na bola, e não havia mais apartamentos. Mas a suíte tem dois quartos e dois banheiros separados, e uma sala de estar e copa-cozinha entre eles. Quando mandei uma mensagem para Sky contando sobre o incidente, ela morreu de rir. Achou engraçado eu estar preocupado em lhe dizer que teria que dividir a suíte com outra mulher. Especialmente porque sabe o que aconteceu entre Roy

e Kendra anos atrás. Ela acha que vai ser uma boa maneira de eu conhecer a Kendra de agora e compará-la com a jovem namorada do meu melhor amigo da faculdade. Expliquei repetidamente que não pretendo mergulhar mais fundo no passado de Kendra, por medo de perder meu melhor amigo e sócio. Mas estou muito intrigado com o motivo de ela voltar para Boston, depois de morar oito anos em Washington.

— Esse projeto de lei não é boa coisa, Parker — Kendra rompe o silêncio. Ela está sentada no sofá usando calça e blusa de moletom. Também estou vestido informalmente, de jeans e camiseta.

— Por quê?

Ela sacode a cabeça e ergue o projeto, indicando a seção que despertou seu interesse.

— Se esta lei for aprovada, basicamente a Pure Beauty, para não dizer as indústrias farmacêuticas em geral, vai ficar livre para testar no que quiser. Também vai poder liberar produtos antes do que eles chamam de “fase beta”, desde que tenham passado por dois testes em seres vivos. O que significa que eles podem pular a fase de testes em seres humanos.

— Sêrio?

Ela assente.

— Assim eles podem fazer seus testes e, se obtiverem os resultados esperados, podem decidir se querem ou não ir para a fase beta, que é onde os humanos entram. Geralmente as indústrias de cosméticos trabalham com grupos focais, voluntários ou pagos, às vezes ambos, para testar novos produtos. As farmacêuticas conseguem seus pacientes para testes de um jeito um pouco diferente, mas, em ambos os casos, o resultado é o seguinte: com a nova lei aprovada, se quiserem, eles podem pular a fase de testes em humanos e lançar um novo produto.

— Eu ainda estou preocupado com a parte de testes em animais.

— Já ouvi falar dessa empresa, Parker — ela diz, franzindo a testa. — Não quero entrar em detalhes porque é só uma conjectura. Uma amiga minha daqui é ativista dos direitos dos animais e disse que a Pure Beauty Farmacêutica está ligada à PB Insumos.

— O que é PB Insumos?

— Uma empresa que faz testes médicos, mas também, e eis a questão, cria animais só para serem usados como cobaia. Os animais nascem em laboratório para serem usados em vários tipos de testes, muitos deles cruéis. Não estamos falando de exames de sangue ou picadas de agulha. E vão além de ratos e porquinhos-da-índia, como a Vivica mencionou. Eles usam cães e gatos em muitos testes.

Pego meu celular e toco em “IG”. Annie atende.

— International Guy, Annie. Como posso ajudar?

— Annie, é o Parker. Preciso falar com a Wendy agora.

— Ah, sim, tudo bem. Humm, posso ajudar, já que agora sou oficialmente sua assistente?

Aperto os dentes e puxo o ar pelo nariz, tentando dissipar a irritação que sinto por ela não fazer imediatamente o que peço, e ao mesmo tempo tentando entender que ela quer ser útil e fazer um bom trabalho.

— Não, obrigado. Eu preciso do conhecimento técnico da Wendy.

— Ah, tudo bem — ela diz com a voz triste. — Vou transferir. Espero que você esteja se divertindo em Washington.

Faz-se um breve silêncio até eu perceber que ela está esperando uma resposta.

— São negócios, não lazer, Annie. A Wendy, por favor — digo, com um grunhido mal disfarçado.

— Sim, claro, agora mesmo.

Por fim o telefone começa a tocar.

— Olá, chefe. A que devo este grande prazer?

— Está na frente do computador?

— Essa é a pergunta mais idiota que eu ouvi o dia todo. — Seu tom é de brincadeira, mas não estou no clima.

— Sem gracinhas. Eu preciso que você investigue a PB Insumos e me diga quem é o dono e o que eles fazem.

— PB Insumos, entendi. — Posso ouvi-la digitar descontroladamente ao fundo. — Parece um laboratório de pesquisas médicas. Que coisa estranha...

— O quê?

— Alguns nomes que você me fez pesquisar da Pure Beauty Farmacêutica aparecem aqui também. Alguns membros do conselho são os mesmos. Ah,

merda... Não pode ser.

— O quê?

— Enquanto pesquiso, estou levantando algumas informações mais profundas. Do tipo que não se deveria obter, sabe, mas eu consigo porque sou fod...

— Wendy, por favor, diga o que você encontrou. — Solto um suspiro exasperado e esfrego a testa. Minha cabeça está começando a doer.

— Vivica Preston é esposa de Jeffrey Preston, CEO da PB Insumos. Pelo que estou vendo nas finanças, diretoria e investidores deles, parece que a Pure Beauty Farmacêutica e a PB Insumos estão juntas em tudo. Mas, que chocante, tudo muito discreto. Não há menções públicas dos dois juntos, e o casal nunca é visto nos mesmos eventos.

— Por que será?

— Não sei, mas o meu “podrômetro” está tocando alto. Eu preciso ir mais fundo na minha caça ilegal, a lugares que você nem acreditaria que existem.

Eu sorrio.

— Não faça parecer sórdido.

— Essa merda *é* sórdida. Tudo incestuoso e... Ah, merda. Não! Cara... — Wendy hesita.

— O quê?

— O USDA intimou a PB Insumos várias vezes.

— O que é USDA? — Penso em algumas possibilidades para o acrônimo, sem sucesso.

— Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

— Ah, certo. Que relação isso tem com o resto?

— A PB foi intimada por violações ao Decreto de Bem-Estar Animal.

Sinto meu estômago revirar ainda mais. O café que acabei de tomar parece uma poça de ácido em minhas entranhas.

— Há uma lista dessas intimações?

— Sim, e a coisa é feia. Bem feia. Merda grande. Eles fizeram cachorros engolirem batom para ver o que acontecia interna e externamente, para poder dizer se é seguro para crianças caso comam o produto por acidente. Literalmente despejaram garrafas de esmalte nos pelos de animais para ver o que acontecia quando o lambessem e ingerissem.

— Caralho! — rosno ao telefone, e meu coração bate ferozmente.

— Meu Deus, toneladas de animais mortos foram encontrados jogados em uma caçamba de plástico, um em cima do outro, com dezenas de metros de profundidade. A última intimação foi porque a garganta dos animais fechou quando os cientistas injetaram na boca dos bichinhos a fórmula que estavam testando para preenchimento labial, mas o negócio adquiriu consistência de cola quando juntou com a saliva, e todos eles morreram asfixiados... Parece que demorou um tempo para acertarem a química do preenchimento.

— Meu Deus, Wendy — digo e cubro a boca.

— Nossa, Park. Eles foram citados uma vez por deixar os animais trancados em gaiolas minúsculas o fim de semana inteiro, sem comida nem água. — Ela ofega. O ácido gástrico começa a subir pela minha garganta. Mal consigo controlar a vontade de vomitar.

— Wendy...

— Coitadinhos. Outra intimação foi por um acidente em que um membro da equipe trancou gatinhos recém-nascidos em um freezer, e eles morreram congelados. Tinham uma semana de vida.

Ao imaginar isso, não aguento mais. Corro para a cozinha e vomito na lixeira. Kendra vem atrás de mim e passa a mão nas minhas costas.

— Calma, Park. — Ela me chama como chamava antigamente e sai da cozinha. Volta com passos rápidos e uma toalha molhada, que coloca em minha nuca. Aperto o telefone na mão enquanto o resto do meu almoço e do café da tarde abandona meu estômago.

Kendra pega o telefone.

— Wendy? É a Kendra. O que aconteceu?

Ignoro a conversa delas para me concentrar na respiração e aplacar meu estômago agora vazio. Limpo a boca com o pano úmido, lavo as mãos na pia e bebo um pouco de água gelada. Minha garganta está raspando, como se eu tivesse engolido lâminas de barbear. Depois de aplacar a sede, amarro o saco de lixo. Vou ligar para o serviço de limpeza para que o levem daqui.

Kendra volta com os olhos brilhando de ódio e fúria.

— Entendi, garota, e estou cuidando disso — diz ao telefone. — Áhã. Eu vou cuidar dele. Sim, peço para ele falar com você mais tarde. Obrigada. — Ela encerra a ligação e deixa meu celular no balcão. — Parece que a Pure Beauty

está mesmo ligada à PB Insumos, e, depois de ver você vomitando e ouvir a Wendy pirar no telefone, vamos precisar de uma nova abordagem neste caso.

— De jeito nenhum nós vamos ajudá-los a tornar mais fácil ferir animais ou humanos.

— Você está disposto a perder meio milhão com essa decisão? — ela pergunta, à queima-roupa.

— Não, não estou. Mas, mais importante que isso, não estou disposto a perder a minha alma por meio milhão também.

Os lábios de Kendra se contraem, formando um pequeno sorriso.

— Parece que nós precisamos começar a trabalhar.

— Como?

— Provando que a consultoria para a Pure Beauty vai contra a nossa reputação e os nossos princípios. Parece que vamos precisar daquela cláusula de rescisão.

Abro um sorriso largo.

— Contratar você foi uma ótima decisão.

— Agora você só tem que convencer os seus sócios disso — ela diz, inclinando a cabeça e sorrindo.

— Fazendo o que você vai fazer, vai facilitar muito. A International Guy não vende a alma ao diabo por nada. Não aceita a morte de animais inocentes por um monte de dinheiro.

— Eu sabia que tinha feito a escolha certa, Parker. Mesmo com o passado mostrando a sua cara feia, algo lá no fundo me dizia que era na International Guy que eu deveria estar. Você acabou de me confirmar isso.

— O que você está sentindo, Kendra, é recíproco.

— Bom, Parker, muito legal, mas nós ainda temos um problema. Acabar com eles vai nos levar a tomar algumas decisões morais acima da ética nos negócios. Você está preparado para mergulhar nesse mar de lama e arriscar o futuro da IG? Tudo que nós vamos fazer e divulgar vai estar no fio da navalha da conduta ética profissional. Legalmente nós podemos ser processados por dividir com terceiros o que descobrimos sobre a Pure Beauty.

— Você está dizendo que não há nada que possamos fazer para consertar essa situação?

Ela sacode a cabeça.

— Não, não é isso que estou dizendo. Vamos fazer o que pudermos para atenuar qualquer efeito colateral, mas precisamos estar preparados.

— Vamos ser inteligentes e reduzir os riscos o máximo possível. Na vida, escolher o caminho da moral é o que permite dormir à noite. Eu simplesmente quero dormir tranquilo. E não posso fazer isso sabendo que o lado sombrio da humanidade está ganhando. Se existe chantagem e crueldade extrema contra animais, alguma coisa tem que ser feita. Alguém tem que se posicionar. A International Guy nunca vai ser nada se não dermos o exemplo.

6

— Cara, isso vai além da crueldade. Eu entendo que remédios precisam ser testados de alguma maneira, mas nós estamos falando de beleza, de uma vontade, não de uma necessidade. E o que eles estão fazendo é errado. Completamente zoadado. — A voz profunda de Royce invade o quarto pelo viva-voz.

É tarde, bem depois do meu surto, e estou andando pela suíte conversando com meus irmãos. Li as intermináveis informações condenatórias que Wendy me mandou depois que eu abracei a lixeira da cozinha.

— Eu não quero ganhar dinheiro à custa dos animais — Bo insiste. — Se fosse para isso, eu seria um caubói e no mínimo teria um time de vaqueiras para cavalgar depois de longos dias de trabalho na fazenda. Prefiro montar minha motocicleta a um cavalo, portanto nem pensar — ele diz. Seu humor habitual felizmente alivia minha ansiedade com a situação em que nos metemos.

Esta é a primeira vez que somos contratados para um caso no qual nenhum de nós quer prosseguir. Nunca deixamos de cumprir a promessa de dar ao cliente o que ele necessita. Só que essa merda que eles querem que façamos vai contra tudo em que acreditamos. Não dá para fazer vista grossa. Ainda assim, essa cliente pode destruir o negócio que criamos, e vamos fazer qualquer coisa para garantir que isso não aconteça.

Esfrego as têmporas.

— Gente, esses figurões da indústria... Ir contra eles pode prejudicar a IG, e bastante. Nós temos que ser espertos, provar que as senadoras não vão ser influenciadas e encontrar uma maneira de sair sem nos queimar. A Kendra já

está estudando a melhor maneira de tecer a nossa rescisão. Graças ao bom Cristo ela colocou essa cláusula no contrato. É o que vai salvar a nossa pele.

— Parker, eu não fico muito confortável simplesmente nos afastando disso. Eles vão encontrar alguém para intimidar, além de outras maneiras de queimar essas duas senadoras. Eles entregaram a vocês tudo o que têm sobre elas? — Bo pergunta.

— Sim. — Suspiro longa e profundamente, deixando todo o ar sair dos pulmões. — A senadora Birchill fez um aborto aos dezesseis anos. Isso estava escondido nos registros dela, mas eles encontraram. Ela é republicana, e sua postura sobre essa questão em particular tem sido pró-vida. Aos olhos do partido, isso faria dela uma hipócrita e mentirosa. Poderia facilmente arruiná-la.

— Jesus! Eles vão divulgar as informações — Royce acrescenta.

— Sim.

— E a outra, a democrata de Illinois? — ele pergunta.

— Quanto a esta, eles são meio vagos no que diz respeito a informações que poderiam arruinar sua reputação. A senadora tem uma irmã em uma clínica de reabilitação para usuários de drogas. Várias passagens. A plataforma dela é ser rigorosa em leis contra as drogas. Ela pode dizer que é por isso que é tão firme, mas isso vai contra o fato de que ela depôs a favor da irmã na terceira audiência no tribunal. A irmã foi pega com uma bolsa cheia de drogas, o suficiente para a promotoria querer acusá-la de tráfico. A juíza era amiga da senadora Portorino e conseguiu arranjar um jeito de diminuir a pena. Isso permitiu que a irmã fosse liberada para reabilitação uma última vez e não presa, que é o que deveria ter acontecido.

— Então a juíza pegou leve com a irmã da Portorino, e isso é exatamente o oposto do que ela propõe para outros perpetradores na mesma situação — Bo conclui.

— Exato — concordo.

— Política é uma merda — ele resmunga. — Um monte de fofocas, e são todos uns mentirosos e hipócritas. Não dá para confiar em ninguém para proteger os cidadãos.

— Pois é, irmão. Roy, você comentou que não gostou da ideia de deixar que eles se safem. O que você sugere que a gente faça que não nos prejudique?

Ele suspira pesado do outro lado da linha.

— Estou pensando em você falar com essas senadoras, explicar um pouco mais sobre o que está acontecendo e usar os contatos da Kendra em Washington para divulgar que a PB Insumos está vinculada à Pure Beauty Farmacêutica e o que isso significa para o projeto de lei.

Uma lâmpada se apaga.

— Kendra! — chamo, saindo do meu quarto. Ela abre a porta, vestida com roupa de ginástica. — Pode vir aqui, por favor?

Ela se aproxima. Sua roupa mostra um corpo tonificado e uma bunda maravilhosa. Caramba, eu sabia que ela tinha um belo porta-malas quando estávamos na faculdade, mas não era tão empinado e redondo. Suas formas de menina agora são de mulher. O top deixa entrever alguns centímetros do abdome duro. Acho até que tem tanquinho. Royce estaria babando agora, se estivesse aqui.

Desvio os olhos de seu corpo quando ela passa por minha porta com as mãos na cintura e o maxilar tenso.

— Berrou?

Sorrio e balanço a cabeça com o humor que seu comentário merece.

— Você conhece pessoalmente alguns senadores?

Ela anui.

— Sim, eu tenho alguns bons amigos no Congresso. Por quê?

— Bom, eu falei com os caras sobre a conversa que você e eu tivemos. Eles não gostaram da ideia de a Pure Beauty se safar dessa história de torturar animais e essas duas senadoras por causa de assuntos pessoais, e concordaram em correr alguns riscos bem calculados. Nós precisamos jogar a merda no ventilador e espalhar essas informações por Washington inteira.

Ela franze a testa.

— Como discutimos anteriormente, Parker, nós temos um acordo de confidencialidade estrito com a Pure Beauty Farmacêutica. Precisamos ter cuidado ao quebrá-lo, pois eles podem processar a International Guy e tirar tudo de nós.

— Puta merda. — Passo a mão pelo cabelo. Os cachos em cima estão mais prevalentes que o normal.

Kendra tamborila com os dedos no queixo.

— Mas isso não significa que não possamos falar sobre a PB Insumos. Não há nada no contrato relativo ao que descobrimos sobre eles e sobre quem são os clientes deles. Só precisamos ter cuidado com a forma como vamos divulgar as informações. Se a pessoa com quem falarmos tirar conclusões sozinha sobre a conexão entre a PB Insumos e a Pure Beauty, isso já não é conosco.

Sorrio para Kendra.

— Você é brilhante.

— É verdade — ela afirma, impassível. Mas posso ver seus olhos brilhando de alegria.

— Brilhantismo de Kendra à parte, como é que nós vamos esconder essas informações da Pure Beauty? — Roy pergunta.

— Deixe que eu cuido dessa parte — ela pede. — Não há razão para eu não almoçar ou jantar com velhos amigos enquanto trabalho em Washington. Às vezes, a melhor maneira de esconder informações é deixá-las ao ar livre para que todos vejam.

— Mais brilho — sorrio.

— Obrigada. Agora, se vocês acabaram, eu vou fazer a minha corrida. Volto a tempo de jantarmos. Vamos ver se conseguimos encontrar a senadora Birchill hoje à noite.

— Legal. Pessoal, vamos manter contato.

— Fique bem, irmão — Ro se despede.

— Fique na paz. — Royce também desliga.

— Boa corrida, Kendra. Eu vou passar um tempinho analisando esses documentos e talvez ligue para a Skyler.

Ela sorri.

— Faça isso. Traje casual hoje à noite. A senadora Birchill é uma mulher pé no chão.

Faço uma careta.

— Eu lembro do terninho marrom desajeitado. Imaginei que provavelmente o estilo dela fosse mais jeans e botas.

— É isso aí. Até mais. — Kendra acena por cima do ombro enquanto se dirige para a porta.

Quando ela sai, apanho o celular e ligo para Skyler, torcendo para pegá-la em um bom momento.

Toca algumas vezes antes de um homem atender.

— Celular da Skyzinha! — uma voz jovial diz.

Fecho os olhos, aperto o alto do nariz e solto a respiração que estava segurando enquanto esperava ouvir a voz da minha garota. Esse cara não é dono da voz calmante e sensual que eu esperava ouvir. Caramba, eu nunca quero ouvir outro homem atendendo o telefone da minha mulher, a menos que seja Nate e que tenha uma boa razão para isso.

— Rick, é o Parker. Por que você atendeu o telefone da minha namorada?

— Caaaaaaara! — ele arrasta a palavra, como se tivesse uma dúzia de As. — Legal falar com você. Estou repassando as falas com a sua garota. Não é demais? Vamos trabalhar juntos, tipo, para sempre! Estou superfeliz com isso, cara! Você e eu vamos ser ótimos amigos!

Ótimos amigos. Com o Rick Babaca? Improvável.

— Que bacana, Rick. Ela está aí?

— Claro — ele diz com exuberância, mas não passa o telefone para Skyler.

— Posso falar com ela?

Reviro os olhos e tento não deixar transparecer a irritação.

— Ela está no banheiro, mas volta logo. A menos que esteja fazendo o número dois.

Mãe do céu. Esse cara só deve conseguir papéis por ficar bem diante das câmeras sem camisa, porque é burro como uma porta. E tenho certeza de que, com o talento e a experiência da minha mulher, ela é capaz de fazer qualquer ator se sair bem.

— Isso foi... Não vou nem dizer o que isso foi. Diga para ela me ligar quando tiver um tempinho.

— Não, cara, eu quero falar com você. Quero te dizer como sou grato pelas dicas que você me deu. Foram excelentes, e o filme arrasou por causa delas. Além disso, vão ajudar muito quando a Sky e eu tivermos que fazer cenas sensuais no futuro. Na Trilogia Classe A, a coisa vai esquentar entre a gente, cara. Eu tenho que saber que o namorado dela encara isso numa boa.

Encarar numa boa? O Rick Babaca pondo as mãos e a boca por todo o corpo da minha mulher? Absolutamente não, porra.

Aperto os dentes e respiro pelo nariz, como um touro irritado.

— Vou tentar... levar numa boa.

— Maravilha, cara. Estou procurando um lugar por aqui. O apartamento da Skyler é foda! Ela disse que talvez possa passar o contrato para mim pelos próximos meses, quando eu me mudar para cá e começarem as filmagens. Ela comentou que vai procurar um lugar maior. Vocês vão morar juntos?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares, que ainda não nos fizemos.

Por que raio ela está pensando em procurar um lugar maior? Ela é uma pessoa só, não faz sentido. A menos que, como Rick disse, esteja planejando morarmos juntos. Penso em todas aquelas roupas novas para mim penduradas no closet dela, seu desejo de que eu me sinta em casa no seu espaço. Nós dormimos juntos todas as noites quando estamos em Boston, seja no apartamento dela ou no meu.

Caralho. Já estamos morando juntos sem formalizar a coisa? Merda.

Minha mente alucina com imagens de nós dois fazendo de uma casa o nosso lar. Dela e meu. Juntos. Nunca morei com uma mulher, nem nunca quis.

Até este momento.

Preciso falar com Sky sobre isso, ver o que ela está pensando e sentindo. Cada vez mais me convenço de que essa mulher é perfeita para mim. Relação duradoura, cerquinha branca, animais de estimação. Pacote completo.

Afastando esses pensamentos, me concentro na ligação.

— Que bom que eu ajudei, Rick. Por favor, diga para a Sky me ligar.

— Ela está aqui. Acho que foi só o número um. Ei, Skyzinha, é o seu namorado. Estávamos trocando uma ideia, coisa de camaradas.

Eu me encolho e sacudo a cabeça. Esse sujeito precisa muito instalar um filtro entre o cérebro e a boca.

Ouçõ alguns ruídos e então nada além da voz sensual da minha namorada doce e sexy, o que imediatamente me deixa feliz.

— Oi, meu bem...

— Meu pêssgo — digo com a voz rouca e me dou conta de que meu tom está carregado de desejo só de ouvi-la falar do outro lado da linha.

— Já estou com saudade, e você acabou de viajar. Será que isso é uma desvantagem de morar em Boston?

— Tem alguma desvantagem? — pergunto e sorrio.

Ela ri levemente, e soa como música em meus ouvidos.

— Imagino que você deve sentir falta do burburinho de Nova York. Morou lá nos últimos anos, tem seus amigos... — digo.

A risada de Skyler enche meus ouvidos.

— Meu bem, a única amiga que eu tenho em Nova York é a Tracey. Claro, quando eu contar que estou planejando me mudar para cá definitivamente, ela vai pirar, mas é assim com os melhores amigos. No fim ela vai ficar feliz por mim.

Definitivamente. Relação duradoura.

Essa ideia de novo.

— Então seus planos vão além da série Classe A — sondo.

A ansiedade sobe pela minha coluna e se aloja no lugar onde ficam minhas inseguranças.

— Você não... hum... planejava me ter por perto por mais tempo? — ela pergunta, com a voz levemente trêmula.

Dá para ver que Skyler está tentando ser durona e agir como se para ela fosse indiferente eu a querer em Boston para sempre ou não.

— Humm, bom, acho que depende de onde eu vou estar. Se eu estiver na cama ao seu lado e essa cama estiver em Boston, provavelmente vou ser o homem mais feliz do mundo. O que você pensa sobre gatos ou cachorros?

— Em que sentido? — ela pergunta, confusa.

— No sentido de ter um. Eu conheci um gato legal chamado Spartacus em Montreal e gostei dele. Sempre achei que tivesse mais afinidade com cachorros, até conhecer aquele gato. Agora estou aberto a qualquer um... ou ambos. Especialmente tendo você comigo nos próximos anos. Isso limitaria a quantidade de vezes que precisaríamos de pet sitter, ou de viajar com os nossos bichinhos.

— Nossos bichinhos? — Ela eleva a voz.

Sorrio, pensando em minha doce garota com um gato amarelo gordo no colo e um cachorro a seus pés quando chego do trabalho.

Felicidade pura.

— Nós vamos ter animais de estimação juntos, gato? — Sky brinca.

— Não sei. O que você acha? Eu tenho pensado em adotar um animal de estimação desde Montreal, e não consigo tirar da cabeça a imagem de você passeando com um amigo peludo.

— Sei. E nessa imagem nós moramos na mesma casa pelo bem dos animais?

Mordo o lábio, pensando se não deveríamos ter essa conversa pessoalmente. É um grande passo. Enorme. Mas ela está pronta para discutir o assunto, e não consigo encontrar uma razão para não pôr isso em prática.

— Talvez. Você gostaria?

— Parker, você está sugerindo que a gente vá morar junto e arrume um cachorro e um gato? — Skyler ri levemente.

Estou?

Sim, estou.

Merda.

Caralho.

A bomba caiu.

— O que você diria se eu estivesse? — sondo.

Tenho receio de talvez estar sugerindo isso muito subitamente e de ela não ter pensado em morarmos juntos. Talvez eu tenha interpretado mal o fato de ela ter se mudado para Boston e me comprado um guarda-roupa novo. Talvez ela só estivesse sendo atenciosa, e não demonstrando qual é minha posição em sua vida.

— Eu diria: estou dentro, meu bem! Ando morrendo de vontade de começar a ver casas para comprar aqui em Boston, mas não tinha certeza se você queria dar o próximo passo. Parker, eu quero fazer a minha vida aqui, me estabelecer, comprar uma casa. Uma casa *de verdade*, com jardim na frente e uma varanda, como a dos seus avós. Você está pronto para isso?

Lambo a frente dos dentes e medito por alguns momentos.

— Eu nunca quis isso com outra mulher. Mas, com você, quero tudo.

Engulo o medo e a ansiedade que fecham minha garganta. Gotas de suor cobrem minha testa quando cai a ficha. Skyler e eu morando na mesma casa. Comprando uma juntos. É um compromisso imenso, um passo antes do casamento. E, pela primeira vez, a ideia de me casar depois de Kayla não me faz querer sair correndo.

— De verdade? — Sua voz tem tanta empolgação e alegria que desfaz o medo que pressionava meu peito.

Isso está certo. Skyler e eu.

— Sim, baby, de verdade. Sky, eu quero estar com você o máximo possível. Quando estou em casa, quero me deitar ao seu lado. São os seus lábios que eu quero beijar antes de dormir. É o seu rosto que eu quero ver todas as manhãs quando acordar. E, se você acrescentar um gato ou um cachorro, ou ambos, o que você quiser, eu adoraria.

— Meu bem... — Ela parece ofegante.

— Diga.

Ela começa falando como um sussurro e vai aumentando o volume:

— Eu também quero tudo isso. E quero um gato grande e gordo e um cachorro gigante. Se pegarmos os dois ainda filhotes, eles vão crescer juntos e vão se amar. Seria perfeito!

Vai ser perfeito.

— Então está resolvido — digo.

— O quê?

— Vamos adotar um gato e um cachorro. E comprar uma casa. Juntos.

— Ai, meu Deus! — ela grita. — Só para ter certeza de que eu entendi: quando você voltar de Washington, nós vamos procurar uma casa para comprar juntos. Eu e você. Porque vamos oficialmente morar juntos.

— Caramba... — Esfrego a nuca. — Sim, meu pêssego, nós vamos morar juntos.

— Ai. Meu. Deus. Estou tão animada!

Eu a imagino saltitando pela cobertura.

— Parker! Não vejo a hora de começar a procurar a casa! Vou ligar para a Wendy e o Mick e ver se tem alguma coisa disponível onde eles moram. Fica a vinte minutos da IG, é seguro e simplesmente perfeito! Aposto que podemos até encontrar alguma que tenha uma casa de hóspedes ou algo assim, para a Rachel e o Nate morarem se quiserem. Senão eles podem ficar no apartamento no prédio da IG. Meu bem... — Parece haver tremor em sua voz, no lugar da sensualidade e animação anteriores.

— Sky, que foi? Achei que você estivesse feliz.

Franzo a testa e começo a andar de lá para cá de novo. Droga, eu sabia que deveríamos ter tido essa conversa quando eu pudesse abraçá-la, tocá-la, lhe dar a segurança de que ambos precisamos agora.

Ela limpa a garganta.

— Eu estou feliz. *Muito* feliz. Nem sei como lidar com tanta felicidade. Vou comprar uma casa com o meu namorado, vou me mudar para Boston de vez. E... — ela funga — e nós vamos ter animais de estimação! Eu nunca tive um animal de estimação por causa do meu trabalho, por viajar muito, e não vejo a hora de viver isso com você. Este... Es-Este é o melhor dia da minha vida. — Sua voz morre em um gemido.

— Nossa, como eu queria estar aí com você! Meu pêssego, não exagere, nós temos muito tempo. Que tal você começar a procurar alguns lugares, ter algumas ideias? Lembre-se apenas que o meu fôlego é menor que o seu. Nós precisamos encontrar uma casa que os dois possam bancar.

— Humm, bom, eu olhei os preços das casas na área do Mick e da Wendy quando fomos lá pela primeira vez, e é tudo bem caro. Não está fora da minha faixa de preço, e, claro, eu vou vender a cobertura de Nova York. Preciso ter certeza de que o que quer que a gente compre seja na área mais segura. Você não devia se preocupar com isso, e eu também preciso garantir que a Rachel e o Nate tenham um lugar e...

Uma pressão desconfortável nas minhas bolas me faz perder a capacidade de falar. Por um lado, há uma voz em minha cabeça falando alto, dizendo que preciso ser o provedor, pagar nossa casa e bater no peito como o homem das cavernas que sou. Mas outra voz, muito mais suave, me faz recordar que minha namorada, a mulher com quem eu vou viver, tem necessidades sérias de segurança que precisam ser atendidas. Com essas medidas não podemos economizar, por mais que eu queira prover tudo para ela. Mas preciso deixar que ela encontre o que necessita e contribuir da maneira mais apropriada.

— Por que você não olha alguns lugares, por enquanto? Com algumas ideias em mente, nós conversamos depois. Não vou forçar você a baixar o seu padrão de conforto ou luxo por mim, mas quero fazer uma boa contribuição, entende?

— Sim, meu bem, entendo perfeitamente! — A alegria volta a seu tom de voz. — E eu te amo. Adoro o fato de nós estarmos indo em direção ao futuro e de que vamos comprar uma casa juntos. Isso é mais do que eu poderia sonhar. Você está me dando tudo que eu poderia desejar da vida. Amor, uma casa... uma família de novo. — As fungadas voltam, mas dá para perceber que ela está tentando se conter.

— Sky, eu sinto o mesmo. Eu quero uma casa onde possamos nos estabelecer por um longo tempo, se não para sempre, com nossos animais de estimação, e um dia, talvez, até nossos filhos.

Ela ofega.

— Filhos. Ah, meu...

— Você vai querer ter filhos comigo um dia, né?

Meu coração começa a bater forte. Não acredito que estamos falando em casa e filhos. Skyler me fez mudar muito mais do que eu poderia imaginar. Antes dela, havia só minha vida de playboy e um mar infinito de mulheres à minha disposição. Não que eu tenha pegado todas, mas, mesmo assim, as opções estavam ali. Essa porta está fechada agora, e não há mais nada que eu queira da vida além de montar uma casa com ela.

— Claro que eu quero. Mais que tudo. — Suas palavras estão cheias de emoção e um pouco de espanto.

— Tudo bem. Um passo de cada vez, certo?

— Sim. Um passo de cada vez, meu bem. Uma casa e animais de estimação.

— Isso mesmo, meu pêssego. Uma casa e animais de estimação.

— É o início mais perfeito de todos os tempos, Parker. — Ainda há espanto em sua voz. Eu gostaria de poder prová-lo com a língua, beijá-la até ficarmos sem fôlego, selar esse acordo da maneira correta.

Abro um sorriso largo por saber que estamos em sintonia.

— Bom, agora que já decidimos, eu posso saber por que o Rick atendeu o seu telefone?

Ela geme.

— Aff... Ele tem problemas com limites. Ele me vê como uma irmã, disse que nós vamos ser melhores amigos e que você e ele vão ser como irmãos quando ele mudar para cá. Está até falando em trazer a namorada.

Namorada é a palavra mágica do dia, depois de *relação duradoura*.

— Namorada?

Sky ri.

— Eu sabia que você ia gostar de saber. Sim, ele tem namorada. Parece que é uma garota legal que está com ele há um ano, mas totalmente fora do radar

do público. Só os amigos mais íntimos conhecem. Eles são bem discretos, e acho que vão se casar.

— É mesmo?

Isso me faz dar um sorriso enorme. Rick Babaca acorrentado... Essa é uma ideia legal.

— Sim. Mas ela é religiosa. Eles não transam — ela sussurra. Suas palavras saem abafadas, como se ela estivesse cobrindo o bocal do telefone com a mão.

Franzo a testa.

— Como é que é?

— Isso mesmo. O Rick disse que as bolas dele vão explodir, mas ele está apaixonado por ela e respeita a decisão da moça de esperar até o casamento.

— Por isso a pressa de se casar, imagino.

— É o que eu acho. Mas acho bonitinho que ele esteja disposto a esperar. Você esperaria por mim?

Não meter fundo em Skyler Paige por meses a fio?

— De jeito nenhum! Eu esperei demais.

— Você esperou dois dias. Isso não é nada.

— Uma eternidade. Cada minuto de espera para estar com você intimamente é como esperar um ano inteiro.

— Você é um porco — ela brinca.

— *Oinc, oinc.*

Rio alto, e o som ricocheteia nas paredes, me fazendo sentir menos sozinho. Caramba, que saudade dela.

Sky ri comigo.

— Estou brincando, meu bem. Você sabe que eu quis transar com você na noite em que nos conhecemos. Eu vi seu corpo alto e forte, seus olhos azuis, seu cabelo grosso e fiquei perdida naquela primeira noite. Só queria grudar a boca na sua e enlouquecer.

— Foi o que nós fizemos, né?

— Sim — ela sussurra timidamente. — E agora vamos morar juntos e ter filhos peludos. Alguma raça especial?

— Acho que eu gostaria de um gato amarelo — sugiro, pensando mais uma vez em Spartacus, o felino simpático.

— Você tem alguma queda por ruivas que eu deva saber? — ela provoca.

Sorrio.

— Só peludas, baby.

— E cachorro?

— De qual você gostaria?

— Pensei em um golden retriever. — Ela fala de um jeito que dá para ver que já tinha pensado nisso bem antes dessa conversa.

— Você tem uma queda por loiros? — retruco.

Ela continua me provocando:

— Talvez...

— Então está resolvido. Vamos ter um gato amarelo e um golden retriever.

— Oba! Vou começar a procurar abrigos de animais imediatamente!

Óbvio que a minha mulher está planejando adotar. Essa é ela.

— Ótimo, então. Vamos salvar um animal. — O que me faz lembrar o caso em que estamos trabalhando e as preocupações que temos em relação à Pure Beauty. — Comece a sua busca — acrescento — e não ensaie nenhuma cena de sexo ou beijos com o Rick Babaca enquanto eu estiver fora.

— Meu bem, nós geralmente não ensaiamos isso. Guardamos esse tipo de coisa para ensaios ao vivo no set. Não tem por que eu encostar a boca na dele sem necessidade — ela diz, fingindo ter ânsia.

Isso me faz sorrir como louco.

— Essa boca é toda minha.

— Sim.

— Não se esqueça disso.

— Não esqueço.

— Preciso ir — digo. — Quanto mais cedo eu encerrar esse caso, melhor. Não estou nada satisfeito com ele.

— Quer falar sobre isso depois?

— Não. Só quando eu voltar para casa. Não há nada com que se preocupar.

— Tudo bem, baby. Eu te mando fotos do que encontrar.

— Eu adoraria. E, meu pêssago...

— Sim... — ela diz, com um timbre ofegante que vai direto para o meu pau.

— Não vejo a hora de ir morar com você.

— Nem eu. Bom descanso.

— Para você também.

— Te amo! — O som de um beijo penetra minha orelha.

Eu rio.

— Nunca deixe de fazer isso!

— Impossível! — ela diz e desliga.

Fico olhando para o celular, giro os ombros e o pescoço e imagino minha garota saltitando pela cobertura, feliz porque vamos morar juntos. Vou ter que reunir os caras logo, beber umas cervejas e contar a boa notícia.

Mas acho que eles não vão ficar surpresos.

7

— Senadora Birchill! Eu achei mesmo que era você! — Kendra cumprimenta, com uma exuberância dramática que nunca vi antes.

— Srta. Banks? Pensei que você tinha se mudado para os pastos mais verdes de Boston. — A mulher mais velha, de aparência conservadora, baixa seu sanduíche de bacon, alface e tomate.

Kendra sorri genuinamente, o que me surpreende. Eu não sabia que ela conhecia a senadora Birchill.

— É, mas o trabalho me trouxe de volta a Washington. Não é engraçado?

A senadora me surpreende quando dá um tapinha na banquetta vazia ao seu lado e diz:

— Bom, por que você e o seu amigo não jantam com esta velha?

— É muito gentil da sua parte, senadora — digo e estendo a mão. — Parker Ellis. Prazer em conhecê-la.

Ela abre um sorriso largo. As pontas encaracoladas de seu cabelo curto se agitam quando ela balança minha mão para cima e para baixo.

— Ora, mas que jovem forte. Kendra, parece que você fígou um dos bons, querida.

Kendra ri.

— Ele não é meu namorado, Karen. É meu chefe.

O olhar castanho da mulher me avalia de cima a baixo.

— Que pena. Você merece um homem bonito como o sr. Ellis.

Sorrio e aliso minha camiseta. Eu me vesti segundo a sugestão de Kendra: com roupas casuais.

— Ora, agradeço muito e espero que a minha namorada pense o mesmo a meu respeito. — Então levanto uma sobrancelha e dou uma piscadinha para ela.

Nós nos sentamos a sua direita; Kendra no meio, eu na ponta.

— Kendra, querida, você sempre foi muito lenta com os homens. Precisa sair mais, deixar para trás a doença que teve e seguir em frente, buscar coisas melhores e... maiores. Tipo um metro e oitenta! — a mulher brinca com bom humor.

Kendra ri, mas eu não. Todo o meu humor desaparece quando a ouço dizer que Kendra esteve doente. Bem, fazia muito tempo que não nos víamos, mas o que essa mulher deu a entender foi que Kendra teve uma doença séria, que obviamente afetou sua vida. Isso se as palavras da senadora puderem ser levadas a sério.

— Ah, você sabe que eu amo o meu trabalho. Não dá para encaixar um homem na minha carreira. É muita coisa para fazer, casos para ganhar. — Kendra acena com a mão. — Mas chega de falar de mim. Vamos falar sobre o que está acontecendo no Senado agora.

Uau, ela é boa. Se bem que poderia ter mencionado o fato de conhecer a senadora Birchill muito melhor do que deixou transparecer. Parece que as duas são amigas.

— Ah, só coisa chata. Quero saber mais sobre a sua mudança para Boston. Aquele cara que você namorou no passado ainda está lá? Já se encontraram? Qual era o nome dele? Ray... Ron...

Kendra se endireita e tosse.

— Não, não, nada disso. A mudança foi a decisão certa por causa da minha família, você sabe.

Quero explorar a deixa que a senadora acabou de me dar.

— Acho que o nome dele é Royce, senadora.

A mulher bate no balcão e aponta para mim.

— Roy... Royce! Sim, isso mesmo. Quando nos conhecemos, ela era uma jovem meiga, voltando com “tudo limpo” depois do último período no hospital. Lembro que ela era louca por um negro grandão que havia deixado em Boston.

Kendra pousa a mão no braço da senadora.

— Karen, o Parker e o Royce são amigos. Nós trabalhamos juntos agora. Podemos não falar nisso? Por favor. — Seu tom é direto, mas tem uma pontinha de súplica.

Os olhos de Karen praticamente saltam das órbitas.

— Ah, meu Deus. Eu não quis te constranger, querida. Desculpe — diz, dando um tapinha na mão de Kendra de um jeito maternal.

Meu sexto sentido se aguça ao ver o gesto. A senadora Birchill é muito mais que uma conhecida de Kendra. Ela gosta dessa mulher. O que significa que Kendra não foi completamente honesta. Ao que parece, ela não foi completamente honesta sobre muitas coisas. Sinto um arrepio e aperto os dentes. Kendra foca o olhar castanho-esverdeado em mim e morde o lábio. Ela fazia isso na faculdade quando estava pensando em algo difícil.

— Que curioso termos nos encontrado, senadora. O seu nome apareceu em um caso em que nós estamos trabalhando — digo.

Tento levar a conversa para o campo profissional para que possamos acabar logo com isso e voltar ao hotel, onde vou poder cobrar de Kendra o fato de ter escondido seu relacionamento com a senadora. Sem falar no fato de que quando deixou Royce, oito anos atrás, ainda gostava dele. Durante parte desse tempo ela esteve doente, e nenhum de nós soube de nada. Não é exatamente um crime, mas uma mentira por omissão. Fico imaginando se Royce sabia que ela estava doente. Foi por isso que ela foi embora? Qual era a gravidade dessa doença?

Muitos pensamentos do passado estão se misturando com o presente. Nenhum deles tecnicamente me envolve, mas qualquer coisa que diga respeito a Royce diz respeito a todos nós. Minha lealdade é para com ele em primeiro lugar.

Kendra limpa a garganta.

— Sim. Na verdade, nós fomos contratados como consultores para trabalhar com um projeto de lei. É um projeto que está sendo defendido pelo senador Kemper...

— Aquele canalha sórdido! Não sei como esse homem consegue dormir à noite. Se está trabalhando com ele, é melhor cair fora depressa, querida. Ele vai acabar com você e nem vai olhar para trás. Esse homem não presta. Só pensa em quanto dinheiro pode enfiar no bolso. E essa Pure Beauty, as coisas que eles

querem fazer... Meu Deus, fariam o seu estômago revirar. Cortar todas aquelas árvores, destruir a terra de Deus, para quê? Para que uma mulher rica possa passar mais porcaria no rosto? Qual é o problema de envelhecer com dignidade? De viver com o que Deus nos deu e ser felizes por estarmos vivos, em vez de nos preocupar com quantas rugas temos no rosto? — A expressão da senadora é de revolta. — Quem decidiu que rugas de sorriso são ruins? Sabe o que é ruim? Fazer preenchimento no rosto, testar esses preenchimentos em animais para que você possa parecer cinco anos mais jovem. Cortar milhares de árvores que dão o ar que sustenta a vida! — Seu rosto está muito vermelho.

— Entendo a sua contrariedade — digo, erguendo a mão para chamar sua atenção. — Nós concordamos com você. Completamente.

Ela franze o cenho.

— Concordam? Então por que estão trabalhando com esses fracassados?

— Nós não conhecíamos todos os detalhes do que eles queriam fazer. E agora estamos em uma posição difícil — Kendra acrescenta. — Acontece que o principal cliente da PB Insumos é a Pure Beauty Farmacêutica.

A senadora arregala os olhos até ficarem do tamanho de bolas de boliche antes de retorcer os lábios e soltar um grunhido.

— Isso não é bom. Eles fazem coisas perigosas com os animais. Vocês têm provas de que eles estão trabalhando juntos?

Lambo os lábios e me inclino para a frente.

— A CEO da Pure Beauty Farmacêutica e o da PB Insumos são casados. Muitos membros dos conselhos de diretores e investidores das duas empresas são os mesmos. Isso é tudo que podemos dizer sem ser processados.

As narinas da senadora se dilatam, e ela aperta os lábios.

— Ora, que interessante... Isso muda tudo. Quando os outros senadores souberem quem está apoiando esse projeto de lei, não vão ficar muito felizes.

— Infelizmente, segundo o Kemper, o comitê vai aprovar o projeto de lei com os votos do restante do Senado. Somente o seu voto e o de...

— Portorino — ela adivinha imediatamente.

Assinto.

— Vocês não vieram aqui para jantar. — Seu comentário é uma declaração, não uma pergunta.

Kendra engole devagar e sacode a cabeça.

— Não, Karen, não viemos.

— Entendo. O que eles têm contra mim? — pergunta, tamborilando no balcão como se fosse uma conversa comum.

Kendra retorce os dedos no colo. É a primeira vez que a vejo reagir sem seu profissionalismo impecável. Está incomodada, e sua linguagem corporal e a expressão soturna que macula seu lindo rosto demonstram isso.

Diante da dor que posso ver em seus olhos, dou o primeiro passo:

— Você tomou uma decisão difícil no passado, quando tinha dezesseis anos. Eles sabem disso. — Falo sem rodeios, poupando Kendra da difícil tarefa de ter que admitir que sabemos sobre o aborto de sua amiga.

A senadora fecha os olhos e, quando os abre, estão vidrados e desfocados, mas sua expressão está completamente desprovida de emoção. Ela fixa o olhar do outro lado do balcão. Seu cabelo encaracolado cobre a maior parte do rosto, mas posso ver que ela está perdida em lembranças.

Quando por fim fala, parece que suas cordas vocais passaram por um ralador:

— Eu fui estuprada. Eles se deram o trabalho de ler o boletim de ocorrência?

Uma sensação horrível oprime meu peito. Aperto a mão direita, querendo dar um soco na cara daqueles canalhas sujos. Vários socos. Talvez até não conseguirem mais respirar.

Como essas pessoas conseguem dormir à noite? Eles certamente sabem por que ela fez o aborto. E usar algo tão horrível contra uma mulher que foi estuprada? Não consigo conter a raiva.

Não conheço muitas mulheres, se é que conheço alguma, que topariam criar o bebê de um homem que as estuprou. Seria um lembrete constante, eterno, de um dos piores momentos de sua vida. De jeito nenhum. Além disso, ela era uma menina. Dezesseis anos, uma criança.

— Ele me agarrou quando eu saí da biblioteca. Eu usava os livros da biblioteca e fazia os meus trabalhos lá. Ele tinha vinte e cinco anos, viciado em metanfetamina. Me arrastou para os arbustos, me imobilizou com a ponta de uma faca e roubou a minha inocência. E me estrangulou até eu perder a consciência, me largou ali para morrer. Não sei como eu sobrevivi. A bibliotecária me encontrou. Ela chamou a polícia e uma ambulância e ficou

comigo. Só que ele não me deixou só a lembrança da experiência miserável. Ele me engravidou.

Fecho os olhos e imagino minha mãe tropeçando com uma adolescente estuprada à beira da morte. Tremo e respiro fundo, tentando conter a raiva que borbulha em minhas veias, que ferve meu sangue, que me faz arder.

— A polícia acabou pegando o homem. Prisão perpétua. Mesmo assim, eu não suportaria criar o filho dele. Então fiz um aborto. Como eu era menor, os registros são confidenciais. Naquele dia, eu jurei que nunca mais tiraria uma vida. Jamais, independente do que acontecesse. Mas, no fim, isso causou danos suficientes, porque eu nunca mais deixei um homem se aproximar de mim. Sem filhos, sem marido, optei por viver uma vida solitária. Então entrei para a política. E agora eles querem tirar isso de mim também? É a única coisa que eu tenho nesta vida.

Ela sacode a cabeça e bebe algo que parece ser Coca-Cola.

— Às vezes eu odeio a política. Outras vezes, eu vivo por ela — acrescenta. Eu me levanto. Não consigo mais ficar sentado.

— Hora de ir. Kendra? — digo, apontando para a porta.

Ela franze as sobrancelhas e se levanta.

— Karen, vamos conversar um pouco mais amanhã. Nós queremos impedir que essas pessoas façam o que pretendem fazer, mas precisamos ter cuidado. Não podemos permitir que as informações se voltem contra nós.

A mulher dá um sorriso furioso.

— Não se preocupe com isso. Vou mandar o meu sobrinho investigar a empresa assim que acabar de jantar. Ele mesmo vai encontrar a conexão. Acho que os próximos dias vão ser uma tempestade de compartilhamento de informações.

Pouso a mão em seu ombro.

— Talvez você não queira fazer isso. Eles sabem do seu passado e não se importam de usá-lo.

Ela aperta os lábios até formar uma fina linha branca.

— O meu passado ficou escondido por tempo suficiente — diz, dando um tapinha na mão que pousei em seu ombro. — Não se preocupe comigo, filho. Esta velhota sabe se cuidar.

Aperto seu ombro e me viro para sair, dando a Kendra um instante em particular para se despedir.

Assim que entramos em nosso carro alugado, ataco:

— O que é que você estava pensando? Por que não me contou sobre a sua ligação com a senadora antes de nós a abordarmos?

As narinas de Kendra se dilatam. Ela vira o corpo para me olhar de frente.

— Foi há muito tempo. Eu fui estagiária no escritório dela por seis meses, quando estava me preparando para o exame da Ordem dos Advogados. Ela foi boa comigo...

— Obviamente vocês duas têm uma ligação. Não pensou em compartilhar isso comigo? Talvez antes de concordarmos em aceitar esse caso? — digo, com a voz trovejante e firme como um tambor.

— Eu não sabia que nós trabalharíamos com ou contra ela. Fiquei tão surpresa quanto você quando a foto dela apareceu na tela na reunião de ontem. Desculpe, Parker, eu não sabia. — Seu tom de voz não é agressivo, o que alivia consideravelmente minha ira.

Lambo os lábios e inspiro profundamente.

— Você é muito próxima dela, Kendra. Não deveria estar aqui.

Seus olhos nos meus são como dois raios laser incandescentes.

— Não tenho como voltar atrás agora. Eles vão tentar arruinar alguém de quem eu gosto. Eles trabalham com uma empresa que tortura animais abertamente, e é óbvio que têm bolsos sem fundo e contatos fortes no Capitólio. Senão já estariam fora do circuito. Não vou desistir enquanto não tiver certeza de que esse projeto de lei não vai passar.

— Porra! — grito, batendo no volante.

Durante dois minutos aperto o volante o mais forte possível, tentando deixar a raiva e a frustração diminuírem para poder dirigir com segurança. Kendra não diz uma palavra. Ou está satisfeita com o silêncio, ou precisa dele para controlar suas emoções agora à mostra.

— Do que ela estava falando quando disse que você ficou doente e internada? — pergunto e viro a cabeça para me concentrar em seu rosto e ver o que suas microexpressões me dizem.

Um flash de intensa dor perpassa seu olhar por um instante e logo desaparece.

— Parker, o meu passado e a minha vida pessoal não estão abertos a discussão. Eu não pergunto sobre o seu, e espero receber o mesmo respeito.

Estreito o olhar.

— O seu passado acabou de surgir e nos esfregou na cara uma situação legal que pode destruir a minha empresa. Preciso saber se tem algo mais que possa prejudicar a mim ou aos meus sócios.

Ela sacode a cabeça.

— Não é verdade. A minha internação e o meu passado com o Royce não têm nada a ver com esse caso. Eu agradeceria se você esquecesse o que ela disse sobre isso. Não é relevante, e, francamente, não quero me aprofundar nisso.

Suas palavras são diretas. Por alguns segundos, fico olhando para seu rosto. Formas angulares, maçãs arredondadas, sobrelanceiras perfeitamente delineadas, lábios grossos e cheios, queixo e nariz pequenos. Sua beleza é absoluta, o que é parte do motivo pelo qual Royce está tão magoado por ela o ter abandonado há tantos anos.

Ela estava doente? Muito doente?

Sinto como uma pontada vibrar na base do crânio. É o que eu sinto quando quero saber mais... quando preciso saber mais. Apertando os dentes, decido que vou pedir para Wendy investigar o passado de Kendra. Bem, conhecendo nossa abusada maluca, ela já deve ter feito isso, mas está guardando as informações para si em respeito à nova colega de trabalho.

— Tudo bem — minto, uma vez que não há nada que eu não faça para garantir que Royce e a empresa estejam protegidos.

Se Kendra tem esqueletos no armário, quero saber quais são e como podem impactar meu irmão ou os negócios. Depois que eu souber o que ela está escondendo, vou decidir se exponho seus segredos ou não. Por enquanto, preciso esfriar a cabeça e focar no caso.

Merda, tudo que eu quero agora é ir embora de Washington e voltar para Boston, onde uma loira sexy está procurando filhotes peludos e casas com varanda.

— Obrigada, Parker — ela diz, se recostando no banco e pondo o cinto de segurança.

Faço o mesmo e ligo o carro.

— Só espero que possamos passar ilesos por este caso e sair com a empresa intacta.

— Assim será. Nisso eu aposto a minha carreira. Nós não vamos afundar com o navio deles.

Suas palavras são uma promessa à qual me agarro. Preciso confiar nela para ter alguma esperança de sair desse pesadelo político.



Uma batida na porta me faz pular da cama meio instável e ofegante, como se tivesse acabado de correr uma maratona. A porta se abre e Kendra está ali parada. Seu cabelo está molhado, e ela está vestindo uma camiseta enorme de Harvard que chega até os joelhos, mostrando um par de pernas espetaculares. Ela olha para mim da cabeça aos pés.

— Nossa, Park, você cresceu. — Sorri, parecendo satisfeita. — Eu sempre soube que você era sarado, mas caramba! — Ela se abana com um jornal dobrado. — Agora eu sei como você conquistou uma estrela de Hollywood. Se eu tivesse isso tudo na minha cama, seguraria firme também. — Ela fica me olhando com a cabeça inclinada, mas não passa pela porta.

Ponho as mãos nos quadris, agradecendo a Deus por não estar sonhando com Skyler quando acordei e assim não ostentar uma ereção matinal. Procuro meu jeans no chão, pego-o e visto.

— Algum motivo para esse despertar repentino?

Ela passa o olhar pelo meu corpo mais uma vez e sacode a cabeça. A seguir, olha para o jornal.

— Você não vai acreditar — diz, abrindo o jornal e o estendendo para mim.

Eu pego e leio a manchete.

REVELADA TRAGÉDIA DA ADOLESCÊNCIA DA SENADORA BIRCHILL

— Puta merda!

Leio a matéria. Está tudo ali. O estupro aos dezesseis anos, a depressão terrível que ela enfrentou depois. Ela conta que engravidou do estuprador e fez a difícil escolha de abortar. A história está tão bem escrita que surgem lágrimas em meus olhos.

— Não acredito que ela revelou tudo.

— Foi a decisão mais inteligente que ela poderia tomar. — Kendra cruza os braços. — Tomar a ofensiva, ser a primeira a divulgar os próprios segredos do jeito dela, com a voz dela. Agora eles não vão poder usar isso contra a senadora.

Ela se dirige à TV e a liga, sintonizando em um dos noticiários matinais. Como esperado, a história da senadora é o destaque.

Ficamos ouvindo enquanto o locutor expressa profunda tristeza pelo que ela passou. Mudo de canal até encontrar a senadora Birchill falando. Sua voz é confiante e segura.

— *É por isso que eu sou a favor da vida agora, mas não critico quem seja a favor da escolha. Eu passei pelo inferno que é abrir mão de um filho devido à depressão e ao estupro. Como ainda era uma criança, fiz o que os meus pais me incentivaram a fazer. Se pudesse decidir de novo, não sei se faria a mesma escolha. Mesmo assim, essa é a razão pela qual hoje eu sou quem sou e estou nesta posição, protegendo outras mulheres que talvez precisem fazer uma escolha semelhante. Quero incentivá-las a escolher a vida, se possível. E essa é a minha postura* — declara a senadora, enfática, parada diante do que parece ser um pódio.

— Porra, ela trabalha rápido — sussurro.

— Nesse negócio, é preciso ser assim. Com sorte, as notícias de hoje estão no lixo amanhã. É melhor divulgá-las ao público e seguir em frente o mais rápido possível. E veja as reações. O público aceitou bem. Estão dizendo que ela é muito decidida e uma heroína por revelar o próprio passado. Surpreendente... — Kendra sacode a cabeça.

— É o que parece. Meu palpite é que agora ela pode falar o que quiser sobre a Pure Beauty, uma vez que a bomba já explodiu.

Kendra sorri. Meu celular toca, eu o pego na mesinha de cabeceira e vejo o prefixo de Washington.

— Parker Ellis.

— Sr. Ellis, é Vivica Preston. Tenho certeza de que viu o noticiário desta manhã.

— Sim, eu vi. Estava agora mesmo discutindo o assunto com a minha advogada.

— Isso estraga nosso plano para forçar a senadora a votar a nosso favor. Até que possamos encontrar outra coisa contra a senadora Birchill, trabalhe com Portorino.

Sinto um tremor percorrer meu corpo. Aperto os dentes e tento segurar um rosnado.

— Isso definitivamente torna o nosso trabalho quase impossível. — Deixo clara a possibilidade de fracasso da nossa parte, para nos ajudar depois, quando formos rescindir o contrato.

— Sim, nós entendemos. Trabalhe com Portorino. Precisamos do apoio dela. Vamos analisar os outros senadores para ver quem mais pode ter algo que possamos usar. Eu entro em contato — ela diz rapidamente e desliga sem mais uma palavra.

Apago a TV e gemo alto, apertando os punhos nas laterais do corpo.

— Não quero trabalhar com essas pessoas. Elas me dão nojo.

Kendra anui.

— Estou traçando o nosso plano de difusão de informações. Hoje nós vamos encontrar mais quatro amigos meus do Capitólio. Vamos falar sobre a PB Insumos e a conexão com a indústria de cosméticos. O que precisamos fazer, no entanto, é conseguir mais informações sobre a PB Insumos. Onde é a empresa? O que mais podemos descobrir?

— Você está sugerindo visitar o laboratório?

Ela sorri.

— Não. Eu quero que o Bo vá até lá. Antigamente ele era muito bom para invadir lugares. — E mexe as sobrancelhas, como se soubesse de algo que eu não sei.

Ergo as sobrancelhas.

— A minha advogada está sugerindo que nós violemos a lei?

Ela sorri.

— Só um pouquinho, e só se ele realmente achar que pode conseguir algumas fotos contundentes como prova do que eles fazem com os animais.

A invasão do laboratório *não vai* acontecer. De jeito nenhum. Mas surge outra ideia em minha mente, como um tiro no escuro.

— Eu tenho uma ideia melhor. — Pego o telefone e digito um número.

— Oi, chefe. Que desejos a minha magia tecnológica pode lhe conceder hoje? — Wendy diz e ri da própria piada.

Sorrio.

— Preciso que você hackeie um pouco. Coisa de detetive.

— Ahhh, eu gosto quando você fala assim comigo. Não vou contar nada para o Mick — Sua voz é baixa, conspiratória. — Do que você precisa?

Reviro os olhos e paro diante da janela, olhando a cidade de cima.

— Hackeie a PB Insumos e descubra se eles têm vagas de emprego abertas. Depois eu preciso que você coloque o Bo em um avião e o faça entrar na empresa como um funcionário novo o mais rápido possível.

Ouçõ seus dedos batendo no teclado ao fundo. Depois de alguns instantes, quebro o silêncio:

— Você consegue fazer isso?

— Pffff, brincadeira de criança. Da próxima vez, me peça para entrar no sistema do Departamento de Defesa e arranjar um emprego para ele, aí sim vamos falar de dificuldade — ela diz e gargalha. — Olha, eles têm uma vaga de faxineiro e outra de assistente de laboratório. Por favor, me deixe forçar o Bo a limpar banheiros! — Sua voz é alta, e a alegria é desenfreada. — Eu ganharia o ano todo com isso, Parker, por favor! Prometo não pedir mais nada o ano todo! Juro! Juro pela minha vida!

Essa parte faz meu sorriso desaparecer, ao me lembrar de sua passagem recente pelo hospital por causa de um sério ferimento a bala.

— Não diga isso, abusada.

Ela geme ao telefone.

— Desculpa. Mas, sério, posso colocá-lo como faxineiro?

— Nós precisamos dele no laboratório...

— Que foi? — Kendra pergunta por cima do meu ombro.

— A Wendy encontrou vagas de faxineiro e de assistente de laboratório na PB Insumos.

— Faxineiro — ela diz, categórica.

Franzo a testa. Ouço o grito de Wendy e afasto o celular da orelha.

— Por que faxineiro? Não seria melhor o Bo se infiltrar no laboratório, ficar por dentro do que eles fazem lá?

Ela encosta na cama.

— Não. Primeiro, eu não quero colocá-lo em uma posição na qual ele não saiba o que fazer. Assistentes de laboratório precisam conhecer o trabalho, e ele não conhece. Segundo, eu nunca pediria a ele para fazer algo que eu mesma não faria. E se eles pedirem para o Bo injetar alguma substância em um animal, ou pior, machucá-lo? — Ela estremece. — Não. Os faxineiros normalmente têm acesso à maior parte do edifício. Provavelmente ele pode conseguir muito mais informações nesse cargo. Além disso, não é difícil limpar banheiros, pisos e tal. Ele vai arrasar.

— *Yes!* — Wendy grita na linha. — Por favor, me deixe contar que ele vai entrar disfarçado de faxineiro!

Rio de sua animação.

— Não, sua maluca. Eu preciso falar com o Bo sobre isso. Basta você ajeitar tudo e cuidar para que, se possível, ele comece amanhã ou depois. Nós precisamos imediatamente de provas contundentes de como essa empresa trata os animais. Senão, este caso vai acabar conosco.

— Pode deixar. Estou cuidando disso, chefe. Não vou te decepcionar.

— Você nunca me decepciona, Wendy. Me mande uma mensagem quando estiver tudo pronto. Pode me transferir para o Bo?

— Com prazer.

8

Mais dois dias perdidos, e estou irritado com o tesão acumulado. Skyler não teve tempo para fazer sexo por telefone na noite passada, mas teve tempo de me mandar uma foto dela só de calcinha antes de pegar o avião para visitar Tracey e assinar os contratos do primeiro filme da série Classe A.

Passo o polegar sobre a foto escandalosa. Ela está vestindo só renda vermelha. Seu rosto está escondido pelo cabelo, mas eu conheço esse corpo como conheço meu próprio pau. Cada curva sutil, as panturrilhas grossas...

Minha boca fica cheia d'água, e meu telefone vibra em minha mão. “Mago do Amor” aparece na tela. Atendo, levando o celular ao ouvido. Todos os pensamentos sobre a minha deusa dourada desaparecem, na esperança de que Bo tenha boas notícias.

— Diga que você tem alguma coisa! — vou logo falando, quase implorando.

Estou cansado de ficar nesta cidade visitando senadores conservadores e fingindo trabalhar para uma empresa que vai contra tudo em que eu acredito como ser humano.

— Pode crer! Estou falando com você do armário do faxineiro esperto da PB Insumos, onde a merda que eles escondem é inconcebível. Na verdade, não consegui jantar ontem nem tomar café da manhã hoje, e isso depois de só um dia de trabalho.

Faço uma careta. Não quero que meu irmão tenha que lidar com essa merda grotesca mais do que eu mesmo gostaria de fazer.

— Sinto muito, irmão.

— Não, tudo bem. Tinha que ser feito. Eu vou enviar umas fotos que tirei escondido. Meio comprometedoras, mas não o suficiente para atingi-los. O pior até agora são dois cachorros que estão só pele e osso, definitivamente desnutridos. Voltei lá depois de passar na máquina de venda automática e dei dois palitos de carne-seca para eles. Hoje o meu macacão está cheio de petiscos, por precaução.

Sorrio ao pensar em Bo dando carne-seca sorrateiramente aos cães. Não importa quantas mulheres ele ame e deixe, Bo é um sujeito bom, com um coração enorme.

— Tem uma sala em que ainda não estive. Não estava no rodízio de limpeza, vai entrar hoje à noite. Tenho a sensação de que é onde fica a maior parte da merda. Depois te digo o que mais descobrir.

— Tudo bem. E, Bo... obrigado de novo por fazer isso. Não precisava, mas o fato de você querer fazer a coisa certa e colaborar significa muito.

Ele rosna, claramente frustrado.

— Para com isso! Um bom pedaço da IG é meu, é o meu que está na reta tanto quanto o seu e o do Royce. Nós somos um time. Mais que isso, somos uma família. Não vamos deixar os escrotos se safarem. Mantenha o celular ligado que eu vou mandar tudo que puder. Quero sair logo daqui. Já limpei salas sujas por uma vida inteira. Aliás, vou dar um aumento para a minha faxineira só por limpar o meu banheiro. A mulher é uma santa!

O riso enche meus pulmões e me faz quase gargalhar ao telefone, com tanta força que minha barriga dói.

— A Wendy queria te contar sobre o cargo de faxineiro. Ela ficou nas nuvens de alegria.

Ele solta um gemido.

— Tenho certeza disso! Vou ter que encontrar maneiras interessantes de me vingar. Talvez eu mande para ela umas fotos dos presentes que esses filhos da mãe deixam para eu limpar. Sim... vou fazer isso.

Solto uma risadinha, mas tento cobrir a boca e disfarçar. A última coisa que quero é receber uma foto dessas.

— Enfim, eu vou nessa, Park. Te mantenho informado. Tenho alguns pisos para esfregar e espionagem para fazer. Até mais.

Depois que desligamos, meu telefone vibra. Abro as mensagens de Bo. Uma mostra a imagem de pelo menos seis ratos em uma gaiola lotada de merda e mijo. Nojento, mas não o suficiente para lhes criar problemas. A segunda foto é de dois cachorros de orelhas caídas, as costelas completamente visíveis, encolhidos, obviamente com medo. Aperto os dentes e respiro devagar pelo nariz. A raiva só vai me fazer estragar este caso. O importante agora é manter a cabeça fria com a promessa de que vai ter troco, e num futuro próximo.

Salvo as imagens e as encaminho a Kendra, Royce e Wendy. Nós cinco estamos trocando todas as informações que obtemos, cada um de um ângulo. Royce e Wendy estão investigando as finanças e os clientes para ver se encontramos outros meios e mais portas para chutar. Bo está trabalhando no laboratório. E hoje Kendra e eu vamos nos encontrar com a senadora Portorino.

Ontem passamos o dia nos reunindo com lobistas, um congressista e dois senadores. Passamos a todos eles a informação comprometedora sobre a conexão entre a PB Insumos e a Pure Beauty Farmacêutica e o que a lei significaria para a segurança pública em geral, sem falar no rumor sobre como tratam os animais nos testes. A missão da senadora Birchill é falar sobre suas preocupações ambientais com a remoção de milhares de árvores e a destruição da área que faz fronteira com um parque nacional muito popular, além da quantidade de poluição que essas fábricas jogariam no ar e na água.

Infelizmente, na minha opinião, aos olhos dos políticos locais o argumento é fraco. O benefício de as fábricas gerarem dezenas de milhares de novos empregos e impostos para uma economia em recuperação superaria em muito a fumaça lançada no ar ou a derrubada de parte de uma enorme floresta. O público em geral normalmente não pensa nos desdobramentos de longo prazo de uma decisão como essa, só nos benefícios de curto prazo. E empregos e dinheiro são um grande benefício. É o que está incluído no projeto de lei que precisa ser destacado: a capacidade de pular etapas cruciais em testes médicos que garantiriam a segurança do consumidor; o fato de abusarem de animais inocentes para fabricar seus produtos. Segurança médica e cosmética e talvez a possibilidade de ajustar a bússola moral da humanidade são os melhores argumentos que temos para derrotar esse projeto de lei.

Pego meu blazer esportivo e vou ao encontro de Kendra na sala de estar da nossa suíte.

— Estou cansado de Washington. Como você conseguiu morar aqui por oito anos? A energia negativa da política é insuportável.

Ela sorri.

— Depende do lado da política em que você está. Quando você luta contra injustiças, é bem divertido. Como um super-herói ou um justiceiro trabalhando pelo bem de todos. Eu fiz isso pegando casos que protegiam o público e os interesses de empresas boas e honestas, não usando roupa de lycra e lutando contra o crime.

Visto o blazer cáqui com cotoveleiras de camurça. Combina muito bem com a calça azul-marinho e a gravata amarela listrada que Skyler acrescentou ao meu novo guarda-roupa em sua casa.

A ideia de que logo vou estar pensando na *nossa casa* me faz sorrir. Esse pouquinho de positividade em relação ao nosso futuro me ajuda a me sentir mais leve. Eu posso cuidar deste caso, encarar tudo isso. Que inferno, posso sobreviver a qualquer coisa se minha recompensa for voltar para casa e encontrar Skyler.

— Por que você está sorrindo tanto? Você estava todo ranzinza desde que tivemos nossa conversa constrangedora com a senadora Birchill.

Inclino a cabeça para o lado, tentando decidir se compartilho algo tão íntimo. Ela me pediu para respeitar sua vida pessoal, mas, nos bastidores, não é o que estou fazendo. Ainda espero descobrir mais sobre a lacuna de oito anos de sua vida que eu não conheço. Se Kendra quiser ter a mesma ligação que o restante da equipe da IG tem, terá que se abrir. Ao mesmo tempo, precisamos ser abertos com ela, construir essa ponte de camaradagem.

— A Skyler e eu decidimos morar juntos e adotar um cachorro e um gato.

Ela ergue a sobrancelha esculpida.

— Uau. É um grande passo. Vocês estão juntos há muito tempo?

— Entre idas e voltas, há quase um ano.

— Entre idas e voltas? — Ela demonstra interesse como um falcão que vê um roedor no meio do deserto.

— Bom, houve um intervalo de umas duas semanas, alguma confusão com informações desconstruídas. Mas nós resolvemos e estamos mais fortes por

causa disso. Acabamos de decidir morar juntos, dar um fim nesse negócio de duas casas, já que quando estamos na mesma cidade ficamos juntos todas as noites. Além disso, a Skyler deu um grande passo ao se mudar para Boston para ficar perto de mim, e agora cabe a mim fazer alguma coisa parecida.

— Vocês estão planejando se casar logo?

A pergunta praticamente me nocauteia, como se uma onda me atingisse e me desequilibrasse. Encosto na borda do sofá e apoio a bunda no braço.

— Por enquanto não.

— Interessante. Comprar uma casa e ter animais de estimação é algo que geralmente um casal faz depois de... você sabe... dizer “sim”. — Ela apoia os cotovelos nos joelhos e olha fixamente para mim sem expressão, permitindo que seu comentário chegue a meu inconsciente.

— É verdade — assinto. — Mas a Skyler e eu temos uma relação nada convencional, sendo ela uma celebridade e eu... bem, uma não celebridade. Nós temos o nosso jeito de fazer as coisas.

Ela se levanta, pega seu blazer branco imaculado e o veste sobre a blusa de seda mostarda com um laço na gola. A saia é preta, assim como os sapatos, mas estes têm uma fina tira dourada que envolve delicadamente seus tornozelos. Uma coisa é certa: Kendra sabe se vestir. Ela não precisa de nenhuma dica. Tudo o que usa é uma combinação perfeita de elegância e profissionalismo. Basicamente uma tentação para o empresário médio.

Kendra é o tipo de mulher que qualquer homem se sentiria sortudo por ter. Linda, elegante e inteligente. É por isso que é tão fácil imaginá-la com Royce. Os dois juntos não seriam apenas um casal de cair o queixo, mas também teriam filhos lindos. E eu sei que meu irmão quer isso, do fundo do coração. Uma família para criar e proteger.

A questão é: Kendra quer a mesma coisa? Sendo ela tão fechada em relação a seu passado e a sua vida pessoal, não sei nem se eles estão na mesma galáxia, que dirá na mesma sintonia.

— Senadora Portorino? — Eu me aproximo da mulher miúda de pele oliva. Seus olhos são de um castanho-escuro que combina com o cabelo cor de café, e ela tem formas curvilíneas, corpo violão. Uma verdadeira italiana, da cabeça aos pés.

Ela estreita o olhar.

— Sim.

Estendo a mão.

— Eu sou Parker Ellis, e esta é a minha advogada, Kendra Banks. Somos da International Guy, localizada em Boston.

Ela franze a testa.

— Não sei do que se trata. — E olha em volta, como se houvesse alguém ali com quem eu devesse falar.

— Se pudermos nos sentar, eu explico. Não vamos tomar muito do seu tempo.

O olhar da senadora é gelado.

— Eu não sei quem vocês são e não tenho muito tempo de almoço. Preciso voltar logo.

Kendra, que estava atrás de mim, se adianta.

— É sobre a sua irmã. Aquela que está no Betty Ford Center, em Rancho Mirage, na Califórnia, em uma estadia paga pelo irmão do seu marido. Agora, por que o irmão do seu marido se envolveria com a sobriedade da sua irmã? A menos que...

— Sentem-se — ela ordena, e uma expressão tensa toma seu rosto bonito.

Nós dois obedecemos e fazemos um sinal para o garçom se afastar.

— Veja, senadora Portorino, a nossa intenção não é desrespeitá-la — começo, tentando contornar a dura abordagem que tivemos de fazer para que ela falasse conosco.

— Você quase me convenceu — ela diz, exalando desdém.

Respiro fundo e tento suavizar a tensão.

— Nós não queremos trazer à tona o problema da sua irmã. No entanto, certas pessoas nos contrataram para ajudá-las a fazer isso. Estamos tentando evitar a campanha de difamação que elas planejam veicular se você não votar a favor do projeto de lei que regulamenta testes farmacêuticos e cosméticos, que vai ser votado daqui a alguns dias.

A senadora joga a cabeça para trás e ri. Seu cabelo comprido e liso chega além dos ombros com o movimento.

— Não estamos brincando.

— Estão o que, me chantageando? Você acha que eu sou estúpida para aceitar os termos de um chantagista? Eu não estaria há tanto tempo na política se fosse. Não tenho nada a esconder.

Sacudo a cabeça.

— Em primeiro lugar, nós não estamos chantageando você. Em segundo lugar, a Pure Beauty Farmacêutica está pronta para divulgar as informações sobre o último “passe livre para fora da prisão” que a sua irmã recebeu da juíza Mastery. Isso não só prejudicaria sua reputação como poderia comprometer a juíza por não ter se afastado do caso ao ver que envolvia a sua irmã. Ela conhece você pessoalmente e sabia que a ré era da sua família.

A senadora cruza os braços, na defensiva.

— Primeiro, foi uma acusação pequena por porte de drogas. Ela teria pegado uns dois anos, no máximo, e seria liberada em um ano por bom comportamento. Em vez disso, nós concordamos com um ano em uma clínica de reabilitação. A mesma onde ela ainda está, e se saindo muito bem. Não tenho medo do que a imprensa possa divulgar. A Pure Beauty vai ter que se esforçar mais se quiser me prejudicar.

— E quanto à juíza?

Ela dá de ombros.

— A Mandy se aposentou um mês depois desse caso. Ela se mudou para a Flórida para poder jogar cartas e ir à praia.

Abro um sorriso largo para Kendra.

— Que ótima notícia. Não vejo a hora de contar ao nosso contato.

A mulher franze a testa.

— Você não é um bom chantagista, já que fica feliz por eu não me preocupar com as informações que tem sobre mim. Além disso, mesmo que eu fosse obrigada a renunciar, o que eu duvido que ocorra, este é o meu último mandato.

Dessa vez, Kendra sorri.

— Senadora, aqui estão algumas informações sobre a Pure Beauty Farmacêutica que você desconhece. Alguns colegas seus podem não gostar do

fato de essa empresa ter conexões com o laboratório PB Insumos.

Esse nome a incomoda, pois seus lábios formam uma careta de desgosto.

— Essa empresa é nojenta. Eles têm uma das maiores “fábricas” de reprodução em massa de filhotes, mas ninguém consegue provar. Já sofreram blitz e receberam inúmeras citações por maltratar animais, mas pagam as multas e depois continuam, como de costume. Ninguém consegue encontrar os canis. Não posso nem imaginar essas pobres criaturas inocentes criadas com o único propósito de serem torturadas em nome do batom perfeito e duradouro ou do melhor preenchimento de rugas — diz e estremece.

— Nós também não. É por isso que vamos fazer tudo o que pudermos para garantir que esse projeto de lei não seja aprovado. Não só o que eles fazem com os animais é inaceitável, mas também as medidas que querem tomar para liberar os produtos para o público são assustadoras — acrescento.

Ela anui.

— Bom, não me interessa o que eles vão tentar fazer comigo. Eu não vou votar a favor desse projeto e, com essas informações, conheço mais três senadores que também votariam contra.

Sorrio.

— Excelente.

Kendra intervém:

— Por favor, se possível, não diga nada sobre esta reunião e o nosso envolvimento. Estamos fazendo o máximo para evitar um processo legal.

Ela faz o sinal da cruz sobre o coração e diz:

— Minha palavra é minha garantia.

E eu acredito nela.

— Obrigado. Vamos deixá-la almoçar em paz.

— Boa sorte, sr. Ellis, srta. Banks. Estou torcendo por vocês.

— Muito obrigado. Acho que vamos precisar — concluo.

Então, puxo a cadeira de Kendra e saímos do restaurante. Assim que pisamos na calçada, ela se volta para mim.

— Foi arriscado dar a informação a ela assim, abertamente.

Suspiro.

— Às vezes é preciso fingir que estamos fazendo o que os bandidos pediram para que eles acreditem que estamos do lado deles. Se fizéssemos uma

reunião clandestina em algum lugar e fôssemos descobertos, seria muito mais plausível pensarem que estávamos armando contra eles. Então trabalhamos abertamente, visíveis para todos. Falando nisso... — Pego meu celular e vejo as chamadas recentes. Seleciono o número que sei que é de Vivica.

— Preston — ela atende.

— Olá, sra. Preston, é Parker Ellis. Nós temos novidades. Mas receio que, mais uma vez, não vão deixá-la feliz.



Na manhã seguinte, estou sentado no sofá da sala, de frente para Kendra, que está na poltrona. Meu celular está no viva-voz na mesinha diante de nós.

— Estamos só esperando o Bo ligar — Wendy diz.

Juro que o silêncio é ensurdecedor. Não recebemos nenhuma boa notícia, e parece que vamos ter que engolir esse sapo. A menos que Bo tenha algo substancial para nós.

— E aí, pessoal. — A voz dele explode na linha como se meu telefone estivesse no volume cem.

— Caramba, cara, abaixe isso um pouco — sugiro.

— Muito bem, estamos todos aqui — Wendy anuncia.

Limpo a garganta e começo:

— Primeiro, vamos falar do que nós temos aqui. A senadora Portorino não se sente ameaçada pelas informações que a Pure Beauty tem sobre ela. A senadora Birchill foi a público com as provas contundentes que tinham contra ela. Isso significa que as duas vão votar contra o projeto de lei, independente do que a empresa tente fazer contra elas. Em tese, tudo isso é muito bom, mas, quando eu falei com Vivica Preston para passar as novidades, ela nos informou que o senador Kemper e o senador Damren andaram tentando conseguir mais votos a favor do projeto e, de acordo com eles, conseguiram. Os votos a favor agora somam cinco a mais do que os contra.

— Que merda! — Wendy lamenta. — Como essas pessoas podem não perceber que os planos dessa empresa são perigosos para o público? Pular fases

dos testes, sem falar na parceria com um laboratório horrível que maltrata animais...

— É, pessoal, e a coisa é pior do que pensávamos. Sabem aquele boato sobre a fábrica de filhotes? — Bo questiona.

Kendra se inclina para se aproximar mais do telefone.

— A senadora Portorino disse que não há provas de que a fábrica existe.

— Ah, existe. E é um horror. Eles têm centenas de animais sendo criados em péssimas condições no laboratório.

— Não! — Kendra diz, pasma. — Como o USDA deixou passar isso nas repetidas citações que fez?

— Deve ser porque o canil é subterrâneo — Bo continua.

— Como você conseguiu essa informação, meu irmão? — pergunto.

— Com meus próprios olhos, e eu vou adotar um cachorro, um gato ou uma chinchila assim que chegar em casa. Todos nós precisamos fazer isso. Essa merda é um horror. Quando a coisa estourar, vai haver centenas, talvez até milhares de animais precisando de um lar. De todas as raças, de todas as variedades. É horrível... — Sua voz diminui. Parece que ele está tomando fôlego.

— Você conseguiu provas?

— Quem você pensa que eu sou? Não me ofenda, Park.

Levanto as mãos, mesmo que ele não possa ver.

— Não foi minha intenção, irmão, desculpa. Diga o que você viu, o que aconteceu.

Ele ri.

— Tenho certeza de que você não vai querer saber exatamente o que aconteceu, porque tinha uma loira alta chamada Stephanie, técnica de laboratório no programa supersecreto. E parece que ela adora um homem de uniforme...

— De uniforme de faxineiro! — Wendy deixa escapar, e nós rimos.

É um alívio bastante necessário, devido à seriedade da situação que enfrentamos a semana toda.

— Ei, querer é poder. E pode acreditar, Sininho, eu sempre quero.

— Você é ridículo — Wendy responde.

— Diz a mulher que usa coleira, como um animal de estimação!

— O dia todo, todos os dias. Pelo menos eu não saio transando com qualquer par de pernas!

Royce interrompe o fogo cruzado:

— Ei, ei, ei, calma aí vocês dois. Já deu.

— Desculpa, Royce. Fazia três dias que eu e o chagal não trocávamos farpas. Estamos tirando o atraso — Wendy admite, com bom humor.

— É verdade. Estou com saudade, Sininho — Bo murmura.

O que esses dois fariam se não pudessem se provocar? Sinto um tremor me percorrer. Provavelmente escolheriam um de nós para atazanar.

— Enfim, como eu estava dizendo antes de ser tão rudemente interrompido por uma boca grande de Boston... — Bo recomeça.

Wendy rosna, mas não retruca. Surge em minha mente a imagem de Royce colocando sua mão enorme sobre a boca da nossa diretora de informações para mantê-la calada.

— Depois que eu deixei a loira toda saciada e feliz, prometi levá-las às alturas se ela me mostrasse onde ficavam os filhotes. Eu disse que estava encantado com o trabalho que faziam lá e blá-blá-blá. Ela me levou a um elevador especial no terceiro andar. Fica recuado em um canto e raramente é usado, porque, em tese, só circula entre o terceiro e o quinto andar. Mas há uma portinha embaixo dos botões com um espaço para inserir um cartão-chave. Ela passou o cartão e o elevador desceu mais de três andares. Tipo uns sete ou oito.

— Caramba — sussurro, enquanto Kendra cobre a boca com a mão.

— Quando o elevador se abriu, o lugar cheirava a antisséptico e cachorro molhado. Ela me levou por um corredor que tinha pelo menos vinte portas. Atrás de cada uma tinha uma sala de reprodução diferente. Quando ela não estava olhando, tirei fotos de pelo menos quatro delas. Deve ser o suficiente para prejudicar a empresa. Só que fica pior...

— Nossa, meu irmão, não sei se aguento mais, e você acabou de começar.
— O tom profundo de Royce ecoa pela sala. Kendra fecha os olhos ao ouvir a voz dele. Não é a primeira vez que a vejo reagir a Royce, e duvido que seja a última.

Bo limpa a garganta e suspira.

— Nós passamos por uma sala que chamam de “zona morta”. Não entramos, mas deu para ver pela janela que tinha um sujeito jogando os animais dentro de um tanque com algum tipo de ácido.

— Animais mortos — afirmo.

— Não, meu irmão. Aqueles animais não estavam mortos. Pareciam doentes, desnutridos, mas a maioria estava viva e respirando até ser jogada no tanque. Esperem... Merda, estou com ânsia de vômito. — A voz de Bo é abafada, e então sua linha fica muda.

Ninguém diz nada por um bom tempo. Minhas entranhas estão se revirando. Sinto um nó no estômago, minha pele está quente como fogo, e uma pulsação, como se alguém batesse um bumbo, lateja em minhas têmporas. O pêndulo oscilou para um dos piores cenários possíveis. Eles estão basicamente fritando animais vivos para se livrar das provas depois de torturá-los com toda a porcaria que injetam neles.

Bo volta à linha.

— Pronto. Desculpem, é que... falar disso trouxe tudo de volta. Literalmente.

Faço algumas respirações calmas e profundas e concentro meu olhar no telefone.

— Pessoal, eu quero que eles queimem no inferno. A Kendra e eu contornamos os limites da ética nos negócios mais do que eu gostaria. O que eles estão fazendo é errado. Se tivermos que quebrar todas as regras do contrato, eu digo: vamos quebrar. Que se danem as consequências. Seja qual for o preço, isso precisa acabar agora. Estão dentro?

— Concordo — Royce diz.

— Sem dúvida! — Bo exclama.

— Absolutamente — Kendra afirma.

— Pode crer — Wendy cantarola.

— É hora de pensarmos juntos e sermos espertos. O que nós precisamos fazer é...

9

— Sr. Ellis, srta. Banks, entrem. Por favor, podem se sentar. — Vivica indica dois lugares vazios à mesma mesa de reuniões da primeira vez que estivemos ali.

— Obrigado. — Puxo a cadeira para Kendra. Ela se senta e eu tomo meu lugar.

Sentada a nossa frente, Vivica entrelaça os dedos e apoia as mãos no tampo da mesa.

— Fiquei surpresa quando vocês solicitaram uma reunião tão cedo. Espero que isso signifique que têm boas notícias e que conseguiram influenciar as senadoras.

Ao meu lado, Kendra se inclina sobre o braço da cadeira para pegar sua pasta, de onde tira uma série de documentos grampeados e os entrega à nossa cliente.

— Infelizmente não temos boas notícias. Estamos rescindindo o contrato.

Vivica franze a testa e pega o documento, então analisa a notificação de rescisão que Kendra elaborou e eu já assinei.

— Rescindindo?

— Sim. Chegaram ao nosso conhecimento informações preocupantes, que vão contra o nosso código moral e de práticas comerciais, o que nos forçou a tomar a difícil decisão de rescindir o contrato com a Pure Beauty Farmacêutica.

— Tem a ver com o anúncio da senadora Birchill alguns dias atrás?

Apoio os antebraços na mesa de mogno escuro e inclino a cabeça.

— Não. Ainda que, embora não atenda aos critérios para a rescisão do contrato, tentar arruinar a reputação de uma mulher tornando públicos o estupro que ela sofreu e o subsequente aborto vá contra a nossa moral pessoal.

Kendra se recosta na cadeira e sorri.

— Chegou ao nosso conhecimento que a Pure Beauty Farmacêutica trabalha com a PB Insumos.

Vivica estreita o olhar e torce os dedos com tanta força que ficam brancos.

— O que a relação com os nossos fornecedores tem a ver com o contrato com a International Guy?

— Fomos informados de que a PB Insumos adota práticas questionáveis de testes de produtos em animais. A International Guy apoia a Humane Society com uma vultosa doação anual, e trabalhar com uma empresa diretamente ligada à PB Insumos vai impactar negativamente a nossa reputação em geral, mais especificamente perante os nossos clientes que são ativistas pelos direitos dos animais.

O rosto de Vivica fica vermelho e ela aperta o maxilar.

— Eu posso assegurar que o nosso relacionamento com a PB Insumos é limitado a...

Ela está mentindo, e eu a interrompo:

— Nós sabemos que o CEO da PB Insumos é seu marido. Sabemos, de fato, que a sua empresa usa a PB Insumos exclusivamente para testar novos produtos. Embora não haja crime nisso, há evidências circunstanciais e substanciais de que vocês e eles colaboraram para ocultar inúmeras violações aos estatutos de abuso contra animais. Provas adicionais podem ser encontradas nas citações que eles receberam no ano passado, quando injetaram em cães o preenchimento labial que a sua empresa fabrica.

Ela pega o contrato.

— Nós pagamos um grande adiantamento à sua empresa...

Kendra junta a ponta dos dedos.

— Que não é reembolsável. Estamos liberando a Pure Beauty de quaisquer custos adicionais que tivemos desde a nossa chegada a Washington, há alguns dias. Nós vamos cobrir as despesas com voos, hospedagem e auxiliares com o adiantamento feito, mesmo sendo nosso direito cobrá-las de vocês. — Ela se apruma e dá um sorriso falso.

— Vou pedir aos nossos advogados que revisem essa cláusula. Não vamos aceitar essa *roubalheira* tão facilmente, e vamos reagir de acordo. — Vivica estreita o olhar enquanto apoia as mãos no tampo da mesa e se levanta, de

ombros curvados, em uma pose ameaçadora que acho que pretende servir como um alerta.

Kendra empurra a cadeira para trás e junta as mãos no colo.

— Você está ameaçando a nossa empresa por querer cancelar o contrato?

— Nunca uma empresa contratada desconsiderou os nossos desejos. Seria sábio da parte de vocês pensar bem nessa decisão antes de deixar a cidade sem cumprir o acordo. Nosso alcance é longo, e nossos recursos são infinitos.

— Já chega — digo e me levanto, empurrando a cadeira para trás e abotoando o paletó. — Já a notificamos sobre a nossa intenção de rescindir o contrato. Você não tem base legal para insistir. Eu sugeriria que colocasse os assuntos da sua empresa em ordem. Uma tempestade se aproxima, e eu não gostaria de estar no meio dela quando chegar.

— Há algo que queira me dizer, sr. Ellis? — ela pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— Sabendo o que vocês estão fazendo nos bastidores para aprovar esse projeto, só lhe digo que é o seu que está na reta. Vocês abriram a caixa de Pandora, e ela tem um temperamento perverso. Se eu fosse você, me prepararia para a maior luta da minha vida.

— Você acha que é o único que faz o dever de casa, sr. Ellis? Eu sei tudo sobre você, Royce Sterling, Bogart Montgomery e Wendy Bannerman. Vocês têm na equipe três formados em Harvard e uma que abandonou o ensino médio. Sem mencionar que você namora Skyler Paige, a celebridade mais reconhecida do país, se não do mundo. O que acha que a imprensa faria se alguns dos seus esqueletos saíssem do armário?

Sacudo a cabeça e cruzo os braços.

— Eu não tenho nada a esconder. Meu passado é o que é: passado.

— É mesmo? Você acha que a sua ex-namorada, Kayla McCormick, diria o mesmo? Ou o seu ex-amigo, Greg, de quem você e seus sócios tiraram legítimos vinte e cinco por cento da International Guy? Ele fez parte da idealização da empresa, pelo que eu saiba, e depois vocês três o chutaram para escanteio. E quanto à srta. Bannerman, que levou um tiro trabalhando em um caso da agência? Imagino como seus futuros clientes se sentiriam ao saber dessa informação, que ficou de fora da imprensa nacional porque o fato aconteceu no Canadá. Aposto que a mídia adoraria conhecer alguns desses detalhes.

Certos ou errados, os tabloides podem criar uma história que pegaria mal não só para a sua namorada e o status de celebridade dela, mas também para o seu negócio.

Meu coração bate forte, parece que vai sair do peito. Cerro os dentes e os punhos, querendo simplesmente estrangular esse ser humano repugnante. Mas, em vez disso, controlo a raiva e a deixo em segundo plano.

— Boa sorte com a sua campanha de difamação — retruco sem emoção.
— A Pure Beauty nos contratou conhecendo essas informações. Como ficaria a imagem de vocês se dissessem algo que pudesse nos difamar? Não tenho medo de você nem dos seus bilhões — digo, sarcástico.

Ela dá um sorriso falso, como se não acreditasse em mim.

Continuo, implacável:

— Meu medo é que mulheres usem os seus produtos e acabem desfiguradas devido a testes apressados ou erros de cálculo na composição química, porque não passaram por um processo experimental completo. Ou pior: que morram porque você decidiu pular alguns passos para ganhar mais dinheiro.

Seu olhar é ardente e irado, mas vou em frente, destemido:

— Meu medo é ver animais serem maltratados e mortos para encontrar o tom perfeito de batom. Meu medo é que florestas sejam destruídas e se mude a paisagem deste país para fazer mais do seu trabalho sujo. Todo mundo tem um passado, sra. Preston. Eu não tenho vergonha do meu, faz parte do que eu sou hoje. E, quanto aos meus sócios, digo o mesmo. No que se refere a Wendy Bannerman, o futuro marido dela é Michael Pritchard. Eu pensaria duas vezes antes de atacar a mulher dele. Ele é extremamente possessivo e não hesitaria em usar todos os seus muitos, muitos bilhões e contatos para proteger a honra dela. Eu adoraria ver você em uma batalha contra a MP Propaganda. Na verdade, eu pagaria para ver.

Com esse comentário, abro a porta da sala de reuniões e faço um gesto para Kendra passar primeiro, olhando de novo para Vivica.

— Sinta-se à vontade para mandar o seu advogado entrar em contato com a Kendra. Não que vocês possam fazer alguma coisa a respeito. Nós também fazemos o dever de casa, e somos *muito* meticolosos.

Vivica retorce os lábios antes de rir com secura.

— Você vai se arrepender disso. A International Guy tem cinco membros e talvez fature o que, de oito a dez milhões por ano? — ela diz, erguendo o queixo em uma expressão arrogante. — Nós somos uma organização de bilhões de dólares, com mãos em cada bolso político da costa Leste à Oeste. Aproveite seus últimos dias em Washington, porque, quando chegar em casa, vai sentir os efeitos da decisão que tomou hoje. E isso é uma promessa, não uma ameaça, sr. Ellis. — Ela sorri. Tenho certeza de que aprendeu esse charme todo com o próprio diabo.

— Tome cuidado com o carma, sra. Preston. Nunca se sabe quando ele vai se cumprir.



— O primeiro passo foi dado — falo no viva-voz do celular.

Kendra está andando de um lado para o outro como um ratinho na gaiola, e eu estou sentado bebendo o uísque que pedi pelo serviço de quarto, mesmo não sendo nem duas da tarde.

— Liguem a TV — Wendy pede com alegria.

Kendra encontra o controle remoto e sintoniza em um noticiário da TV a cabo. Uma apresentadora está observando a tela atrás de si, com a mão erguida cobrindo a boca, ocultando o que parece ser uma expressão de pura repugnância. A tela mostra centenas de cachorros, gatos, porcos, cabras e uma variedade de outros animais trancados em gaiolas minúsculas. Outra imagem mostra bichos mortos empilhados em um freezer, onde obviamente eram armazenados antes de ser descartados.

— *Meu Deus...* — a apresentadora balbucia.

Estremeço ao ver uma equipe da polícia entrar nas salas. Uma delas parece o local que Bo descreveu como a “zona morta”. Um homem está sendo algemado, gritando a plenos pulmões que está só fazendo seu trabalho. Cães presos à mesa atrás dele choramingam e tremem. Dois policiais pegam alguns deles no colo, acariciando-os antes de sair da sala.

A câmera se move para outro cômodo, onde há animais em cubos de acrílico. Uma série de testes está sendo feita. A cena de um bichinho

espumando pela boca e revirando os olhos é horripilante.

A apresentadora desvia o olhar, e lágrimas escorrem pelo seu rosto.

— *E... E...* — Ela limpa a garganta, olha diretamente para a câmera com um olhar determinado e enxuga as lágrimas. — *As autoridades invadiram a PB Insumos depois de receber fotos de uma fábrica de filhotes escondida e de maus-tratos praticados em suas instalações de testes. O laboratório é o único que faz testes para uma das maiores empresas de cosméticos do país, a Pure Beauty Farmacêutica. Segundo fontes ouvidas pela reportagem, a Pure Beauty está por trás de um projeto de lei que deverá ser votado no Senado amanhã. Se aprovada, essa lei vai permitir que ela e outras empresas testem seus produtos ignorando completamente a fase de testes em humanos para acelerar a liberação para o público.* — Faz uma careta. — *Ativistas das redes sociais organizaram um boicote aos produtos Pure Beauty e divulgaram uma lista abrangente para os consumidores.*

Aparece na tela uma lista enorme de algumas das mais conhecidas marcas de maquiagem, cremes e esmaltes.

— *Quando consultar um cirurgião plástico, não deixe de se certificar de que os preenchimentos que vai usar não sejam os que fizeram isso.* — A tela atrás dela mostra uma das fotos que já vimos, de cães que receberam o preenchimento na cara.

Abro a boca, impressionado, enquanto observo as autoridades arrasarem o lugar onde Bo esteve para levantar informações.

— Bo, você está aí? — chamo.

— Sim, cara. Assistindo e bebendo uma cerveja no conforto da minha cama no quarto do hotel. Pego o primeiro voo amanhã de manhã. Vou ver se consigo encontrar uma mocinha para me esquentar hoje à noite antes de ir embora.

Rio com os olhos ainda grudados na TV, que mostra a Humane Society entrando e socorrendo primeiro os animais mais debilitados.

— Bom trabalho. Você salvou a nossa pele. As ameaças que ela fez...

— Park, todos nós temos coisas que gostaríamos de manter no passado... — a voz profunda de Roy sai pelo alto-falante crepitante.

Kendra para no meio da sala e fica imóvel. As palavras dele são como um tiro certo para ela.

— Mas você precisa lembrar — ele continua — que nós trabalhamos em equipe. Quando um de nós é atingido, o outro assume. A agência é como um filho para nós, do qual temos orgulho. E, sem dúvida, vamos apoiar um ao outro para que ninguém possa ferir nem um fio de cabelo nosso.

— Disse o careca! — Wendy brinca, me fazendo sorrir.

— É verdade, irmão — concordo. — Estou feliz porque tudo deu certo. Ainda fico imaginando se vamos sofrer alguma retaliação da Pure Beauty. Eles vão desconfiar de que foi obra nossa. O timing é suspeito, para dizer o mínimo. Se eles...

— Desconfiar é uma coisa, provar é outra. Se eles tentarem, vamos estar prontos — Royce afirma, com uma convicção que ainda não sou capaz de sentir. — Temos tudo sob controle, e a Wendy está de olho. Se eles tentarem algo, vamos saber antes.

— Honestamente, eu acho que eles vão ter muito que fazer em termos legais. Multas, citações, as leis que quebraram são um pesadelo. Tentar uma vingança contra a IG exigiria muita energia e esforço, que eles não podem desperdiçar agora — Kendra acrescenta, sempre perspicaz.

Inclino a cabeça de um lado e do outro, avaliando a informação e deixando-a acalmar meus nervos.

— Além disso, vocês viram o mercado de ações? — Royce pergunta, deixando transparecer um sorriso no tom de voz.

— Claro! Eu não via a hora de abrir o jornal e conferir o Nasdaq — digo com ironia.

— Bom, se tivesse feito isso, teria visto as ações deles na merda. Eles vão falir. Todo mundo está vendendo as ações da companhia. Acho que ninguém vai querer ter algo a ver com uma empresa como aquela. Então, mesmo que eles quisessem vir atrás de nós, com que dinheiro fariam isso?

Sinto um calor sutil no centro do peito, que se espalha como raios de sol me iluminando de dentro para fora.

— Maravilha. — Tomo um gole da minha bebida e olho para a TV.

Kendra pega o controle remoto e muda de canal. Estão todos transmitindo a invasão e falando sobre a Pure Beauty e a PB Insumos. O último em que ela para mostra a imagem de Vivica e o marido sendo retirados de casa algemados. Lado a lado.

Talvez eles fiquem em uma cela dupla. Um buraco pequeno, escuro e úmido para dois seria perfeito. Abro um sorriso largo e ergo meu copo para brindar à justiça que está sendo feita.

Amém, porra.



Nos dois dias após a invasão, conversamos com os senadores, garantimos que o projeto de lei de fato fracassasse e demos nossos depoimentos às autoridades, falando até da ameaça que sofreremos pela rescisão do contrato. Por fim conseguimos pegar um avião e voltar para casa. Não falei com minha namorada nesses dois dias. Tivemos apenas algumas chamadas perdidas e trocamos mensagens.

Agora que estou em casa, caio de cara na cama. Skyler me escreveu enquanto eu estava no avião, dizendo que ainda não saiu de Nova York. Por um momento, quando vi a mensagem depois de voltar desse caso de merda, sou homem o suficiente para admitir que fiquei puto. Tudo que eu queria quando voltasse de Washington, depois de trabalhar em um caso dos infernos, era ir direto para os braços da minha mulher, mergulhar meus sentidos em seu perfume de pêssego com chantili, afundar meu pau em seu calor e deixar a semana inteira desaparecer. Mas, em vez disso, recebo a porra de uma mensagem.

Sem mulher, sem abraços reconfortantes, sem calor apertado onde me perder.

Meu lado racional entende que ela precisa trabalhar, e nosso trabalho geralmente nos leva para longe em momentos inoportunos. Mesmo assim estou de mau humor, sem esperança de melhorar em breve.

O algodão macio da fronha contra a pele do meu rosto alivia a irritação. Sinto o aroma dela da última vez que estive aqui. Ficamos mais no apartamento dela, convenientemente localizado no prédio da IG. Mas estou feliz por ter vindo para o meu. Não quero poluir seu apartamento com meu humor sombrio.

Esse caso me abalou. Como uma maldita cobra, afundou suas presas na minha jugular e me apertou até eu perder o fôlego. Foi assim que me senti.

Rolo de costas e olho para o teto. As coisas que aquela empresa estava disposta a fazer para conseguir o que queria iam além do limite. Isso me enoja a tal ponto que me deixa preocupado com a humanidade. Está tudo tão fodido assim fora da esfera da IG e dos clientes para quem geralmente trabalhamos? Estou ignorando a destruição que acontece no mundo além da minha própria existência?

Um gosto amargo na boca me faz tirar a bunda da cama e me arrastar para o banheiro. Sem pressa, escovo os dentes, tiro a roupa suja e entro debaixo do jato quente de água do chuveiro. Por alguns minutos, deixo o calor aliviar a tensão nos músculos das costas e do pescoço. Olho para meu pau flácido, cansado demais para mexer com ele. O alívio me ajudaria a dormir, mas, sem a emoção e o toque de Skyler, esta noite não estou interessado.

Eu me lavo no piloto automático. E assim continuo ao fechar a água, me secar e vestir o roupão.

Quando saio do chuveiro, a visão que me recebe é muito mais que deslumbrante.

Minha mulher está sentada de pernas cruzadas no centro da minha cama, vestindo jeans, camiseta e um sorriso. Seu cabelo cai em ondas douradas pelas costas e sobre os ombros. Sua presença não é a maior surpresa. São as duas bolinhas de pelo pulando em seu colo que me chamam a atenção. Uma amarela e uma preta.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que... Eu... — Olho em choque enquanto ela ergue os dois amiguinhos peludos.

Corro para a cama e pego o cachorrinho preto no colo. Levanto-o e ele lambe meu rosto com sua língua comprida e rosada.

— Quem é você, amigo?

Sky fica de joelhos, segurando o filhote amarelo contra o peito.

— Bom, oficialmente, este é o 707 e este é o 1116. Eles não têm nome — ela responde, triste. — O que significa que vamos ter a honra de dar nomes aos nossos bebês. — Seu sorriso brilha e me faz lembrar o sol surgindo no horizonte em um dia que prometia ser sombrio.

— Meu pêssego... — Faço um carinho em seu braço e encaro seu rosto. Mesmo com o sorriso, posso ver a tristeza por trás.

— Duas noites atrás, o Bo me mandou fotos das centenas de animais que precisavam de um lar. Peguei a Tracey e a minha equipe de relações públicas e fui até lá ontem de manhã para visitar os abrigos que foram montados. Gravei uma mensagem para a imprensa usar, depois autografei toneladas de fotos que a Tracey imprimiu em uma gráfica de lá e ajudamos a coordenar um evento de adoção em massa. Encorajei todo mundo a escolher um animal para adotar. Quem adotasse ganhava uma foto minha autografada e um número para concorrer ao sorteio de um almoço particular comigo e com o meu namorado mês que vem. Espero que você não se importe.

— Claro que não, baby. Achei legal.

Pego sua cabeça e levo sua testa aos lábios, lhe dando um beijo e deixando que sua pele macia e seu perfume se misturem com a respiração do outro filhote, que se agita ao nosso redor.

— E esses dois? Dois cachorros?

Ela anui.

— Fiquei apaixonada. Este é golden retriever misturado com alguma outra raça. Aquele é um pastor-alemão. Eles estavam na mesma gaiola e, sempre que tentavam separá-los, ficavam assustados. Latiam, ganiam, era terrível. Quando eu fazia carinho na cabeça deles, os dois lambiam a minha mão, e eu soube que tinham que ser nossos. Tudo bem?

Beijo seus lábios no mesmo instante em que o amarelo lambe nosso rosto. Nós dois começamos a rir, e Sky beija a cabeça peluda do cachorro.

— O que nós vamos fazer com esses dois? — Rio e olho para a carinha feliz do cachorro que estou segurando. — E que nome vamos dar a eles?

— Talvez eu tenha uma ideia... — Ela sorri e ergue os ombros, tímida.

Inspiro longa e profundamente, gravando na memória a visão de Sky segurando no colo um cachorrinho fofo.

— Diga.

— Bom, esta aqui é fêmea, muito feliz e alegre e dourada como o sol. Pensei em Sunny.

— Sunny — testo o nome. A cachorrinha gira a cabeça nos braços de Sky para olhar para mim. — Acho que ela gosta e já sabe que é o nome dela.

— Talvez porque eu fiquei chamando a pobrezinha um dia inteiro por esse nome — ela admite, corando.

— Adorei. E este brutamontes aqui? — digo, acariciando o cachorrinho nos meus braços.

— Midnight — sugere.

— Midnight — repito. Olho o pelo negro do cachorro, com pequenos tufo castanhos espreitando ao redor da carinha e da barriga, como estrelas no céu noturno. — Sky, Sunny e Midnight. Adorei.

— Eba! Você ouviu isso, Sunny? O papai adorou! Você vai ser tão feliz quanto a gente como seus pais. — Ela abraça a cachorra, se inclina e abraça Midnight, depois me beija com força, me puxando pelo pescoço com uma das mãos. — Eu te amo.

— Eu também te amo, e adorei você ter salvado esses cachorros. Faz com que o inferno que passamos tenha valido a pena.

— Achei que você pensaria isso mesmo. Quando a Wendy me contou o que aconteceu e o Bo pediu a minha ajuda, entrei em ação. A última notícia que eu tive é que faltava arranjar um lar para uns duzentos cachorros apenas. Eles vão ser distribuídos nos abrigos mais afastados para ter maior alcance. Foi muito fácil distribuir os animais de fazenda. Todas as propriedades da região estavam dispostas a aceitar porcos, cabras e galinhas. As escolas, universidades e pet shops ficaram com os roedores. O que restou foi uma tonelada de gatos e cachorros. Principalmente cachorros. E a equipe toda adotou animais. A Wendy e o Mick levaram uma jack russell com beagle de dois anos, deram o nome de Lauren. O Royce adotou uma pit bull que chamou de Halle. E o Bo...

— O Bo adotou um cachorro? — digo, arregalando os olhos de surpresa. — Achei que ele estivesse brincando outro dia quando disse isso.

— Ele estava falando sério, só que não foi um cachorro. Tinha uma gata branca fofa que não desgrudava dele. O Bo disse que qualquer mulher que se esfregue nas pernas dele e marque território merece estar com ele. Disse que a entendia, porque é difícil resistir a ele.

Meu amigo é foda! Rio tanto que minha barriga dói.

— E ouve essa! — Skyler abre um sorriso lindo, e eu penso mais uma vez em como amo seus lábios carnudos e brilhantes. — Sabe que nome ele deu

para a gata?

— Não, qual?

— Snowflake.

— Está brincando!

Ela ri como uma adolescente comentando fofocas.

— Não. Ele disse que uma fêmea que consegue prendê-lo e fazê-lo se comprometer deve ser única, como um floco de neve.

— Boa! — E rio ainda mais. — Mas que bom que ele pegou uma gata. Gatos precisam de muito menos supervisão. E a Kendra?

Sky franze a testa.

— Ela não adotou nenhum. Disse que não podia agora, mas que, quando for morar sozinha, vai pensar nisso.

— Quando for morar sozinha? — Eu não sabia que ela não mora sozinha.

Skyler dá de ombros.

— Ela não acabou de se mudar para cá?

— Sim. Eu sei que a família dela é daqui. Ela deve estar morando com eles por enquanto.

Mas é estranho, porque ela é uma mulher muito independente. Morar com os pais, mesmo que por pouco tempo, não combina muito com seu jeito. Isso me lembra que eu preciso perguntar a Wendy o que ela descobriu sobre Kendra enquanto eu estive fora.

— Deve ser. — Ela suspira.

— Sabe, é tudo muito triste, mas eu estou satisfeito por ter derrubado a PB Insumos e a Pure Beauty Farmacêutica. Conversei com os caras. Sabe os cem mil dólares que eles nos deram de adiantamento? Nós vamos doar à Humane Society para ajudar esses animais, especialmente os doentes que eles maltrataram.

Sky franze o cenho e abraça mais Sunny.

— Meu bem, foi horrível... A quantidade de animais doentes e inválidos... Alguns tiveram que ser sacrificados. Não havia mais como ajudá-los, estavam sofrendo muito. Se vocês não tivessem encontrado aquele lugar e os laboratórios secretos... Eu tremo só de pensar no que teria acontecido com todos esses animais, inclusive os nossos bebês — diz, e sua voz é só um sussurro.

Ela pousa o queixo na cabeça da bolinha de pelo, como se a cadelinha fosse dela desde sempre.

Skyler vai ser uma mãe incrível um dia. Não logo nem no ano que vem, mas quando estivermos prontos. E esses filhotes vão ajudar bastante a definir o caminho rumo a uma família. Por enquanto, estou muito feliz por ter minha namorada e dois bebês peludos.

— Vamos ajeitar tudo para esses dois e pedir comida. O que acha? — sugiro.

— Tudo o que meu homem quiser. Eu estava com saudade.

Ela solta Sunny para a cachorrinha explorar um pouco o ambiente, e eu faço o mesmo com Midnight. Então me abraça e descansa o rosto na curva do meu pescoço.

Com Skyler nos braços e dois filhotinhos fuçando todo o meu quarto, meu mundo está em paz de novo. Não é a primeira vez que esse pensamento ferve dentro de mim, mas é sempre uma sensação maravilhosa. Estar nos braços de Skyler é estar em casa.

10

— Filhotes! Você tinha que adotar filhotes. Não podia pegar cães adultos, que sabem quando e onde fazer xixi e cocô e só latem com motivo. Tinham que ser filhotes, que latem para qualquer coisa e mijam nos meus tapetes. — Nate joga um punhado de guardanapos para nós, que estamos no banco de trás.

Pego o papel e entrego a Skyler. Ela é bem menor que eu, consegue se abaixar e limpar o mais recente incidente de Sunny nos tapetes do SUV.

— Tecnicamente, são *meus* tapetes — Sky retruca. — Você está bravo porque eu não te consultei sobre os cachorros.

— Estou mesmo. Eu não teria comprado tapetes acarpetados. Agora vou ter que mandar lavar o carro.

Skyler franze os lábios e dá de ombros.

— A Sunny não fez de propósito, não é, menininha? — Esfrega o nariz na cabeça peluda da cachorrinha.

Midnight parece um garanhão. Está em pé, o focinho para fora da janela, atento ao que acontece ao redor. Sunny é um desastre. Um lindo desastre por quem minha mulher está apaixonada.

— Não é culpa dela. O carro é um lugar muito excitante, não é, menina? Eu sei, não se preocupe, logo vamos chegar ao prédio do papai e à sua segunda casa — Sky arrulha para a cachorra, como se Sunny entendesse tudo o que ela diz.

E talvez entenda mesmo. A cadelinha presta atenção a cada palavra que sai da boca de Skyler, como se fosse o próprio Deus falando.

Quando Nate vira a esquina do edifício da IG, Skyler dá um tapinha em seu ombro.

— Pare na frente. A Sunny e o Midnight precisam aprender a fazer xixi na grama.

Nate balança a cabeça secamente.

— Tem paparazzi na frente.

— Não interessa. Os meus cachorros precisam fazer xixi.

— Eles podem esperar até você estar segura dentro do prédio. Depois eu levo os cães.

— Pare o maldito carro, Nate. Os meus bebês precisam fazer xixi agora.

— Ela não acabou de fazer? — ele pergunta, sarcástico.

Skyler estreita o olhar, fuzilando-o.

— O Midnight não. Ele está se comportando muito bem, e eu quero reforçar o bom comportamento. Pare este maldito carro.

Nate aperta os lábios e Rachel esconde um sorriso, sem dizer uma palavra. Acho que ela sabe que o humor do marido é questionável e não quer cutucar a onça mais do que Skyler já cutucou.

— Espere até eu dar a volta no carro... por favor — ele rosna.

Quando Nate sai do carro, Rachel o segue.

— Oh-oh, você arrumou problemas com o seu guarda-costas — provoco.

Ela faz beicinho e estreita o olhar.

— Ele trabalha para mim.

Sorriso.

— Talvez você precise lembrá-lo disso, mas honestamente, meu pêssego, ele está só fazendo o trabalho dele. A sua segurança é a prioridade número um para ele, não se o seu cachorro precisa mijar.

— Nossos cachorros — ela diz.

Não que eu precise ser lembrado disso. Estou com Midnight no colo. O menino gostou de mim. Decidiu que eu sou seu humano, e acho ótimo, porque ele é uma graça. Sunny é um docinho e ama a mamãe, mas ambos querem atenção de nós dois. Eles dormem juntinhos e estão sempre perto de nós, independentemente do cômodo em que estejamos. Tanto que, quando Sky e eu tomamos nosso necessário banho juntos, ao sairmos encontramos os dois parados na porta do banheiro nos esperando.

Saber que eles têm medo de ficar sem nós me dói. Não sei o que eles passaram no laboratório, nem quero saber. Estou determinado a garantir que

eles tenham uma vida ótima.

Nate abre nossa porta enquanto Skyler põe uma guia em cada cachorro. Ela me entrega Midnight e tira Sunny do carro.

Os paparazzi enlouquecem quando ela sai com a cachorrinha no colo.

— Skyler, Skyler, é o cachorro que você adotou?

Ela acena, bem-humorada, enquanto leva Sunny até o gramado perto do nosso prédio.

— Qual é o nome dele? — outro paparazzo grita.

Sigo Sky com Midnight.

— Parker, Parker, os cães são de vocês dois ou só da Skyler?

— Como se chamam?

Eles continuam tirando fotos enquanto Nate e Rachel os mantêm a uma distância segura.

— Tudo bem, eu sei que tem plateia, mas faça um esforço para a mamãe, está bem? — ela pede, dando um tapinha na cabeça de Sunny.

A cadela não está gostando de tanta atenção. Põe o rabo entre as pernas e se apoia em Skyler. Coloco Midnight ao lado de Sunny e ele imediatamente vai até a árvore, levanta a perninha e faz seu trabalho.

— Bom menino! Você é um bom menino — digo, acariciando sua nuca, e ele olha para mim com a língua de fora, todo feliz.

Sunny parece descobrir o que queremos que ela faça, se agacha e faz um pouco de xixi. Skyler dá pulinhos, batendo palmas descontroladamente, como se sua cadela tivesse acabado de realizar o truque mais incrível do universo.

— Boa menina!

Ela pega petiscos na bolsa e continua elogiando Sunny e Midnight. Está agachada e olha para mim. Seus olhos estão dourados cor de mel hoje, transbordando de felicidade. Imediatamente meu coração se aquece. Pouso a mão em seu rosto, acariciando sua bochecha rosada, querendo tocar e sentir sua alegria.

— Eles são tão espertos — ela diz, cheia de orgulho.

Sorrio para minha garota.

— São mesmo.

— E se a gente apresentasse os dois aos fotógrafos, para eles irem embora? — ela pergunta.

— Não — Nate rosna.

— Sim — eu digo ao mesmo tempo.

Ele enrijece os ombros e sacode a cabeça.

Depois que os cães cheiraram toda a grama e a árvore, pegamos nossos respectivos no colo e Nate nos escolta até os paparazzi. As câmeras enlouquecem.

— São seus cachorros, Skyler? — um sujeito respeitoso que já vi antes pergunta, mas não tenta se aproximar.

Ela assente, feliz.

— Sim, o Parker e eu adotamos estes dois cachorros daquela fábrica de filhotes horrível que acabou de ser invadida pela Humane Society. Esta é a Sunny, e este é o melhor amigo dela e agora irmão, Midnight.

Mostro o cachorro. Surpreendentemente, ele não tem medo dos flashes. Até se apruma, estica o pescoço, parece se preparar para as câmeras. Eu devia tê-lo batizado de Stud. É um garanhão mesmo.

— Você disse que os dois adotaram esses cachorros. Quer dizer que adotaram juntos?

Skyler sorri.

— Sim. — E se aconchega a mim. — Nós vamos criar estes bebês peludos juntos.

Ela olha para mim e eu a beijo ali mesmo. Toda vez que olho para ela, fico perdido em sua beleza.

— Boa sorte para vocês! — um dos fotógrafos diz.

— Muito fofos esses cachorros! — grita outro.

— Obrigada. E lembrem-se: salvar um cachorro é salvar uma vida! A beleza está dentro de nós, e não precisamos torturar animais inocentes para criar produtos que nos deixem mais bonitos. O que importa é a beleza interior — ela diz, inspirada, antes de pôr a cachorra no chão e enrolar a guia em volta do pulso. — Vamos lá, Sunny. Vamos conhecer a equipe da IG. Tchau! — Sky acena por cima do ombro e segue em direção ao prédio, acompanhada por Nate e Rachel. Sigo ao lado dela, com Midnight liderando o grupo.

Assim que entramos, Nate nos deixa para levar o carro até a garagem, mas Rachel fica conosco. A loira miúda permanece atenta enquanto passamos pela

segurança e vamos até o elevador. Assim que entramos e as portas começam a se fechar, uma mão as detém.

— Espere! — diz uma voz meio estridente.

Aperto o botão para abrir a porta e Benny Singleton entra no elevador. Rosno por dentro. Mas talvez tenha rosnado em voz alta, porque ouço o som reverberar nas paredes do pequeno espaço. Até perceber que não sou eu quem está rosnando. É Midnight.

Benny se espreme contra a parede do elevador. É um covarde mesmo.

— Ei, garoto! Sky, pode me ajudar? — ele pede.

Ela se abaixa e pega Midnight. Faço o mesmo com Sunny.

— Ele protege a família. Não é, garoto? — ela diz, acariciando-o embaixo do queixo e o segurando perto de si.

— Eu adoro cachorros — Benny comenta. Vai acariciar Midnight, mas o cão começa a rosnar de novo.

Rachel levanta a mão e pega o pulso do cara no ar.

— Ei, não toque no cachorro. Ele morde — avisa.

Tecnicamente, não sabemos se ele morde. Mas do jeito que está, com os lábios repuxados para trás e os olhos fixos em Benny, eu diria que ela foi sensata ao avisá-lo.

Benny puxa a mão.

— Caramba! Tudo bem. Desculpe, Midnight. E você?

O estúpido vai acariciar Sunny em meus braços. Midnight rosna mais uma vez e Sunny se encolhe, enterrando o focinho em minha axila.

— Olha, estes cachorros são novos e passaram por muita coisa ruim. Eles não querem ser tocados por estranhos. Melhor se afastar — recomendo, e meu tom não admite argumentos.

Benny arregala os olhos e se apoia na parede do outro lado do elevador.

— Desculpe, é que eu adoro cachorros. Sky, eu não sabia que você era fã também. Eu posso ir com você levar os seus para passear — sugere, analisando o corpo de Skyler, vestida de jeans e regata, com um monte de colares e uma infinidade de anéis e pulseiras, que tilintam a cada movimento.

— Eu... — ela começa, pegando leve.

Mas eu tenho tolerância zero com esse idiota.

— Pode deixar, eu levo os cachorros para passear com a Sky. Além disso, em breve ela não vai estar mais morando aqui.

Ele franze a testa.

— Ah, é? Para onde você vai? Vai voltar para Nova York?

Passo o braço livre em volta dela.

— Estamos comprando uma casa juntos.

— Vocês... Ah, vocês vão morar juntos. Entendo.

— Sim, de modo que eu vou levar os cachorros para passear. Mas obrigado por oferecer — digo secamente, sem dar brecha para ele pensar que não estou sendo sarcástico.

Ele esfrega a nuca e seu rosto sofre não um, mas dois espasmos.

— Isso é... humm... tenho certeza de que vai ser bom para você — diz para mim, mas evita olhar para Skyler.

Esquisitão.

O elevador apita e percebo que é o andar da IG. Ele deve trabalhar em um andar mais alto. Preciso que Wendy ou Nate descubram. Na primeira checagem, ele estava limpo. Nada de estranho, além do fato de mudar de emprego regularmente.

Rachel sai com Sky do elevador e segura a porta aberta para mim.

— Tchau, Skyler. Espero te ver de novo em breve! Vamos tomar um café de novo — Benny grita.

Pouso a mão na lombar dela.

— Acho que não... *amigo* — rosno e estreito o olhar, deixando bem claro o que penso sobre sua ideia.

— Humm, tudo bem. Tenha um bom dia, Skyler. — Benny acena como louco, mas já estou conduzindo-a para a frente, de modo que ela não retribui o gesto.

— Qual é o problema desse cara? Ele age como se fôssemos amigos, quando na verdade passamos só um dia juntos filmando um comercial, os dois crianças. Aí eu o encontro uma vez e o que, viramos melhores amigos? — Skyler faz uma careta.

Passo o braço em volta de seus ombros.

— Eu vou cuidar disso.

Ela ri, mas não diz nada enquanto nos dirigimos à IG com os cachorros no colo. No instante em que abrimos a porta, Annie se levanta.

— Bem-vindos de volta, sr. Ellis, srta. Paige.

— Annie, pode me chamar de Parker.

Skyler dá de ombros.

— E eu de Sky. Somos todos uma família aqui, Annie.

O sorriso dela cresce e a vermelhidão sobe de seu peito e tinge as bochechas. Ela leva as mãos ao rosto e olha para as bolinhas caninas que temos nos braços.

— Meu Deus, quem são essas coisinhas?

Skyler entrega Midnight para Annie e o apresenta. O cachorro fica perfeitamente bem com a moça. Coloco Sunny no chão e ela sai farejando pela sala.

— Aquele é seu, Parker? Acabei de adotar um golden retriever também! Fiz como a Skyler disse no vídeo — declara, orgulhosa e mais confiante do que jamais a vi.

— Sim, são os *nossos* cachorros — digo, olhando para minha mulher enquanto enfatizo a palavra “nossos”.

Sky abre um grande sorriso.

— O Parker e eu temos novidades!

— Ah... achei mesmo ter ouvido a voz de vocês. — É Wendy que entra. Seu cabelo vermelho está alisado para trás com um topete interessante, bufante. Está usando luvas verdes tipo arrastão, sem dedos, que combinam com os sapatos de camurça verde. Calça skinny preta que chega até os tornozelos, camiseta rasgada branca e blazer branco de mangas três quartos. Os farrapos da camiseta deixam ver o sutiã de renda amarela por baixo. Nas orelhas, um par de brincos compridos, tipo candelabro. E sua nova coleira e cadeado, sempre presentes.

— Você parece uma rock star — digo, colocando uma das mãos no quadril e a outra no queixo, avaliando-a.

— Porque eu sou uma rock star! Hellooo! Já nos conhecemos? — diz, sorrindo, e abre os braços, me puxando para um abraço.

Eu a envolvo e inspiro seu aroma de coco e sol.

— Certas coisas em você nunca mudam — sussurro em seu ouvido, apertando-a.

— O que, minha personalidade cintilante?

— Você tem sempre o mesmo cheiro.

— Eu não uso perfume.

— Eu sei. É o seu cheiro. Pergunte ao Mick um dia, veja o que ele diz. Se ele for sensível a cheiros como eu, vai saber do que estou falando.

Ela se afasta e sorri, e seus olhos azuis brilham alegremente.

— Como vai, chefe?

Eu a solto e indico nossos novos bebês peludos.

— Muito bem, considerando tudo.

— Ai, meu Deus! Eles são perfeitos! Só perdem para a minha Lauren — diz, orgulhosa.

— Lauren? — sorrio, lembrando vagamente que Sky mencionou o nome da cachorrinha de Wendy. — Você batizou a sua cachorra de Lauren?

Ela faz biquinho.

— Sim. Como Sophia Loren, mas com L-A-U-R-E-N, porque é mais fofo. O Mick era obcecado pela Sophia Loren... antes de me conhecer, claro. Agora a obsessão dele é por mim.

Ela dá uma piscadinha e tira o celular do bolso de trás da calça. Mostra a tela de fundo: uma foto de Mick segurando uma cachorra de pelo amarelo-avermelhado. Ele não está sorrindo, mas segura o animal de forma protetora.

— A minha Lauren é louca pelo Mick. Compreensível. Nós somos as duas garotas do papai — e sorri, sacana.

— Tá certo, abusada. — Suspiro e concentro a atenção em Skyler, até Bo entrar na sala.

— Irmão! — Ele caminha até mim e me puxa para um abraço, batendo em minhas costas com força. — Que bom que você está em casa.

Quando recuo, percebo longos pelos brancos em sua camiseta preta. Puxo um e mostro para ele.

— Snowflake?

Ele dá de ombros.

— O que eu posso dizer? A bichana me ama.

— Metido! — Wendy lhe dá um soco no braço quando passa atrás dele para abraçar Sky e conhecer nossos cães.

— Tenho uma coisa para você, mas deixei na sua sala — ele me diz, misterioso.

— Ah, é? Devo ficar com medo?

Bo sorri e passa um braço pelo meu pescoço.

— Qualquer outro dia, talvez. Mas hoje não. Acho que você vai gostar da surpresa.

— Meu bem, eu vou levar os filhotes para a cobertura para eles se acostumarem com a segunda casa deles.

— Tudo bem. Te vejo no almoço?

— Vou preparar a minha especialidade! — Ela vai em direção à porta de vidro onde Rachel está, levando nossos cães. — Digam tchau para o papai.

— Papai? — Bo morre de rir.

— Cala a boca, Snowflake.

Ele sorri e vai me empurrando para minha sala.

— Qual é a especialidade dela? É um código para uma rapidinha na hora do almoço?

Eu rio.

— Não. A especialidade dela é sanduíche de pasta de amendoim e geleia.

— Está brincando!

Sacudo a cabeça e rio.

— De jeito nenhum. Mas a rapidinha está garantida.

— Aí sim.

Quando chegamos à minha sala, ele abre a porta e eu entro. No começo não vejo nada fora de lugar, até que contorno minha mesa. No meio da minha cadeira está um gato amarelo enorme dormindo.

Olho para Bo e abro um sorriso largo.

— Você pegou um gato para mim?

— Sim, um belo macho para você.

Dessa vez lhe dou um soco no outro braço.

— Que saco, você e a Wendy! Parem de me bater. Eu vou ficar cheio de hematomas, o que significa que vou ter que arranjar uma mocinha para me

fazer sarar. — Faz uma pausa dramática. — Na verdade, talvez seja bom você me bater de novo — diz, subindo e descendo as sobrancelhas.

— Não me provoque — rosno de brincadeira.

Viro minha cadeira. O gato ergue a cabeça, e me vejo mirando seus surpreendentes olhos verdes.

— Qual é o nome dele?

— Ele não tem nome. Achei que devíamos deixar isso com você. Ele era usado para cobrir as fêmeas. O veterinário que o examinou disse que tem um ano ou dois. Parece que é manso e supertranquilo. Deixei o bichano aqui pouco depois de aterrissar e ele ficou numa boa, tomando sol. E saca só: ele ficou livre para andar pela agência e escolheu a sua sala.

Isso me faz sorrir. Surgem em minha mente imagens agradáveis de Spartacus em Montreal, até eu lembrar que já tenho dois cachorros. Acrescentar um gato agora não é uma boa ideia.

— Irmão, eu não posso levar esse gato para casa... Os cachorrinhos... — começo.

Mas Bo me interrompe com um aceno de mão.

— Eu conversei com o Roy, a Wendy e a Annie. Achamos legal mantê-lo aqui na agência. Todo escritório precisa de um belo ma...

Tampo sua boca com a mão.

— Tá bom, já entendi.

Bo lambe minha palma. Retiro-a e a esfrego na perna da calça.

— Você me lambeu!

— Você pôs a mão na minha boca, cara. Não me responsabilizo pelo que acontece quando um pedaço de carne se aproxima desse orifício.

— Você é nojento.

— Obrigado — diz, mordendo o lábio inferior e sorrindo.

— Muito legal, mas como nós vamos cuidar dele se estamos sempre viajando?

— A Annie se ofereceu para limpar a caixa de areia todo dia e dar água e comida quando chegar e sair. É um gato, cara. Eles não precisam de muita coisa. Vamos deixar as portas abertas à noite para ele poder andar por aí. É metro pra caramba para um animal. Ele vai ser o rei do castelo. Está aqui faz dois dias e já adora. Olhe só para ele.

Olho para o gato deitado na minha cadeira de couro preto. Ele levanta uma pata e a lambe levemente antes de bocejar, baixar a cabeça e fechar os olhos.

— Que nome você vai dar para ele? — Bo pergunta.

Olho para meu novo amigo.

— Bom, se ele é o rei do escritório e um procriador, acho que vou chamá-lo de Zeus.

— Ótimo nome, irmão. Perfeito.

— Agora eu só preciso fazê-lo sair da minha cadeira para poder trabalhar.

Ele ri enquanto se dirige à porta.

— Boa sorte. Ele tomou posse do lugar. Você vai ter que lutar com ele para recuperá-lo.

Sem um pinga de medo, levanto o gato e o coloco no chão. Zeus se senta todo pomposo e lambe a pata, depois olha para mim com seu olhar esmeralda e mia.

— Este lugar é meu, Zeus. Vá se acostumando — digo.

Ele inclina a cabeça e pula no meu colo. Dá uma voltinha, deita e olha para mim. Então mia mais uma vez antes de baixar a cabeça e fechar os olhos.

Passo os dedos pelo seu pelo macio e sedoso.

— Tudo bem. Acho que nós podemos dividir.

SKYLER

— Passarinha, eu sei que nós soltamos o comunicado à imprensa sobre a sua mudança para Boston, mas tem certeza de que é a decisão certa? Você é uma garota do agito, uma garota da cidade.

Franzo a testa. Na verdade, no fundo eu não sou. O trabalho é que sempre me levou às grandes cidades, de Los Angeles a Nova York. Como Tracey está estabelecida em Nova York, fazia sentido que eu morasse lá também. Além disso, Boston fica a cinco horas de avião de LA, ou sete a oito de Paris e outros lugares da Europa onde eu teria que filmar.

— Não muda muito. Eu vou morar em Boston, que não é uma cidade pequena — digo.

— Muda tudo.

— Como assim? Ainda estou na costa Leste. A mesma distância de avião das principais cidades, além de ser mais fácil para rodar a série Classe A. E o meu namorado mora aqui, e nós demos um passo adiante. Estou tão animada! Nem acredito que foi ele que sugeriu!

— Isso te surpreende? Ele namora Skyler Paige, a atriz mais desejada do mundo. Todo mundo quer um pedaço de você.

Suas palavras me descem de um jeito desconfortável e me deixam um gosto amargo na boca.

— Ele não quer um pedaço de mim, Flor. Ele me quer inteira. De corpo e alma. É sério.

— Bom, acho que vou acreditar quando passar mais tempo com vocês juntos.

— Legal! — digo, sorrindo, gostando de ver seu tom de voz deixar de parecer pessimista e ficar mais agradável. — Você vai ter que vir para as filmagens de qualquer maneira, então nós vamos passar muito tempo juntas.

Os cachorros entram correndo no quarto e me acompanham até o banheiro, se contorcendo e choramingando.

— Ei, Trace, vou ter que desligar. Os bebês precisam ir dar uma volta.

— Ainda não acredito que você adotou dois cachorros. Que mulher louca. Como se você tivesse tempo para animais de estimação.

— Bom, espero que em um futuro bem próximo eu tenha muito mais tempo.

Acaricio meus cães e penso na ideia que tive sobre abrir uma escola de atuação. Mas ainda quero falar com Parker sobre isso.

— O que você quer dizer? — Tracey pergunta, com tensão na voz.

Os cachorros batem em minhas pernas de novo.

— Trace, não posso falar sobre isso agora. Preciso levar os bebês para fora logo. A gente conversa depois. Te amo, tchau! — Desligo e chamo Rachel, que está em algum lugar da casa. — Rach, eu preciso levar os filhotes para fazer xixi de novo!

Olho para o espelho à minha frente e ajeito o cabelo enquanto penso no caso em que Parker trabalhou e em como ele acabou com a Pure Beauty Farmacêutica e a PB Insumos. O que eles fizeram foi arriscado, e, depois de ouvir todos os detalhes, senti medo de que ele ou a agência sofressem reações violentas. Mas a gravidade do que foi encontrado naquele laboratório e a conexão com a Pure Beauty alcançaram proporções astronômicas.

Isso me lembra de checar todas as minhas marcas de maquiagem para ter certeza de não usar produtos deles. Abro a gaveta de cosméticos e observo alguns tubos e pacotes fechados de sombras e cremes. Imediatamente reconheço alguns dos nomes que vi na extensa lista na TV outra noite. Jogo esses poucos produtos no lixo. Vou comprar maquiagem nova, orgânica. Pego um batom e noto que é vermelho-cereja, de uma das marcas citadas. Faço uma careta e vou jogá-lo fora quando tenho uma ideia. Me olho no espelho.

Olhos castanhos não muito distantes nem próximos demais. Cabelo loiro comprido e selvagem. Poderia ser um pouco domado. Lábios cheios em forma

de coração. Sobrancelhas arqueadas e maçãs altas e arredondadas. Que preço eu pagaria para permanecer jovem e me sentir bonita?

Estremeço, abro o batom e pouso a ponta vermelha no espelho.

O que importa é a beleza interior.

Escrevo as palavras no espelho para me lembrar de nunca achar que a imagem diante de mim é permanente. Qualquer preço é alto demais para distorcer o que a genética e o Senhor me deram. Entendo a pressão para continuar e parecer jovem, porém, mais que isso, penso que o envelhecimento mostra que eu vivi a vida. As rugas de sorriso significam que eu estou feliz o tempo todo. As rugas entre as sobrancelhas e os vincos nos olhos significam que eu cresci, aprendi, mudei e vivi todos os dias ao máximo. Neste momento, prometo a mim mesma não cair na armadilha de não me achar boa o suficiente, jovem o suficiente ou bonita o bastante para as pessoas ao meu redor, para meus fãs ou meu namorado. Eu vivo por mim. Minha beleza é interior, e espero que apareça do lado de fora também.

Tomada a decisão, falo para meus bebês:

— Vamos lá, galera, vamos fazer xixi e buscar o papai para almoçar. Que tal?

Eles pulam em volta das minhas pernas. Tirando Parker, não há nada que eu ame mais neste mundo que esses dois cachorros. Em três dias, eles já possuem completamente a minha alma.

Midnight se senta quietinho, como um bom menino, enquanto fecho sua coleira. Sunny gira em volta das minhas pernas algumas vezes antes de imitar o irmão.

— Boa menina, bom menino. — Acaricio as duas cabecinhas enquanto Rachel se aproxima.

— Estive pensando. E se nós colocarmos um pouco de grama em um dos terraços? — sugere.

Franzo a testa.

— Grama sintética?

Ela sacode a cabeça.

— Não, grama de verdade. O Nate pode fazer uma plataforma, tipo um canteiro, só com grama, e os cachorros vão ter um lugar para fazer xixi e cocô sem precisar pegar o elevador e ir até a frente do prédio, onde os paparazzi podem tirar fotos suas a cada trinta minutos.

Meu coração bate forte. Olho para a segunda varanda. Não tem muita coisa lá, só uma mesinha e cadeiras, algumas plantas e meus tapetes de ioga.

— Pode funcionar. Você acha que ele consegue fazer isso depressa?

Rachel sorri, o rabo de cavalo loiro caído sobre o ombro.

— Bem depressa, considerando que eu já o mandei ao depósito de material de construção comprar as coisas e arrumar alguém para ajudar.

— Maravilha! — digo, espantada. — Você é demais, Rach.

— Pode crer! — Ela me dá uma piscadinha. — Vamos. Por enquanto, ainda temos que treinar os cachorros.

— Legal. Quando acabarmos, preciso pegar o Parker para almoçar.

— E se eu te deixar no escritório dele e descer com os cachorros? Você me liga quando estiver descendo e eu encontro vocês na frente do prédio. Desde que esteja com o Park, você vai ficar bem.

Sorrio. Sim, com ele eu estou bem. Ter esse homem nos braços é um bálsamo. Sou uma mulher de sorte, com certeza.

— Boa ideia.

Pegamos o elevador e ela me deixa na 1G. Entro e encontro Annie ao telefone. Aponto para a sala de Parker, ela anui e acena para mim. Quando chego à sala dele, me surpreendo ao encontrar a porta aberta. Normalmente ele prefere silêncio e privacidade enquanto trabalha.

Conforme me aproximo, ouço sua voz suave e meiga, como se estivesse falando com uma criança. Paro à porta e olho para dentro. Parker está sentado, e em cima da mesa, bem a sua frente, há um gato amarelo. Ele está tão concentrado no gato que nem percebe que eu cheguei.

— Zeus, eu já entendi que você quer dormir o dia todo no meu colo ou na minha mesa. Mas você precisa escolher outro lugar, cara, senão não vai dar certo.

Eu rio, e o olhar azul do meu namorado se eleva para encontrar o meu.

— Oi, baby.

— Quem é esse aí? — pergunto ao entrar.

— Presente do Bo. Ele resgatou este carinho para mim quando pegou a Snowflake. Dei a ele o nome de Zeus.

Passo a mão na cabeça e nas costas do gato.

— Ele é mais macio ainda que os nossos cachorrinhos.

Ele sorri.

— Eu sei. É um gatinho de colo. Só quer ficar comigo.

— Bom, você queria um gato amarelo e agora tem um. Mas e os nossos bebês? Não sei como vai ser enquanto treinamos os cachorros.

Ele pega o gato e o coloca no chão. Zeus prontamente vai até uma fresta de sol de meio metro no carpete, perto da mesa de Parker, e deita ali. Seu pelo dourado brilha.

— A equipe decidiu que ele vai ficar no escritório.

— Legal! — digo, batendo palmas, mas não muito alto, para não incomodar Zeus e seu banho de sol. Apoio o traseiro na mesa de Parker. — Eu adoro todo mundo aqui. Agora todos nós temos bebês peludos e um gato no escritório.

Parker levanta, se acomoda entre meus joelhos e poussa as mãos no meu pescoço, erguendo meu queixo com os polegares.

— Eu também. Mas sabe o que eu adoro mais que tudo isso junto? — diz, erguendo a sobrancelha e sorrindo.

Mordo o lábio e o lambo devagar. Ele observa o movimento, e suas narinas se dilatam um pouquinho antes de ele se inclinar para mim.

— O quê? — digo sem fôlego, devido a sua proximidade.

Seu cheiro cítrico e amadeirado invade meus sentidos. Enlaço seu tronco com os braços e seus quadris com as pernas, cruzando os tornozelos atrás de suas coxas.

— Você sabe... — ele provoca.

Sorrio e falo bem pertinho de sua boca:

— Diga mesmo assim.

— Eu te amo mais que qualquer coisa.

— Humm. — Suspiro em sua boca enquanto ele me beija, afastando qualquer pensamento sobre bebês peludos, xixi e cocô no lugar certo, grama no terraço e tudo o mais.

Ele mergulha a língua em minha boca, e sinto o sabor de café misturado com seu gosto único. Mergulho a língua na dele também. Quero um sabor mais profundo. Parker passa as mãos pelas minhas costas até seus dedos encontrarem a bainha da minha blusa. Ele a levanta alguns centímetros para poder acariciar minha carne nua. Parker adora me tocar pele com pele.

Depois de deixá-lo explorar minha boca, morder meus lábios e beijar meu pescoço, onde inala repetidamente meu perfume, por fim suspiro e empurro levemente seu peito.

— A Rachel está nos esperando com a Sunny e o Midnight. Pensei em pegarmos uns sanduíches no café e levá-los ao parque. Os paparazzi já tiraram muitas fotos de mim e dos cachorros, de modo que estão entediados, e não há tantos. Acho que conseguimos enganá-los pegando os sanduíches, entrando no carro e pedindo para a Rachel nos levar ao parque. O que você acha?

— Acho perfeito, meu pêssego. Me deixe só ver se o Zeus está bem acomodado.

Ainda colada nele, sinto um zumbido e uma vibração na barriga. Ele recua e pega seu celular. Lê algo na tela, e vejo seu maxilar retesar e seu olhar se estreitar.

— Que foi?

Posso ouvir seus dentes rangendo.

— Nada.

Pouso a mão em seu peito.

— Não me esconda as coisas. Você ficou perturbado. Quero saber por quê. Ele inspira devagar antes de me mostrar a mensagem.

VOCÊ A LEVOU PARA LONGE DE MIM. VOCÊ NÃO É DE CONFIANÇA.

Sinto um arrepio na nuca.

— Achei que esse maluco tivesse desistido. Tivemos uma boa folga, e a última mensagem parecia mais agradável. O que você acha que isso significa? — pergunto.

Engulo em seco e retorço as mãos. Uma eletricidade belisca minhas terminações nervosas, me fazendo sentir insegura.

Parker responde com a voz tensa e palavras comedidas:

— Obviamente, quem quer que seja, ficou sabendo que você vai permanecer em Boston. Você contou para alguém em particular?

— Sim, para o mundo inteiro! — digo, com uma pontinha de pânico. — Estive com a Tracey há alguns dias em Nova York, quando você estava em Washington. Nós jantamos e eu contei para ela que ia morar definitivamente aqui e que nós íamos começar a procurar uma casa e adotar animais de estimação. A Tracey soltou um comunicado à imprensa sobre a minha participação oficial na série Classe A, com uma declaração minha sobre estar entusiasmada por me mudar para Boston e ficar mais perto dos meus amigos e do meu namorado.

— Parece que o nosso amiguinho — ele sacode o telefone com desdém — não gostou da ideia de você se mudar. Isso pode significar que a pessoa mora em Nova York, ou em algum lugar próximo.

Sacudo a cabeça e passo a mão pelo cabelo.

— Ou pode ser alguém que ficou louco porque nós adotamos os cachorrinhos juntos. Acabamos de conversar com os repórteres hoje de manhã. Talvez ele tenha percebido que o nosso relacionamento é sério. Além do fato de o comunicado à imprensa ter sido divulgado. Ou seja, voltamos à estaca zero.

Ele solta um suspiro pesado quando seu telefone vibra de novo. Dessa vez nós dois lemos a mensagem.

LIÇÃO APRENDIDA. AGORA É A SUA VEZ DE APRENDER UMA LIÇÃO.

— Ah, meu Deus. — Cubro a boca com a mão. — Ele vai te fazer mal, tenho certeza. Ele está bravo e vai machucar você! — Lágrimas fazem meus olhos arderem, mas elas não têm chance de cair antes de Parker me abraçar.

— Shhh... Nada vai acontecer comigo. Está tudo bem. Nós vamos cuidar disso. A tensão pode ter aumentado, mas isso não significa que a pessoa vai atacar. Não houve nenhum desdobramento físico até agora.

Engulo em seco e minha voz treme.

— Até agora! Ele *ainda* não fez nada! É uma questão de tempo. Não posso nem pensar em perder você, Parker.

Ele mergulha o rosto em meu pescoço, apertando firme meu corpo contra o seu. Seus braços são como uma barreira segura contra qualquer coisa que possa estar ali fora esperando para me pegar.

Segura.

Eu me sinto segura em seus braços.

— Respire, baby. Não vai acontecer nada. Vamos pôr o Nate e a Wendy para investigar isso imediatamente. — Ele passa as mãos para cima e para baixo em minha coluna.

— Meu bem... — As palavras saem trêmulas de meus lábios. — Eu não posso te perder.

Ele me afasta um pouco, até nossos olhares se encontrarem.

— Você não vai me perder. O sujeito está de brincadeira. É um fracassado que está ligado em você de um jeito doentio. Ele não fez nada além de nos provocar, não é?

Lambo os lábios salgados e assinto.

— Pois bem. Isso significa que é um covarde. Nós precisamos ser espertos, e somos. Agora vamos lá. Nossos cães querem ir ao parque, e eu preciso dar comida para a minha mulher, já que ela não fez a sua especialidade.

— Pode ser no jantar? — sugiro.

— Como você quiser. — E me puxa contra o peito.

— Eu só quero você, nossos filhotes e nossos amigos... e o Zeus.

Park ri e diminui um pouco meu medo e minha ansiedade.

— E o Zeus, claro. — Então beija meus lábios e enxuga as poucas lágrimas que derramei. — Não preocupe mais a sua linda cabecinha com isso. Eu vou cuidar de tudo, está bem?

— Tudo bem. Mas não me esconda nada. Eu preciso saber o que está acontecendo, senão vou ter mais medo.

Parker me pega pela cintura e me leva até a porta.

— Vamos bater um papo rápido com a Wendy e depois vamos ao parque. Nada além de céu azul, grama verde e os nossos bebês — diz, apertando meu ombro carinhosamente.

— Só nós. Contra o mundo.

— Isso mesmo. Você, eu e os nossos filhotes.

Ele me dá uma piscadinha e eu sorrio. Sei que Parker não vai parar até encontrar essa pessoa. Só preciso aguentar firme e confiar. Ele vai cuidar de mim e da nossa nova pequena família.

**AS AVENTURAS DE PARKER E SEUS SÓCIOS
AO REDOR DO MUNDO CONTINUAM.**

INTERNATIONAL GUY

Madri
Rio de Janeiro
Los Angeles

Uma gravadora de Madri contrata a International Guy para transformar Juliet Jimenez, uma menina com voz de anjo, em uma pop star sexy e poderosa. O cliente quer os mesmos resultados que eles obtiveram no desfile de moda em Milão, de modo que Parker aciona o mestre do sexo... Bogart Montgomery. Com os planos para a filmagem da série Classe A evoluindo, Parker sugere que Skyler viaje com eles. Sua inclusão no trabalho se revela fundamental para um bom resultado. Enquanto isso, uma antiga cliente da agência faz uma visita surpresa.

No penúltimo volume da série, encontramos os amigos devastados pelos acontecimentos recentes. Amizades destruídas, membros da equipe em condições críticas, e a ameaça a Skyler e Parker nunca foi tão real. Mesmo assim, uma situação leva dois membros da agência ao Rio de Janeiro, onde o amor, a honra e a família ganham precedência. E, bem quando pensamos que já está tudo solucionado, descobrimos que alguns relacionamentos são mais deturpados do que poderíamos imaginar. Algumas verdades podem libertar... ou acabar com tudo de uma vez.

No último passo da jornada de Parker e Skyler, a agência aceita um trabalho que considera fácil em Los Angeles. Uma produtora influente e absurdamente sexy está

criando uma versão mais moderna daqueles programas de namoro na TV. A equipe da IG é chamada para ajudar a escolher os melhores casais a fim de deixar o programa engraçado, sedutor e quente e torná-lo um campeão de audiência. O que eles não sabem é que tudo isso é um grande esquema para colocar Parker sob os holofotes, como alvo dos desejos mais loucos de uma linda mulher.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

International Guy: Washington

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>



International Guy: Madri - vol. 10

Carlan, Audrey

9788576867678

140 páginas

[Compre agora e leia](#)

International Guy é a agência de Parker Ellis, um dos maiores especialistas do mundo em vida e amor, que tem como missão ajudar as mulheres em questões tão diversas quanto se sentir sexy e poderosas, aprender a administrar um império empresarial ou conquistar o homem dos seus sonhos. Parker e seus dois sócios atendem mulheres ricas do mundo todo, como atrizes de Hollywood, membros da realeza e CEOs de multinacionais bilionárias. E, às vezes, eles não podem evitar que as coisas esquentem e vão parar na cama de suas clientes. Literalmente. Parker adora sua vida de playboy e não está procurando compromisso. Afinal, há um mundo inteiro à sua frente: os negócios o levam de Paris a Milão, de Berlim ao Rio de Janeiro. Mas, conforme ele pula de cidade em cidade — e de cama em cama —, é possível que acabe encontrando mais que sexo ao longo do caminho... A jornada de Parker e seus sócios está chegando ao fim. Acompanhado de Skyler e Bo, ele vai para a colorida Madri transformar uma jovem cantora em uma estrela.

[Compre agora e leia](#)



Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

JANEIRO

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey

9788576865247

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)



Amor sob encomenda

Rissi, Carina

9788576867999

522 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo romance da autora do best-seller *Perdida*. Melissa Gouvêa está totalmente focada na profissão. Responsável pela situação financeira da família, incluindo o caro tratamento médico da mãe, a determinada assistente sonha em se tornar a produtora de eventos da Allure. Como se casar não faz parte de seus planos no momento, ela se assusta ao saber que o namorado foi visto comprando um anel de noivado. Mas Mel não devia ter se preocupado tanto, já que o anel não era para ela e, pior ainda, a Allure foi contratada para o cerimonial do canalha. Mesmo assim, Melissa aceita o maior desafio de todos: produzir o casamento do ex. A bagunça em sua vida aumenta quando ela se vê dividindo o apartamento com o cara mais irritante, cínico, atrevido — e muito lindo, infelizmente — que conhece. Melissa devia se concentrar em manter o que resta de seu coração a salvo e sobreviver ao casamento do ex. O problema é que o novo colega de apartamento confunde sua razão e seus batimentos cardíacos, despertando desejos avassaladores até então desconhecidos. Tarde demais, Mel se dá conta de que seu coração nunca correu tanto perigo... Amor sob encomenda vem cheio de humor, amor e emoção e apresenta uma história que nos fará refletir a respeito do que realmente é importante na vida.

[Compre agora e leia](#)



Audrey Carlan

0. *primeiro* DIA DOS **NAMORADOS**

um conto da série

A
garota DO
CALENDÁRIO

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey

9788576866428

26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)

Autora de *Um verão na Itália*

Carrie Elks

Um de amor de inverno

As Irmãs
Shakespeare
LIVRO 2



VERUS
EDITORA

Um amor de inverno - As irmãs Shakespeare - vol. 2

Elks, Carrie

9788576867647

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Pode estar nevando lá fora, mas, em uma cabana de madeira no meio da floresta, as coisas estão definitivamente quentes... A estudante de cinema Kitty Shakespeare está determinada a aproveitar ao máximo seu novo emprego como babá. Pode não ser exatamente a carreira que ela esperava quando mudou de Londres para Los Angeles, mas, graças ao hábito de travar em entrevistas, esta pode ser sua última chance de impressionar um dos maiores produtores de Hollywood — se ela conseguir cuidar do filho dele direito, certamente o homem vai olhar para ela com mais atenção. Pelo lado positivo, há muita neve na casa da família nas montanhas e ela sempre adorou crianças. Mas Kitty não contava se envolver com a família problemática do chefe, nem se sentir atraída por Adam, o irmão sexy e recluso. Adam Klein pode ser lindo, mas também é bruto e grosseiro e não está pronto para cair de quatro pela babá — não depois do ano que ele teve. Tudo o que ele quer é se enfiar em sua cabana na floresta e se esconder do irmão que destruiu sua vida. Se ao menos ele conseguisse ignorar a maneira como Kitty faz seu coração disparar... Isso está longe de ser amor à primeira vista — mas desde quando o caminho para um final feliz digno de cinema acontece sem tropeços? Um amor de inverno é mais um romance de aquecer o coração da série As Irmãs Shakespeare. Quatro irmãs, quatro histórias... quatro maneiras de encontrar o amor verdadeiro.

[Compre agora e leia](#)